

UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA MARIA
CENTRO DE ARTES E LETRAS
DEPARTAMENTO DE ARTES CÊNICAS
CURSO DE BACHARELADO EM ARTES CÊNICAS - DIREÇÃO
TEATRAL
LABORATÓRIO DE METODOLOGIAS DE CRIAÇÃO EM DIREÇÃO
TEATRAL II

Marcos Lima Beber

**ENCONTRANDO BRECHAS: A APRECIÇÃO TEATRAL COMO
POSSIBILIDADE PARA A EXPERIÊNCIA ESTÉTICA**

Santa Maria, RS

2023

Marcos Lima Beber

**ENCONTRANDO BRECHAS: A APRECIÇÃO TEATRAL COMO
POSSIBILIDADE PARA A EXPERIÊNCIA ESTÉTICA**

Memorial Reflexivo à Disciplina de LABORATÓRIO DE METODOLOGIAS DE CRIAÇÃO EM DIREÇÃO TEATRAL II do curso de Artes Cênicas Bacharelado da Universidade Federal de Santa Maria (UFSM, RS), como requisito para a obtenção do Título de **Bacharel em Artes Cênicas**.

Orientador: Prof^a. Dr^a. Camila Borges dos Santos

Santa Maria, RS

2023

Marcos Lima Beber

**ENCONTRANDO BRECHAS: A APRECIÇÃO TEATRAL COMO
POSSIBILIDADE PARA A EXPERIÊNCIA ESTÉTICA**

Memorial Reflexivo à Disciplina de
LABORATÓRIO DE METODOLOGIAS DE
CRIAÇÃO EM DIREÇÃO TEATRAL II do
curso de Artes Cênicas Bacharelado da
Universidade Federal de Santa Maria
(UFSM, RS), como requisito para a
obtenção do Título de **Bacharel em Artes
Cênicas**.

Aprovado em 11 de dezembro de 2023:

**Camila Borges, Dr.^a (UFSM)
(Prof.^a Orientador)**

Cândice Moura Lorenzoni, Dr.^a (UFSM)

Miriam Benigna Lessa Dias, Dr.^a (UFSM)

Santa Maria, RS

2023

DEDICATÓRIA

Dedico este trabalho à Universidade Federal de Santa Maria (UFSM), instituição que me acolheu e proporcionou um ambiente propício ao aprendizado. Expresso minha gratidão ao Departamento de Artes Cênicas, que desempenhou um papel fundamental na minha formação, oferecendo suporte, conhecimento e inspiração.

Ao Curso de Artes Cênicas, dedico meu reconhecimento pela qualidade do ensino e pela oportunidade de explorar minha paixão pelas artes de maneira tão enriquecedora. Cada aula, projeto e desafio contribuíram para meu crescimento como estudante e profissional das artes. Agradeço a mim mesmo por cada esforço, superação de desafios e dedicação ao longo desta jornada acadêmica. Esta conquista é fruto do meu comprometimento com o conhecimento e com a busca incessante pela excelência.

À minha mãe, fonte inesgotável de apoio, amor e incentivo, dedico este trabalho como expressão da gratidão por sua presença constante e pelo exemplo de determinação que sempre me inspirou.

Aos meus amigos, companheiros de jornada, agradeço a colaboração, amizade e troca de experiências. Juntos, enfrentamos desafios, celebramos conquistas e construímos memórias que levarei para toda a vida.

À Assistência Estudantil da UFSM, em especial à Casa do Estudante, expresso minha profunda gratidão. Sem o apoio fundamental proporcionado por essa estrutura, minha formação acadêmica não teria sido possível. A assistência recebida foi mais que um suporte; foi um alicerce que sustentou meus sonhos e aspirações.

Que esta dedicação represente não apenas o encerramento de um ciclo acadêmico, mas também o início de novas realizações e contribuições para a sociedade que me acolheu e enriqueceu.

AGRADECIMENTOS

Início agradecendo ao Marcos de 2012, que quando formado no ensino médio, insistiu por 3 anos até conseguir ingressar na Federal. Agradeço a minha mãe Roseneida Pimentel de Lima, que nunca desistiu de sonhar esse sonho comigo, e de estar presente em tudo que era possível. Em seguida estendo este agradecimento a Universidade Federal de Santa Maria, e todas as suas pró-reitorias, em especial a Pró Reitoria de Assuntos Estudantis, local o qual se estrutura a assistência estudantil, sem ela esse momento jamais estaria acontecendo.

Agradeço a Casa do Estudante Universitário (CEU II), lugar onde morei durante toda minha graduação e o qual tenho orgulho de chamar de lar, sem ele não seria possível minha permanência no curso. Ao Restaurante Universitário (RU), local que me proporcionou uma alimentação diariamente. Estendo aqui meus agradecimentos a Diretoria da CEU II, a qual fui membro durante os anos de 2017 e 2018, lá pude vivenciar e ter contato com o Movimento de Casas do Estudante (MCE), abrangendo meu olhar para um nível nacional a respeito desse assunto.

Agradeço ao Centro de Artes e Letras (CAL), ao Departamento de Artes Cênicas, a Coordenação do curso de Artes Cênicas, a Coordenação do Curso de Teatro Licenciatura e aos professores de fazem parte direta ou indiretamente na construção da minha formação, em especial: Camila Borges dos Santos, Cândice Moura Lorenzoni, Daniel Reis Plá, Débora Matiuzzi, Elcio Gimenez Rossini, Fabiana Siqueira Fontana, Inajá Neckel, José Renato Noronha, Lisandro Marcos Pires Bellotto, Marcia Berselli, Mariane Magno Ribas, Miriam Benigna Lessa Dias, Pablo Canalles, Raquel Guerra, Silvana Baggio Avila e Tatiana Barrios Vinadé. Também destaco os funcionários que sempre estiveram dispostos a ajudar e facilitar as burocracias institucionais.

Trago aqui uma menção honrosa a orientadora deste projeto, Camila Borges dos Santos, pelos desgastantes e inúmeros encontros os quais resultaram neste memorial. E as professoras que compõe a banca deste relatório, Cândice de Moura Lorenzoni e Miriam Lessa Benigna, as quais estão presentes desde o início da minha formação. EU AMO VOCÊS!

Estendo um agradecimento especial aos amigos e amigas que estiveram presentes durante esse processo: Heverson do Santos Gonçalves, Bruna Luft, , Érica Messerchimidt, Gabriel Machado, Cristiano Lima , Karen Costa, Bruna Lima, Carla

Almeida, Jessica da Silva, Ana Beatriz, Theo Stein, Monoela Cargnelutti, Lucas Back, Rafael Amarantes, Ana Vitória Benittes, Sem vocês essa jornada não teria sido a alegria que foi.

E por fim, termino meus agradecimentos com uma frase que seguiu minha jornada acadêmica do início ao fim: “Aos que não acreditaram, aqui estou. Aos que deram força, muito obrigado!”

“Eu achei que seria um momento bem mais alegre e interativo, não...

Tá triste isso aqui”

(Participante da Roda de Conversa)

RESUMO

ENCONTRANDO BRECHAS: A APRECIÇÃO TEATRAL COMO POSSIBILIDADE PARA A EXPERIÊNCIA ESTÉTICA

AUTOR: Marcos Lima Beber

ORIENTADORA: Prof^ª. Dr^ª. Camila Borges dos Santos

Este trabalho compartilha os processos criativos e teóricos desenvolvidos nos semestres 7 e 8 do curso de Artes Cênicas – Bacharelado em Direção Teatral da Universidade Federal de Santa Maria (UFSM), sob a orientação da professora Camila Borges dos Santos. O projeto engloba dois semestres, culminando na criação e apresentação de um espetáculo cênico entre março e dezembro de 2023. A pesquisa busca responder à questão "Quem e como é forjada a experiência artística do adolescente?" e reflete sobre as estratégias para abordar esse questionamento. O espetáculo, estruturado com temáticas atuais, visa proporcionar uma experiência teatral a adolescentes de 11 a 14 anos. Exploro o conceito de experiência estética, especificamente no teatro, com base em Nadja Hermann e Flávio Desgranges, visando entender como ela pode ser promovida nesse grupo durante a apreciação teatral. A pesquisa justifica-se pela relevância da experiência estética no desenvolvimento humano, conforme conceituado por Hermann (2010). A metodologia envolve ensaios práticos a partir da criação de uma dramaturgia, desenvolvida pelo diretor e pelas atrizes, explorando partituras de cenas para criar o espetáculo. Os resultados, foram discutidos com a faixa etária escolhida, promovendo um diálogo potente. A temática também é relevante para o contexto escolar, enriquecendo a educação cultural e artística dos alunos. A experiência estética revelou-se uma semente que germinou nas mentes desses jovens, destacando não apenas a compreensão teórica, mas sua internalização na prática. A peça tornou-se um espelho sensível de suas experiências, influenciando a forma como percebem e interagem com o mundo. A confirmação da existência da experiência estética no grupo celebra não apenas o esforço artístico, mas a capacidade do teatro de transcender o palco e impactar a vivência humana, revelando-se um veículo poderoso para a construção de significado.

Palavras-Chaves: Direção Teatral; Experiência Estética; Faixa etária de 11 a 14 anos

ABSTRACT

FINDING GAPS: THEATRICAL APPRECIATION AS A POSSIBILITY FOR AESTHETIC EXPERIENCE

AUTHOR: Marcos Lima Beber

ADVISOR: Prof^a. Dr^a. Camila Borges dos Santos

This work shares the creative and theoretical processes developed in semesters 7 and 8 of the Performing Arts - BA in Theater Directing course at the Federal University of Santa Maria (UFSM), under the guidance of Professor Camila Borges dos Santos. The project spans two semesters, culminating in the creation and presentation of a stage show between March and December 2023. The research seeks to answer the question "How is the artistic experience of adolescents forged?" and reflects on strategies to address this question. The show, structured around current themes, aims to provide a theatrical experience for teenagers aged 11 to 14. I explore the concept of aesthetic experience, specifically in theater, based on Nadja Hermann and Flávio Desgranges, in order to understand how it can be promoted in this group during theater appreciation. The research is justified by the relevance of aesthetic experience in human development, as conceptualized by Hermann (2010). The methodology involves practical rehearsals based on the creation of a dramaturgy, developed by the director and the actresses, exploring scores of scenes to create the show. The results, still in process, will be discussed with the chosen age group, promoting a powerful dialog. The theme is also relevant to the school context, enriching the students' cultural and artistic education. The aesthetic experience proved to be a seed that germinated in the minds of these young people, highlighting not only theoretical understanding, but its internalization in practice. The play has become a sensitive mirror of their experiences, influencing the way they perceive and interact with the world. The confirmation of the existence of the aesthetic experience in the group celebrates not only the artistic effort, but the capacity of theater to transcend the stage and impact human experience, revealing itself as a powerful vehicle for the construction of meaning.

Keywords: Theatrical Direction; Aesthetic Experience; Age range 11-14 years

LISTA DE FIGURAS

Figura 1 Registro do primeiro ensaio	17
Figura 2 Registro de ensaio	21
Figura 3 Registro de ensaio	22
Figura 4 Registro de ensaio	23
Figura 5 Registro de ensaio	25
Figura 6 Cenário Inicial	26
Figura 7 Foto dia da apresentação (bancos).....	27
Figura 8 Foto dia da apresentação (caixas).....	28
Figura 9 Foto do dia da apresentação (cenário).....	30
Figura 10 Foto do dia da apresentação (cenário).....	32
Figura 11 Foto do dia da apresentação (luz).....	33
Figura 12 Foto do dia da apresentação (luz).....	34
Figura 13 Foto dia da apresentação (luz).....	35
Figura 14 Foto dia da apresentação (Figurino e Maquiagem).....	36
Figura 15 Foto dia da apresentação (Figurino e maquiagem).....	37
Figura 16 Foto minutos antes da estreia	43
Figura 17 Foto da apresentação na escola	65
Figura 18 Foto da apresentação na escola	66
Figura 19 Foto da apresentação na escola (com os alunos).....	72
Figura 20 Foto do dia da banca consultiva.....	79

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	12
JUSTIFICATIVA	14
1 O TEATRO ENQUANTO BRECHA	16
1.1 CRIANDO AS BECHAS ATRAVES DO PALCO - A ARTE DA PRODUÇÃO TEATRAL	16
1.1.1 O elenco	16
1.1.2 A dramaturgia	18
1.1.3 Os ensaios	21
1.1.4 Estética.....	Erro! Indicador não definido.
1.1.5 Iluminação.....	33
1.1.6 Figurino e maquiagem	36
1.1.7 Trilha sonora.....	38
1.2 A DIREÇÃO - A ARTE DO OLHAR E DA ESCUTA POR ENTRE AS BRECHAS	40
1.2.1 Explorando Relações Humanas e Emocionais na Cena Adolescente	41
1.2.2 Uma Surpreendente Jornada Fora dos Planos.....	43
2 TEORIA: O FIO CONDUTOR NA BUSCA DA PROCURA DAS BRECHAS	46
2.1 O CONCEITO: A LUPA PARA SE VER AS BRECHAS.....	46
2.2 O CONCEITO REFLETIDO NA PRÁTICA, OU NÃO...: AS BRECHAS QUE CONSEGUIMOS ENCONTRAR	52
2.2.1 Momento 1	54
2.2.2 Momento 2	64
3 CONCLUSÃO: ABRI BRECHAS E ENCONTREI UM LUGAR PARA HABITAR	73
REFERÊNCIAS	80
ANEXOS	81

INTRODUÇÃO

O presente memorial reflexivo tem como objetivo aprofundar a compreensão dos processos criativos e teóricos que desenvolvi nas disciplinas de Ateliê De Montagem em Direção Teatral II e Laboratório de Metodologias de Criação em Direção Teatral II, obrigatórias do sétimo e oitavo semestre do curso de Artes Cênicas - Bacharelado em Direção Teatral da Universidade Federal de Santa Maria (UFSM). Esta pesquisa abrange um período de dois semestres, durante os quais foi criado e apresentado um espetáculo cênico ao público. O processo criativo e teórico deste espetáculo ocorreu de março a dezembro de 2023, sob a orientação da professora Camila Borges dos Santos.

O ponto de partida deste memorial, espelha-se no projeto de pesquisa intitulado “ENCONTRANDO BRECHAS: A APRECIÇÃO TEATRAL COMO POSSIBILIDADE PARA A EXPERIÊNCIA ESTÉTICA” que tem como questão norteadora: "Quem e como é forjada a experiência artística do adolescente?". Esta pergunta serve como um disparador para estruturar uma linha de ação que busca desenvolver métodos capazes de responder a essa e outras questões relacionadas ao tema. A proposta buscou construir um espetáculo cênico que abordasse temas atuais e que refletisse as vivências subjetivas de crianças e de adolescentes, proporcionando-lhes uma experiência teatral significativa.

A pesquisa focaliza a exploração do conceito de experiência estética no contexto teatral, fundamentando-se nos estudos de Nadja Hermann e Flávio Desgranges. O objetivo geral foi compreender como essa experiência pode ser fomentada em um grupo de crianças e adolescentes de 11 a 14 anos durante a apreciação de um espetáculo teatral, destacando-se pelo enfoque específico nesse público escolar.

A justificativa para o estudo baseia-se na sólida influência da experiência estética no desenvolvimento humano, permeando a subjetividade e a relação com o mundo, conforme enfatizado por Hermann (2010, p.45). A pesquisa também se mostra relevante no contexto educacional, enriquecendo a formação cultural e artística dos alunos. A abordagem do problema concentrou-se em uma revisão bibliográfica abrangente sobre a experiência estética e seu efeito no teatro. Os

objetivos geral e específicos foram formulados com precisão para direcionar a pesquisa, visando alcançar resultados concretos e significativos.

A intenção do estudo consistiu em proporcionar a apreciação e discussão de um espetáculo teatral para o público-alvo, promovendo uma experiência enriquecedora e envolvente que contribuísse para o desenvolvimento da sensibilidade estética e cognitiva dos adolescentes. A metodologia, qualitativa e exploratória, permeou todas as etapas, desde a concepção do espetáculo até as rodas de conversa. Dividida em três etapas, Etapa 1: Teórico-Prática, Etapa 2: Apreciação e Discussão e Etapa 3: Escrita do Memorial Reflexivo. A abordagem científica e sistematizada orientou o processo criativo e a análise dos resultados, proporcionando uma base sólida para a pesquisa.

Em síntese, este memorial reflexivo busca responder a uma questão essencial sobre a formação da experiência estética em crianças e adolescentes, contribuindo para a promoção da sensibilidade às diferenças e à diversidade cultural por meio do teatro como proposta educacional. A trajetória pessoal e acadêmica do pesquisador reflete a paixão pelas artes cênicas, reforçando o compromisso em tornar a arte e a cultura acessíveis e significativas para as gerações futuras.

Este trabalho será dividido então, em três capítulos, além da introdução e justificativa. No capítulo um apresenta-se a parte prática desta pesquisa, nele consta uma reflexão das escolhas e dos caminhos atotados para chegar à construção do espetáculo cênico. No Capítulo dois consta uma revisão bibliografia a cerca dos conceitos que alicerçam esta pesquisa, além da análise e reflexões das duas rodas de conversa (Anexo H e I). E para finalizar, uma conclusão com considerações deste processo além de uma reflexão final a cerca dos caminhos que a pesquisa teve.

JUSTIFICATIVA

O projeto científico realizado como trabalho obrigatório para conclusão do curso de Bacharelado em Artes Cênicas - Direção Teatral na Universidade Federal de Santa Maria apresentou uma possível exploração da importância da experiência estética e seu papel no desenvolvimento humano. O estudo buscou compreender como crianças e adolescentes, muitas vezes privados da apreciação das artes, poderiam vivenciar a experiência estética durante a apreciação de um espetáculo teatral. Ao assistir uma peça teatral, os espectadores são expostos a múltiplas representações, desafiando seu pensamento crítico e abrindo caminho para a reflexão sobre diversos temas. Além disso, a experiência teatral possibilita a exploração de emoções e a compreensão do mundo ao redor, podendo promover a empatia e a compreensão de diferentes perspectivas.

Introduzir o teatro no ambiente escolar proporciona uma experiência de aprendizagem interativa e dinâmica, estimulando a criatividade, a expressão artística e o desenvolvimento de novas habilidades. A pesquisa explorou o valor pedagógico da experiência teatral, fornecendo uma gama de benefícios educacionais e pessoais. O estudo ressalta a importância do teatro como possibilidade de transformação e enriquecimento humano. Investigar essa questão foi crucial, uma vez que muitas crianças e adolescentes têm pouco contato com o teatro, privando-os do entendimento do valor cultural e social que ele representa. A pesquisa proposta buscou proporcionar a apreciação e discussão de espetáculos teatrais para esse público-alvo.

Contribuindo para professores e pesquisadores interessados em compreender a importância de refletir sobre a cultura de maneira significativa, o estudo demonstrou como a experiência estética pode ampliar a compreensão cultural, emocional e cognitiva dos indivíduos. A pesquisa foi uma oportunidade de oferecer às crianças e aos adolescentes saberes importantes, como sensibilidade, intuição, imaginação e subjetividade, por meio da apreciação teatral. A abordagem do projeto vinculou minha trajetória de vida e acadêmica para destacar os motivos que justificam a escolha desse tema de investigação, os quais serão resumidamente apresentados agora.

Desde a infância, nutri uma paixão pela arte, participando ativamente de grupos de teatro e dança, buscando destacar-me em diversas atividades artísticas.

Embora o contato com peças de teatro na infância tenha sido limitado, o interesse por esse mundo nasceu de forma interna. Minha jornada acadêmica na UFSM foi marcada pelo ingresso na Licenciatura em Teatro, onde posteriormente optei por reingressar no Curso de Bacharelado em Artes Cênicas.

Durante a graduação, destaco minha participação em projetos de encenação que me permitiram explorar múltiplos personagens, sendo o projeto de Encenação V e VI, com direção de Karina Maia, baseado na obra de Samuel Becket, "Todos Os Que Caem", uma experiência marcante onde pude destacar minha versatilidade na interpretação. Na fase final do curso, mergulhei em projetos de monólogo e práticas criativas, como a Mímesis Corpóreas, enriquecendo meu repertório teatral e permitindo a exploração de abordagens mais pessoais e reflexivas.

Minha participação em uma montagem para crianças e adolescentes ressaltou a importância de adaptar o teatro para atender diferentes faixas etárias. Essa experiência despertou meu interesse em produzir peças direcionadas a adolescentes, explorando temas complexos e relevantes para essa audiência. Após a formatura, iniciei uma nova jornada no curso de Direção Teatral, realizando uma pesquisa teórica sobre a Autoficção e produzindo uma peça em autodireção. Embora desafiadora e solitária, essa abordagem foi significativa para meu crescimento profissional.

Para o meu próximo trabalho de conclusão de curso, escolhi a orientação da Prof.^a Camila Borges dos Santos, com vasta experiência em teatro infantil, alinhada aos meus objetivos de explorar essa vertente artística. Estive ansioso para os próximos passos em minha trajetória teatral, buscando sempre expandir meus horizontes e aprofundar-me nas diferentes vertentes do mundo artístico.

1 O TEATRO ENQUANTO BRECHA

1.1 CRIANDO AS BECHAS ATRAVES DO PALCO - A ARTE DA PRODUÇÃO TEATRAL

A produção de um espetáculo teatral transcende a simples encenação de uma história; é um processo complexo que mistura arte, criatividade, expressão e técnica. O teatro é uma forma de arte antiga e atemporal, capaz de provocar uma ampla gama de emoções e reflexões no público, bem como evocar significados profundos. Este capítulo aborda o fascinante mundo por trás das cortinas, mergulhando nos bastidores da criação de um espetáculo teatral.

Nele, exploraremos os elementos que convergem para dar vida a uma narrativa, desde a concepção inicial da dramaturgia até as escolhas estéticas no cenário, figurino, iluminação e trilha sonora. Examina-se o meticuloso trabalho dos artistas - diretores, atores e demais profissionais envolvidos - em sua jornada para construir uma experiência artística memorável. Este capítulo revela os bastidores da magia teatral, oferecendo uma compreensão aprofundada do processo criativo e da complexidade envolvida na produção de um espetáculo cativante e emocionante para o público.

1.1.1 O elenco

A seleção do elenco para uma peça teatral é um processo essencial que influencia diretamente no resultado da encenação. Nesse contexto, a escolha de duas atrizes, ambas mulheres e sem qualquer conhecimento prévio uma da outra, adicionou uma camada de complexidade e novas possibilidades para a produção teatral. Ao optar por elas, busquei explorar a interação entre duas artistas que traziam consigo visões, experiências e perspectivas distintas. Esse viés ofereceu ao espetáculo um potencial rico e único, moldando não apenas as performances individuais, mas também a dinâmica geral das cenas. As atrizes, cada uma com suas particularidades e bagagens artísticas, não somente representavam papéis distintos na peça, mas se desafiavam a responder ao que a outra artista trazia para o palco.

Figura 1 Registro do primeiro ensaio



Fonte: arquivo do autor.

O ensaio foi marcado por um processo de descoberta mútua, no qual as atrizes exploraram suas semelhanças e diferenças para enriquecer a interpretação. O constante diálogo entre elas permitiu uma fluidez notável nas cenas, originando uma dinâmica teatral atraente e convincente. A liberdade para se expressarem individualmente e interagirem de forma autêntica gerou uma simbiose entre os papéis que interpretaram, agregando profundidade e autenticidade à encenação.

A ausência de familiaridade prévia entre as atrizes permitiu a criação de uma relação no palco que refletia, com autenticidade, as relações interpessoais representadas na peça. A exploração desse terreno desconhecido e a construção de um relacionamento entre personagens que não eram inicialmente familiares para as atrizes, resultaram em uma performance impactante e sincera.

Essa escolha de elenco, ainda que possa ter representado um desafio inicial, revelou-se como um acerto, permitindo que a produção explorasse e expandisse seu potencial narrativo e emocional através do entrelaçamento único entre duas artistas que se conectaram organicamente por meio de suas interpretações. A mistura de suas diferenças e semelhanças proporcionou uma profundidade inesperada à performance, tornando-a autêntica e rica em nuances. A experiência de descoberta e

interação entre as atrizes, que se conheceram no palco e mergulharam juntas nas cenas, não só enriqueceu o espetáculo, mas também impactou positivamente o trabalho artístico e pessoal de ambas.

1.1.2 A dramaturgia

A realização da dramaturgia para o espetáculo foi um processo que se desenvolveu de forma colaborativa entre o diretor e uma das atrizes principais, unindo suas visões e habilidades artísticas de ambos. Esta etapa inicial envolveu a análise detalhada do enredo proposto e a seleção cuidadosa de elementos narrativos que enriqueceram a trama, mantendo-a alinhada com a proposta inicial do espetáculo. Inspirada nas temáticas de relações tóxicas e dependência emocional, a dramaturgia é um mergulho nas nuances dos relacionamentos humanos. Tendo como disparador criativo o enredo central da trama intrincada da novela "A Favorita" de João Emanuel Carneiro, A Favorita é uma telenovela brasileira produzida pela TV Globo e exibida de 2 de junho de 2008 a 16 de janeiro de 2009, em 197 capítulos. E na densidade da estética cênica do texto dramático "Segura que o filho é teu" de Jorge Raskolnikov (ANEXO A), a proposta busca explorar os fios intrincados que tecem as relações, emaranhado o público em um enredo carregado de emoções.

A trama inspirada em "A Favorita" desvenda camadas de lealdade, traição e rivalidade entre as personagens, levando a uma reflexão sobre as máscaras que as pessoas usam em suas relações interpessoais. Já a estética proposta por Raskolnikov em "Segura que o filho é teu" mergulha nas profundezas das emoções e das dinâmicas complexas de dependência afetiva, abrindo espaço para um olhar crítico sobre a fragilidade e os extremos a que as pessoas chegam em nome de uma relação, destacando a teia de influências que podem levar a comportamentos tóxicos.

A mescla dessas influências permite a criação de uma dramaturgia repleta de nuances, que ilustra a complexidade das relações humanas, desvendando a escuridão e a vulnerabilidade que podem emergir de uma dependência emocional e dos padrões tóxicos que se entrelaçam nos relacionamentos. As contribuições conjuntas durante o desenvolvimento do roteiro evidenciaram-se como uma fusão de perspectivas artísticas, buscando criar um enredo envolvente e coeso. Trago agora

uma breve apresentação do texto criado, ele estará disponível na íntegra, nos anexos (ANEXO B) deste memorial.

O espetáculo teatral gira em torno de duas amigas de infância, Carla e Mariana, que decidem se separar depois de morarem juntas por uma década. Carla está se mudando para fora do país, enquanto Mariana está prestes a se casar. No último dia juntas, enquanto terminam de arrumar suas coisas, uma mistura de clima nostálgico e feliz com um clima de rusgas provocações permeia o ambiente. As duas iniciam, mexendo nos celulares e lembrando momentos marcantes de sua amizade.

No entanto, o clima muda quando as duas discutem sobre uma caixa misteriosa que aparece no apartamento, gerando um confronto de acusações e culpas sobre quem seria responsável por aquilo. A tensão aumenta, levando-as a atitudes extremas. A polícia é chamada, então, um interrogatório dramático é realizado, no qual ambas se acusam mutuamente de esconder algo, resultando em uma situação de prisão até que o caso seja esclarecido.

Por fim, após momentos de acalorada discussão e confusão, elas percebem que o objeto controverso que encontraram não é o que imaginavam. Ambas reconhecem que a situação era fruto de um equívoco, e elas definem que tudo aquilo que aconteceu era um sinal para que ambas ficassem juntas e não seguissem o caminho que haviam escolhido, reforçando os laços de “amizade” e “cumplicidade” entre elas (a dependência emocional que uma tem pela outra). O clímax da peça se dá quando as personagens se reconciliam e decidem permanecer juntas, aceitando que são indispensáveis uma para a outra.

A dramaturgia textual é a espinha dorsal que confere estrutura e significado a uma montagem teatral, desempenhando um papel crucial na história contada e na conexão emocional com o público. Ela é a arte de dar vida à narrativa, de moldar personagens e de construir os arcos dramáticos que cativam e envolvem os espectadores. Em primeiro plano, a dramaturgia oferece uma bússola narrativa para os artistas envolvidos no processo. É o guia que orienta a jornada das personagens, delineando os conflitos, revelando as transformações e estabelecendo o tom emocional da peça. Uma dramaturgia sólida fornece um terreno fértil para que os atores explorem e compreendam as nuances psicológicas de seus personagens, contribuindo para performances autênticas e envolventes.

Além disso, a dramaturgia é um elemento poderoso para a comunicação profunda e reflexiva. Ao abordar temas complexos e universais, ela permite que a

montagem teatral vá além do entretenimento superficial, proporcionando uma experiência que provoca reflexões e questionamentos. A escolha cuidadosa de elementos narrativos e diálogos é essencial para proporcionar, talvez, uma resposta emotiva e intelectual ao espectador. A construção de uma dramaturgia envolve, muitas vezes, uma colaboração intensa entre diretores, dramaturgos e membros do elenco. Essa sinergia criativa é fundamental para garantir que a visão original da obra seja preservada e aprimorada durante o processo de montagem. Discussões sobre o desenvolvimento da trama, a profundidade dos personagens e a ressonância emocional são elementos centrais desse diálogo, promovendo uma compreensão coletiva e um alinhamento artístico.

A dramaturgia também desempenha um papel vital na construção de pontes entre a obra e o contexto social e cultural em que ela está inserida. Ao abordar temas relevantes e atuais, uma dramaturgia sensível pode provocar diálogos significativos e estimular a empatia ao conectar as experiências ficcionais apresentadas no palco com a realidade do público. Em suma, a importância da dramaturgia em um processo de montagem teatral transcende a simples criação de uma história, ela molda a essência da peça, influencia as performances, e eleva a produção a uma expressão artística que ecoa na mente e no coração do espectador. Uma dramaturgia bem elaborada é, portanto, não apenas o alicerce, mas o motor propulsor que impulsiona uma montagem teatral para além das cortinas, deixando uma marca duradoura na memória e na apreciação artística de quem a testemunha.

A construção da dramaturgia para o espetáculo foi um processo colaborativo que uniu as perspectivas do diretor e de uma das atrizes principais, fundindo suas visões artísticas de forma sinérgica. Esse estágio inicial envolveu uma análise meticulosa do enredo proposto, com a seleção criteriosa de elementos narrativos que enriqueceram a trama sem desviar da proposta inicial. Inspirada nas complexidades das relações humanas, a dramaturgia mergulha nas nuances de temas como relações tóxicas e dependência emocional, a proposta busca explorar os fios intrincados que compõem as relações, envolvendo o público em um enredo emocionalmente carregado.

A trama, influenciada por "A Favorita", desvenda lealdade, traição e rivalidade, incentivando uma reflexão sobre as máscaras que as pessoas usam em seus relacionamentos. A estética de "Segura que o filho é teu", por sua vez, explora as profundezas das emoções e das dinâmicas complexas de dependência afetiva,

oferecendo um olhar crítico sobre os extremos a que as pessoas chegam em nome de uma relação. Essa combinação de influências resultou em uma dramaturgia rica em nuances, ilustrando a complexidade das relações humanas e revelando a escuridão e a vulnerabilidade provenientes da dependência emocional e dos padrões tóxicos que permeiam os relacionamentos.

A colaboração durante o desenvolvimento do roteiro revelou-se uma fusão de perspectivas artísticas, visando criar um enredo envolvente e coeso. A peça, que se desenrola em torno da amizade de infância entre Carla e Mariana, alcança seu ápice quando, após intensas discussões, as personagens reconhecem a dependência emocional uma da outra, optando por permanecerem juntas. Este desfecho reforça os laços de "amizade" e "cumplicidade", proporcionando um fechamento impactante e revelador à narrativa.

1.1.3 Os ensaios

Figura 2 Registro de ensaio



Fonte: arquivo do autor

Os ensaios de cena representaram um período de intenso trabalho e refinamento. Cada sessão de ensaio não só implicava a prática das falas e

movimentos, mas também se caracterizava por discussões acaloradas sobre o conteúdo e a dinâmica de cada cena. A colaboração entre elenco e direção foi crucial para alcançar um entendimento comum sobre a essência e o propósito de cada segmento, resultando na harmonização dos desempenhos e na fluidez narrativa desejada.

Durante os meses de abril a setembro do ano de 2023, os ensaios para a criação da peça teatral foram realizados de maneira metódica, proporcionando um mergulho profundo na construção cênica e interpretativa. Ao longo desses meses, a rotina de ensaios, duas vezes por semana, foi o pilar que sustentou as etapas fundamentais da montagem teatral. Inicialmente, os primeiros ensaios ainda sem uma dramaturgia definida, serviram mais para que as atrizes pudessem se conhecer e criar uma intimidade, já que a temática central girava em torno de relacionamentos.

Posteriormente, foram desenvolvidas as primeiras experimentações de movimentos de cena, auxiliando na compreensão dos espaços cênicos e na dinâmica. A partir dessas bases, avançou-se para a exploração dos traços psicológicos das personagens, mergulhando nas motivações que norteiam suas ações e emoções, desde caminhadas, reações, conflitos e discussões.

Figura 3 Registro de ensaio



À medida que os meses passavam, os ensaios intensificaram-se, dando espaço para a exploração das nuances e matizes de cada cena. A direção se concentrava na criação de uma atmosfera coerente e na busca por conexões emocionais genuínas entre as atrizes. O constante aprimoramento das performances, acompanhado pelo refinamento da expressão corporal e vocal, foi uma constante ao longo desse período. Cada ensaio revelava um avanço na compreensão das personagens e na fluidez da narrativa. Os momentos de discussão e feedback foram essenciais para o crescimento coletivo do elenco, permitindo ajustes contínuos e a lapidação de detalhes que enriqueceram a construção do espetáculo. As sugestões, críticas e contribuições colaborativas de cada membro da equipe se mesclaram para aprimorar a harmonia do conjunto.

Figura 4 Registro de ensaio



Fonte: arquivo do autor

Os últimos ensaios se concentraram na coesão, na finalização de detalhes técnicos, como cenário, iluminação e figurino, preparando o terreno para a perfeita integração de todos os elementos. A sincronização entre luz, som e interpretação foi meticulosamente ajustada, culminando em uma obra que se desenvolveu ao longo de meses de trabalho árduo, comprometido e apaixonado. A jornada de ensaios, não foi apenas uma preparação para o espetáculo final, mas uma experiência colaborativa e formativa que enriqueceu não só o resultado artístico, mas também a bagagem pessoal e profissional de cada integrante do projeto teatral.

Os ensaios em um processo de montagem teatral são o cerne pulsante que dá vida à obra, representando um laboratório criativo onde as ideias se entrelaçam, as personagens ganham profundidade e a trama se desenrola em sua plenitude. Essa fase, que se estende desde os primeiros passos incertos até a maturidade da encenação, é vital para a excelência artística e a possibilidade de experiência estética. Em primeiro lugar, os ensaios foram o terreno fértil onde as sementes da colaboração são plantadas e florescem. Cada membro da equipe, desde os atores até os membros da produção e direção, contribuiu com sua expertise e perspectiva única para o processo criativo. As discussões acaloradas e os debates sobre o conteúdo e a interpretação desempenham um papel crucial na definição da visão coletiva e na garantia de que todos estejam alinhados com os objetivos da produção.

Além disso, os ensaios servem como um espaço de experimentação e descoberta. É durante esses momentos que as escolhas narrativas e estilísticas são testadas, refinadas e, por vezes, reformuladas. A experimentação não apenas alimenta a inovação, mas também permite que a equipe descubra caminhos inexplorados e, por vezes, surpreendentes. A flexibilidade para tentativas e erros é a essência do crescimento artístico.

A construção das personagens, outro pilar fundamental, ganha forma nos ensaios. Os atores têm a oportunidade de aprofundarem-se nas complexidades psicológicas de seus personagens, compreendendo suas motivações, conflitos internos e transformações ao longo da trama. A submersão nesse processo contribui não apenas para performances autênticas, mas também para uma conexão emocional mais profunda entre os personagens e o público.

Os ensaios não são apenas uma preparação técnica, são uma jornada colaborativa e formativa que molda não apenas a peça em si, mas também os artistas envolvidos. Os desafios superados, as descobertas feitas e os momentos de

superação contribuem para o crescimento pessoal e profissional de cada indivíduo. Assim, os ensaios não são apenas o processo de construção de uma peça teatral, mas sim o caminho para a criação de uma obra que ressoa não apenas pela sua execução magistral, mas pela jornada inspiradora que a precede.

Os ensaios de cena não foram apenas uma preparação técnica, mas sim um mergulho profundo na construção cênica e interpretativa que definiu a essência da peça teatral. O intenso período, de abril a setembro de 2023, foi marcado por uma colaboração constante entre o elenco e a direção, fundamentais para a harmonização dos desempenhos e para atingir a fluidez narrativa desejada. Inicialmente, os ensaios focaram na criação de uma base sólida, permitindo que as atrizes se conhecessem e estabelecessem conexões necessárias para a temática centrada em relacionamentos. À medida que o tempo avançava, os ensaios evoluíram para explorar os aspectos mais profundos das personagens, desde movimentos cênicos até as motivações que impulsionavam suas ações e emoções.

Figura 5 Registro de ensaio



Fonte: arquivo do autor

Com o passar dos meses, os ensaios intensificaram-se, dedicando-se à busca por nuances e matizes em cada cena. A direção esforçou-se para criar uma atmosfera coesa, centrada na busca por conexões emocionais autênticas entre as atrizes. A constante evolução das performances, combinada com o refinamento da expressão corporal e vocal, caracterizou esse período de dedicação incansável. Discussões e *feedbacks* foram cruciais para o crescimento coletivo do elenco, permitindo ajustes

contínuos e aprimoramentos que enriqueceram a construção do espetáculo. As sugestões, críticas e contribuições colaborativas de cada membro da equipe convergiram para aprimorar a harmonia do conjunto.

Os últimos ensaios concentraram-se na coesão final, na lapidação de detalhes técnicos e na integração de cenário, iluminação e figurino. A sincronização meticulosa entre luz, som e interpretação, culminou em uma obra que se desenvolveu ao longo de meses de trabalho árduo, comprometido e apaixonado. Mais do que uma preparação para o espetáculo final, a jornada de ensaios foi uma experiência colaborativa e formativa que enriqueceu não apenas o resultado artístico, mas também a bagagem pessoal e profissional de cada integrante do projeto teatral. A dedicação conjunta, os desafios superados e os momentos de superação moldaram não apenas a peça em si, mas também a trajetória individual de todos os envolvidos, criando uma obra que reflete não apenas talento, mas também o poder transformador da colaboração artística.

1.1.4 Visualidades

Figura 6 Cenário Inicial



Fonte: arquivo do autor

As escolhas estéticas foram elementos vitais para a concretização da visão do espetáculo. O cenário foi concebido não apenas como um pano de fundo, mas como um componente ativo para criar um ambiente simbolicamente congruente com a proposta artística. A escolha estética do cenário para a peça, com apenas dois bancos altos de madeira na cor preta e várias caixas de papelão em diferentes tamanhos e cor parda, revelou-se como uma decisão tanto minimalista quanto rica em significados. A simplicidade do ambiente - representando uma sala de apartamento onde duas amigas estão se mudando - trouxe consigo camadas de simbolismo e possibilitou interpretações diversas.

Figura 7 Foto dia da apresentação (bancos)



Fonte: fotografia Manoela Cargnelutti

Os bancos altos de madeira na cor preta, posicionados estrategicamente no espaço cênico, que eram revelados ao público durante a retirada das caixas, serviram como assentos físicos, a tonalidade escura e a rigidez da madeira poderiam simbolizar a solidão ou o peso emocional que as personagens carregavam em meio ao processo de mudança e despedida. Sua presença, discreta, porém marcante, evocava um sentimento de vazio ou transição, explorando elementos visuais que transcenderam sua função prática.

As caixas de papelão, dispostas em várias formas e tamanhos, além de preencherem o espaço, convidaram o público a desvendar um mundo de significados subjacentes. Seus diferentes tamanhos representavam momentos vividos pelas personagens, trazendo a ambiguidade da mudança e da transição. As caixas empilhadas em cada lado do palco, delimitava visualmente o que era de cada uma das personagens. Trazendo na forma como estavam organizadas, a essência de sua personagem.

Figura 8 Foto dia da apresentação (caixas)



Fonte: arquivo do autor

Todas as caixas foram etiquetadas pelas próprias atrizes, em um dos ensaios. Elas, em um jogo proposto pelo diretor, realizaram esse trabalho ainda interpretando suas personagens trazendo para esse detalhe um visual fiel ao que a sua personagem faria. A forma com que as caixas estavam organizadas em cena, também eram montadas com as atrizes em estado de jogo, deixando assim, o seu espaço com a “cara” da sua personagem. Metaforicamente as caixas empilhadas podiam simbolizar a acumulação de memórias, enquanto outras podiam sugerir fragmentos de memórias emotivas de anos de amizade e cumplicidade. A cor parda desses elementos representava o vazio e a ausência de cor que esse ambiente tinha,

deixando ainda mais evidente o quão denso e pesado era essa relação. Ainda que as caixas pudessem estar repletas de histórias e memórias felizes, elas estão guardadas e forradas por uma camada tóxica que se criou nessa relação.

A combinação dos bancos com as caixas de papelão resumia a essência do espetáculo, oferecendo um convite à reflexão sobre a mudança, a transição, a amizade e a descoberta. A aparente simplicidade do cenário ocultava a complexidade e a riqueza de significados inerentes à trama, instigando a imaginação do espectador. A minimalista estética cênica impulsionava o foco para as emoções e o relacionamento das personagens, tornando o ambiente do espetáculo não apenas um local, mas um reflexo visual e emocional do mundo interior das protagonistas. Essa escolha estética, embora aparentemente singela, revelou-se fundamental para a profundidade e a poesia do espetáculo, fornecendo uma narrativa visualmente poderosa que complementou e enriqueceu a performance das atrizes.

A estética desempenha um papel fundamental e multifacetado em um processo de montagem teatral, transcendendo a mera aparência visual para influenciar profundamente a experiência global do espectador. No âmago dessa importância está a capacidade da estética de comunicar, potencializar e enriquecer a narrativa, oferecendo uma camada sensorial que transcende as palavras e se conecta diretamente às emoções do público.

Em primeiro plano, a estética visual de uma produção teatral cria o cenário emocional onde a história se desenrola. Cenários, figurinos, maquiagem e iluminação não são meros acessórios, mas elementos que colaboram ativamente para a construção do mundo fictício da peça. Uma escolha estética cuidadosa pode situar a trama em uma época específica, criar atmosferas distintas e até mesmo sublinhar os estados de espírito das personagens. Essa dimensão visual não apenas adiciona uma camada estética, mas amplifica a imersão do espectador na experiência teatral. Além disso, a estética desempenha um papel crucial na expressão da temática subjacente da obra. A escolha de cores, texturas e formas pode ser empregada como uma linguagem simbólica que enriquece e aprofunda a narrativa. Por meio da estética, é possível suscitar nuances emocionais, sutilmente sugerir relações entre personagens e, em última instância, contribuir para a compreensão mais profunda das ideias e temas explorados na peça.

Figura 9 Foto do dia da apresentação (cenário)



Fonte: arquivo do autor

A estética, no entanto, não se restringe apenas ao visual. A sonoridade e a trilha sonora também desempenham um papel significativo na construção da estética de uma peça teatral. A música, os efeitos sonoros e até mesmo o silêncio são elementos poderosos para evocar emoções, estabelecer ritmo e intensificar a atmosfera. A integração eficaz desses elementos contribui para uma experiência sensorial mais rica e imersiva.

Em última análise, a importância da estética em um processo de montagem teatral reside na sua capacidade de transcender as palavras e criar uma experiência holística para o público. Ela não apenas embeleza a produção, mas, mais crucialmente, comunica, provoca emoções e adiciona uma camada de profundidade

que enriquece a compreensão e apreciação da obra. A estética é, assim, uma abordagem poderosa e essencial na arte teatral, transformando cada performance em uma experiência estética única e inesquecível.

O cuidado meticuloso nas escolhas estéticas foi uma peça-chave na concretização da visão única do espetáculo. O cenário, longe de ser apenas um fundo, foi concebido como um participante ativo na narrativa, enriquecendo simbolicamente a proposta artística. A decisão de adotar um cenário minimalista, composto por dois bancos altos de madeira e diversas caixas de papelão em diferentes tamanhos e formas, revelou-se uma escolha de significado profundo. A simplicidade do ambiente, refletindo o interior de um apartamento em meio a uma mudança, ofereceu não apenas uma representação fiel, mas também camadas de simbolismo que convidaram a interpretações diversas.

Os bancos altos de madeira preta, estrategicamente posicionados, não eram simples assentos, mas elementos que simbolizavam solidão ou o peso emocional que as personagens carregavam durante o processo de despedida. Sua presença discreta, mas impactante, evocava um vazio transitório, explorando elementos visuais além de sua função prática. As caixas de papelão, com seus tamanhos variados e disposição no palco, convidavam o público a desvendar um universo de significados. Representando momentos vividos pelas personagens, essas caixas expressavam a ambiguidade da mudança e da transição, delineando visualmente a individualidade de cada personagem.

A organização das caixas, etiquetadas pelas próprias atrizes durante um ensaio, proporcionou uma dimensão adicional. Esse detalhe, criado em um exercício interpretativo, conferiu às caixas uma autenticidade visual, refletindo o que as personagens fariam. A disposição cênica, elaborada durante jogos interpretativos, conferiu ao espaço uma identidade única para cada personagem, metaforizando a acumulação de memórias e as nuances emocionais de uma amizade complexa. A cor parda das caixas destacava o vazio e a ausência de cores, acentuando a densidade dessa relação.

A fusão dos bancos com as caixas resumia a essência do espetáculo, proporcionando uma oportunidade reflexiva sobre mudanças, transições, amizade e autodescoberta. A aparente simplicidade do cenário ocultava uma riqueza de significados inerentes à trama, desafiando a imaginação do espectador. A estética minimalista direcionava o foco para as emoções e os relacionamentos das

personagens, transformando o ambiente cênico em um espelho visual e emocional do mundo interior das protagonistas. Essa escolha estética, mesmo discreta, revelou-se essencial para a profundidade e a poesia do espetáculo, proporcionando uma narrativa visualmente impactante que complementou e enriqueceu a performance das atrizes.

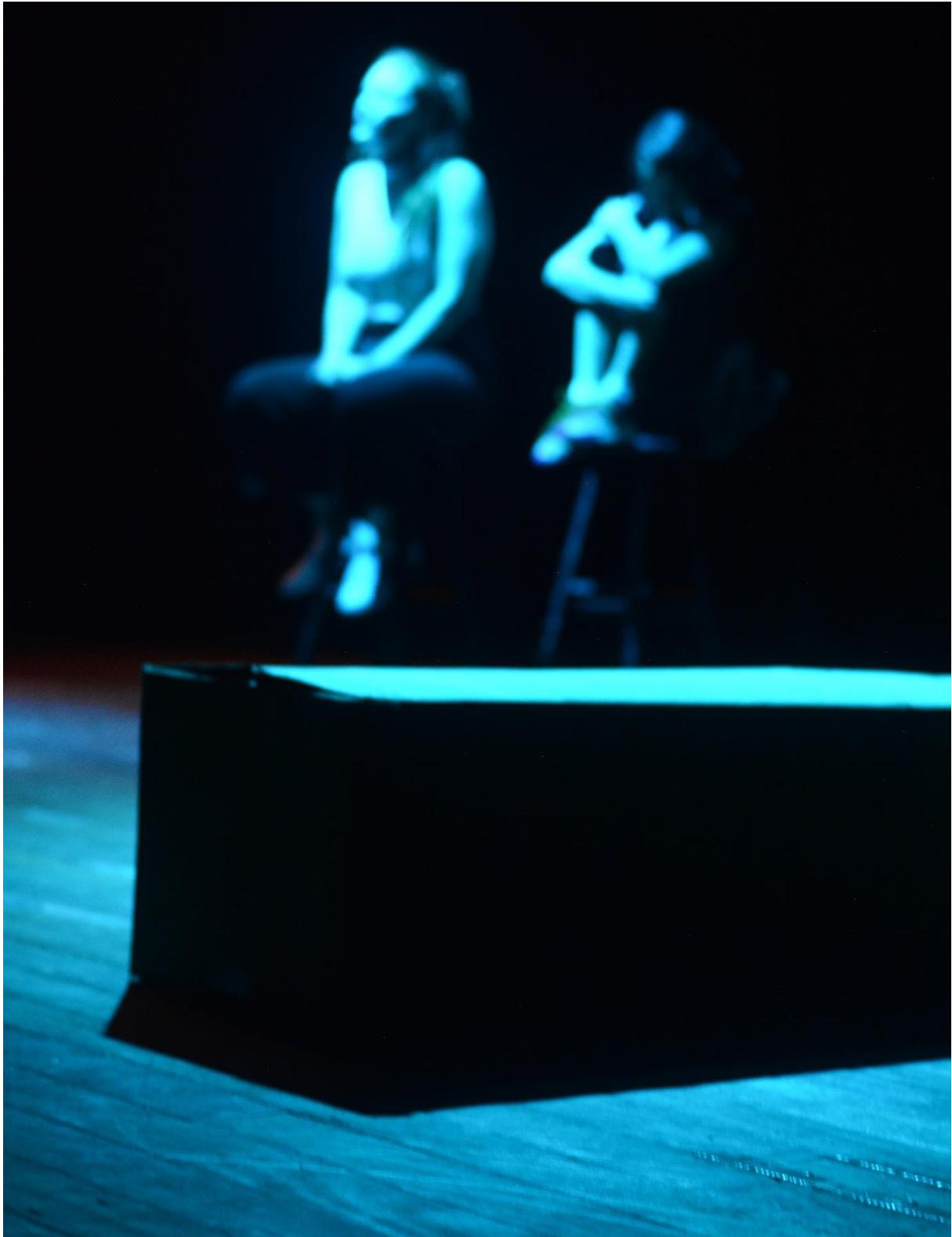
Figura 10 Foto do dia da apresentação (cenário)



Fonte: arquivo do autor

1.1.5 Iluminação

Figura 11 Foto do dia da apresentação (luz)



Fonte: fotografia Manoela Cargnelutti

A iluminação que foi criada e proposta para o espetáculo, não pode ser executada na sua totalidade. O local onde a peça foi apresentada, o Teatro Caixa Preta da UFSM, encontra-se com alguns problemas de infraestrutura principalmente na parte de elétrica, o que fez com que não pudéssemos utilizar a quantidade de equipamentos necessários para cobrir tudo aquilo que havia sido idealizado. Ao chegarmos no espaço descobrimos de maneira surpreendente, que apenas alguns equipamentos poderiam ser ligados, a fim de não sobrecarregar a rede elétrica.

Figura 12 Foto do dia da apresentação (luz)



Fonte: fotografia Manoela Cargnelutti

As escolhas precisaram ser tomadas e algumas adaptações foram realizadas, pensando em não prejudicar a estética que se buscava com a luz. Embora, caso fosse necessário, apresentaríamos sem iluminação mesmo assim, por entender que dentro da cena que construí, a luz vem como um *plus* para levantar a cena, mas acredito que mesmo em espaços onde não se tem esse recurso, a peça pode sim ser apresentada, sem grandes danos a narrativa, ao enredo e a estética presente.

Apesar dos percalços, teve-se êxito naquilo que conseguimos executar no momento, como forma de afirmar isso, trago a fala de alguns participantes da roda de

conversa que aconteceu após a apresentação, onde eles refletem sobre a luz do espetáculo:

“- E o jogo de luzes também. É muito um negócio assim. Quando elas estavam começando a discutir, começaram as luzes vermelhas. Esse jogo, quando era uma cena...

- Quando elas estavam conversando, não sei se era com a polícia, até com um advogado. Uma aqui, outra lá.

- O interrogatório.

- Daí, tipo, a luz veio e vibrou nelas.

- Foi um jogo de luzes bom ali.” (Roda de Conversa, 2023)

Figura 13 Foto dia da apresentação (luz)



Fonte: fotografa Manoela Cargnelutti

Não posso deixar de registrar aqui, meu descontentamento e frustração com a não execução total do plano de luz. Ainda que saiba que a luz não é algo essencial para o desenrolar do meu trabalho, sua execução estava prevista e planejada para aquele momento. Não culpabilizo ninguém pelo que aconteceu, apenas expresso

meus profundos lamentos por não ter tido a possibilidade de proporcionar ao meu público uma experiência completa daquilo que havia sido programado, uma vez que estamos em um espaço de teatro-escola, num curso de graduação que forma atores, diretores e professores-artistas, onde os recursos deveriam estar minimamente em dia.

1.1.6 Figurino e maquiagem

Figura 14 Foto dia da apresentação (Figurino e Maquiagem)



Fonte: fotografa Manoela Cargnelutti

Na criação de um espetáculo teatral, a escolha estética do figurino e maquiagem desempenha um papel crucial na construção das personagens e na transmissão da atmosfera da peça. No contexto de uma encenação que retrata a vida cotidiana de duas amigas durante a mudança, opto por uma estética mais próxima do real, visando a aproximação do público com as personagens e a temática abordada. Este enredo complexo explora relações tóxicas e dependência emocional entre os indivíduos, e a estética escolhida desempenha um papel fundamental para transmitir essa narrativa.

No vestuário, a escolha recai sobre roupas do dia a dia, realistas e sem muita extravagância, buscando refletir a normalidade da vida doméstica. A abordagem mais comum e casual é utilizada para representar a autenticidade das personagens, permitindo que o público se identifique facilmente com a situação. A ausência de roupas elaboradas ou exuberantes reforça a sensação de familiaridade, aproximando os espectadores da intimidade e dos conflitos vivenciados pelas amigas.

Figura 15 Foto dia da apresentação (Figurino e maquiagem)



Fonte: fotografa Manoela Cargnelutti

A maquiagem segue um caminho similar, mantendo um estilo natural e minimalista. A intenção é representar personagens que são reais, com emoções

genuínas e não super estilizadas. O uso sutil da maquiagem concentra-se na expressão facial e na veracidade das emoções das personagens, destacando os sentimentos mais do que um visual exuberante.

Ao adotar essa abordagem estética mais realista, eu busco permitir que o público se conecte emocionalmente com as personagens e a narrativa. A atmosfera mais próxima do cotidiano ressoa com a experiência pessoal do espectador, aumentando a identificação com as complexidades das relações humanas representadas no palco.

Essa estética mais casual e próxima do comum, num contexto de relações tóxicas e dependência emocional, procura envolver o público na história de uma maneira mais íntima, explorando os aspectos emocionais e psicológicos das personagens em uma ambientação que, apesar de ser simples e corriqueira, carrega consigo uma profundidade temática. A simplicidade do figurino e da maquiagem ajudam a tornar a história mais próxima, real e, ao mesmo tempo, sugere um pano de fundo com complexidades e conflitos humanos profundos, que podem se desenrolar no cenário simples de uma sala vazia, de apartamento comum.

1.1.7 Trilha sonora

“- Eu acho que as músicas também impactaram bastante, e também ajudaram muito,” (Roda de Conversa, 2023)

A trilha sonora é mais um dos elementos cruciais em uma peça teatral, influenciando diretamente a atmosfera, o humor e a conexão emocional do público com a história. Na montagem que retrata a vida de duas amigas em processo de mudança, explorando relações tóxicas e dependência emocional, a escolha musical desempenha um papel fundamental na condução da narrativa e na criação de um cenário emocional para o espetáculo.

A música "Pa' Bailar" do Bajofondo é escolhida para a entrada do público, proporcionando um início vibrante e atraente, convidando a plateia a adentrar o universo da peça. Essa melodia marcante e envolvente estabelece um tom animado e intrigante para o início do espetáculo. Já na cena inicial, "Mentiras" de Johnny Hooker estabelece o clima dramático da história, destacando a complexidade das relações das personagens. Esta música expressiva e acentuada reflete as tensões

iniciais e a atmosfera emocional da peça. O que pode ser evidenciado na fala de uma participante da roda de conversa:

“A primeira música, todo o começo estrutural da primeira cena, nossa, uma musiquinha, elas mexendo no celular, elas olhando uma pra outra assim, sem querer se encostar, nossa, foi muito bom. É que as músicas ajudaram muito”
(Roda de Conversa, 2023)

A música "Sunshine" de Cat Dealerson é disparada do celular de uma das atrizes em cena. Essa música festiva agita o ambiente, porém logo é retida pois ela não é a música a qual a personagem Mariana estava se referindo. Acompanhe no texto.

Carla: - Essa semana, eu estava escutando música, e começou a tocar a nossa música.
Mariana: - Qual?
Carla: - A nossa música é amiga
Mariana: A nossa música da vida?
Carla: - Deixa eu por aqui para você ouvir.
Coloca a música para tocar (Sunshine – Cat Dealers)
Escutam um pouco...
Mariana: - (Irritada) Carla, essa não é a nossa música!
Carla: - Claro que é sim, lembra, A praia, o pôr do sol, as bebidas...
Mariana parece entrar na onda da amiga, mas logo retoma a si.
Mariana: - Tá, essa é a nossa música de festa, mas não é a nossa música de vida. Me dá aqui, que eu vou colocar a nossa música de vida.
Pega o celular da amiga e coloca a música (Quando Bate Aquela Saudade - Rubel)
Ambas respiram fundo e voltam a ficar de costas uma para outra sentadas no chão, cantam a música juntas, se levantam. (BEBER E LIMA, TEXTO: A MINHA PESSOA. p. 2)

A música que vem em seguida é, "Quando Bate Aquela Saudade" de Rubel ela também é disparada a partir do celular de uma das atrizes, a música com uma pegada mais melancólica, vai fortalecendo o sentimento de amizade e nostalgia entre as personagens. Esta canção sensível e emotiva enfatiza os laços afetivos e a história compartilhada delas por anos.

Durante a cena da retirada das caixas de papelão do palco, "Instant Data" de Christophe Zurfluh fornece uma ambientação sonora minimalista, conturbada e contemporânea, apoiando visualmente a movimentação das personagens e a mudança de cenário. Durante o interrogatório, a música "Salt Womb" de Ori Lichtik reforça a tensão e o suspense, contribuindo para a atmosfera de inquietação e desafio enfrentada pelas personagens.

Na cena em que as personagens estão presas em uma cela, o som de gotas d'água caindo no chão, cria um ambiente de incômodo e inquietação, o mesmo

ambiente atrelado a luz azul claro da iluminação, também provoca uma sensação de um ambiente bastante frio e vazio, reforçando a sensação de confinamento e desconforto. No desenrolar da trama que as personagens criaram e se enrolaram, o som da grade de cela abrindo ressoa no ambiente, simbolizando a liberdade e o término do confinamento, aliviando a tensão anterior. Finalizando a peça, a música "Pa' Bailar" de Bajofondo retorna, encerrando a narrativa com uma sensação de continuidade e, ao mesmo tempo, trazendo um eco ao início da peça.

Essa trilha sonora foi cuidadosamente selecionada para complementar a narrativa da peça, reforçando as emoções, o contexto e a atmosfera necessária para a reflexão, criando uma experiência teatral imersiva. O que se mostrou assertivo quando um participante da roda de conversa reflete:

“Eu acho que meio que assim, a música, no início, elas estão alegres. Daí, como vai avançando, vai se tornando mais triste, uma vibe mais, sei lá, melancólica.” (Roda de Conversa, 2023)

1.2 A DIREÇÃO - A ARTE DO OLHAR E DA ESCUTA POR ENTRE AS BRECHAS

O trabalho de direção teatral é um processo complexo e desafiador, representando a essência da interpretação criativa e gestão artística. No decorrer do ano de 2023, na Universidade Federal de Santa Maria (UFSM), pude experimentar a magnitude dessa responsabilidade, explorando o olhar e a escuta como pilares fundamentais para o sucesso da minha encenação. A importância da escuta atenta é indiscutível. O diálogo aberto com o elenco, equipe, colaboradores e com a orientadora foi crucial para compreender suas perspectivas, ideias e preocupações. Ouvir atentamente cada voz no processo de criação cênica possibilitou a construção de um ambiente de confiança e colaboração, que se refletiu na fluidez e na qualidade do trabalho final. Foi no ato de escutar que encontrei as sementes de inspiração que deram vida à minha encenação, ou melhor, a nossa encenação.

Junto à escuta, o olhar sensível e perspicaz desempenhou um papel vital. Observar o elenco durante os ensaios, percebendo nuances de expressão, movimento e intenção, revelou caminhos que moldaram a direção artística. Esse olhar minucioso, aliado à intuição, possibilitou a identificação e o refinamento de escolhas estéticas que agregaram profundidade ao significado da encenação. As escolhas

durante a direção teatral são um constante exercício de decisões difíceis. É necessário discernimento para conduzir a narrativa, mas também flexibilidade para se adaptar a novas ideias e *insights* surgidos durante o processo. Muitas vezes, tive que abrir mão de ideias preconcebidas em prol do benefício coletivo da obra. Esse desprendimento, embora desafiador, permitiu que a criatividade se manifestasse de maneira mais autêntica e genuína.

O cuidado com o elenco foi um ponto crucial. Zelar pela preparação, saúde emocional e desenvolvimento artístico das atrizes, proporcionando um espaço seguro para explorar e expandir seus talentos, foi uma prioridade constante. A confiança mútua e o apoio possibilitaram a entrega e a excelência nas performances, contribuindo significativamente para a qualidade da encenação. As escolhas estéticas foram delicadamente consideradas. Cada elemento cênico, desde a escolha do elenco, a construção da dramaturgia, a iluminação, à cenografia, o figurino e a maquiagem foram avaliados meticulosamente para garantir sua harmonia com a narrativa e a atmosfera pretendida. O olhar direcionado para a estética teve a intenção de enriquecer a experiência do público, mergulhando-o em um mundo visualmente cativante e significativo.

Ao final, a experiência na direção teatral, permeada pelo olhar atento, pela escuta sensível, pelas escolhas difíceis e pelo cuidado com o elenco e as escolhas estéticas, se mostrou uma jornada transformadora. O desafio contínuo de equilibrar a visão artística com as demandas práticas e a sensibilidade humana mostrou-se um processo rico e revelador, permitindo o amadurecimento e aprimoramento constante no ofício da direção teatral.

1.2.1 Explorando Relações Humanas e Emocionais na Cena Adolescente

Desde o início da minha jornada no último ano de direção teatral, meu propósito era claro: criar uma peça teatral voltada para o público adolescente. A motivação surgiu da minha percepção de que há uma lacuna considerável no teatro direcionado a essa faixa etária. Para mim, os adolescentes frequentemente se encontram em um limbo no que diz respeito a produções teatrais, sentindo-se desconectados das peças classificadas como infantis, as quais consideram simplistas, e, por outro lado,

desinteressados ou incapazes de compreender o teatro adulto, que muitas vezes lhes parece complexo e distante de suas realidades.

Essa lacuna revelou-se uma oportunidade, um espaço fértil para explorar temas e discussões que despertam o interesse desse público jovem. Foi assim que, desde o princípio, meu propósito esteve centrado em abordar as relações humanas, especialmente aquelas marcadas por toxicidade e dependência emocional. Estes são temas que, muitas vezes, são minimizados ou considerados complexos demais para serem tratados no teatro voltado a crianças e adolescentes. As relações humanas, em particular aquelas que abordam a toxicidade, a dependência e os desafios emocionais, constituem aspectos cruciais do desenvolvimento do ser humano, especialmente durante a fase da adolescência. É uma época de intensas transformações emocionais e de construção das relações interpessoais. No entanto, o teatro frequentemente deixa esses aspectos sub-representados ou simplificados demais para os adolescentes.

Meu objetivo era oferecer uma narrativa que refletisse as complexidades dessas relações, um espelho para os espectadores adolescentes se identificarem, refletirem e compreenderem mais sobre seus próprios contextos emocionais. Acreditei que ao apresentar personagens com os quais pudessem se identificar e situações que refletissem suas realidades, poderia gerar um interesse genuíno e criar um espaço para a reflexão sobre esses temas. Por meio da direção teatral, busquei equilibrar uma narrativa acessível e envolvente com uma profundidade emocional que ressoasse com a experiência do público-alvo. A abordagem cênica, o diálogo e as situações dramáticas foram pensados para criar uma experiência teatral que dialogasse com os espectadores adolescentes, respeitando sua complexidade emocional e cognitiva.

Minha motivação em abordar esses temas nasceu da convicção de que o teatro poderia ser um espaço de reflexão e conexão emocional para os adolescentes. Uma peça que se propusesse a explorar relações humanas, por mais desafiadoras que fossem, sem subestimar a capacidade do público adolescente de compreendê-las, poderia preencher o vazio existente no teatro direcionado a essa faixa etária. A criação e direção teatral não se restringiram apenas à encenação; foram também uma oportunidade para criar um espaço de discussão e reflexão para os adolescentes, proporcionando um diálogo acerca de questões que são frequentemente negligenciadas no cenário teatral voltado para essa audiência. Foi um desafio e uma

motivação constante, a qual norteou todo o processo criativo e a construção da peça teatral para esse público específico.

1.2.2 Uma Surpreendente Jornada Fora dos Planos

Figura 16 Foto minutos antes da estreia



Fonte: arquivo do autor

Quando ingressei no curso de Artes Cênicas com foco em direção teatral, confesso que não era exatamente o caminho que havia planejado inicialmente. Minha escolha acadêmica se moldava de acordo com expectativas preconcebidas, alinhadas a outros interesses, a formação em interpretação teatral, a qual já sou graduado. No entanto, o que se revelou durante esse processo surpreendeu, transformou e inspirou uma nova perspectiva. O ingresso no curso não foi uma escolha imediata ou apaixonada. Era uma oportunidade que se apresentava, e eu, curioso e aberto a novas experiências, decidi explorar. A princípio, minha visão sobre a direção teatral era obscura, um mundo repleto de complexidades e aspectos que eu não compreendia e até o momento negava gostar. Não tinha certeza sobre o que me aguardava, o que desencadeou um misto de apreensão e curiosidade.

Conforme o curso avançava, me percebi imerso em um universo rico, cheio de possibilidades, nuances e expressões artísticas que desconhecia. A arte da direção teatral mostrou-se um labirinto encantador, que me conduziu por entre os corredores da criatividade e da narrativa. Cada aula, cada discussão, cada ensaio foram portais para um mundo de descobertas e aprendizados profundos. A surpresa se manifestou na diversidade de habilidades necessárias para a direção teatral. Não era apenas sobre dar ordens ou posicionar atores no palco. Era um intricado tecido de conhecimentos, exigindo uma compreensão abrangente das emoções humanas, da expressão corporal, da estética visual, da interpretação textual e da gestão de equipe. Foi uma constante descoberta das diversas camadas e responsabilidades que envolvem o processo criativo na direção teatral.

Os desafios que inicialmente pareciam obstáculos tornaram-se oportunidades de crescimento. A necessidade de lidar com decisões difíceis, de abandonar ideias preconcebidas e de estar disposto a explorar territórios desconhecidos ampliou meu horizonte criativo e minha capacidade de adaptação. Surpreendi-me ao perceber a importância da flexibilidade e da capacidade de abraçar o inesperado para a realização de uma encenação de qualidade. Além disso, o contato com o elenco e a equipe envolvida foi uma fonte de constante surpresa. Cada indivíduo trazia consigo uma bagagem única de experiências e talentos, oferecendo uma gama de perspectivas e ideias valiosas para o trabalho. A colaboração, o diálogo e a conexão com esse conjunto diversificado de mentes e habilidades revelaram um mundo de potencialidades que eu não antecipava.

A transformação aconteceu no processo de descobrir que a direção teatral era mais do que uma tarefa a ser cumprida, era uma jornada de autodescoberta e expressão. Essa experiência inesperada abriu as portas para um novo entendimento sobre a arte, sobre a criatividade e sobre mim mesmo. Mostrou-me que as melhores descobertas muitas vezes surgem dos caminhos que não planejamos percorrer. Ao final desse percurso, percebi que a direção teatral não era apenas uma disciplina acadêmica, mas uma paixão despertada e um aprendizado que transcende o campo do teatro. A surpreendente jornada para fora dos planos revelou-se uma verdadeira aventura, que moldou e enriqueceu meu olhar para a arte e para a vida.

A interação entre as diferentes escolhas estéticas durante o processo de produção foi não só um desafio, mas também um exercício de criação de um produto coeso e expressivo. A união desses elementos não só enriqueceu a estética do espetáculo, mas também fortaleceu a apresentação visual e narrativa, resultando em um produto teatral que atingiu os objetivos artísticos e comunicativos propostos inicialmente.

2 TEORIA: O FIO CONDUTOR NA BUSCA DA PROCURA DAS BRECHAS

No âmago desta pesquisa reside um conceito fundamental que permeia as diversas dimensões do estudo. A compreensão detalhada deste conceito é essencial para desvendar as complexidades que norteiam este trabalho. Este capítulo propõe investigar a essência e a amplitude desse conceito central, lançando luz sobre as suas diversas facetas e implicações. Ao abordar minuciosamente essa peça fundamental, buscaremos não somente definir e delinear suas características, mas também explorar o seu impacto, aplicabilidade e relevância nos contextos abordados. A fim de situar adequadamente os pilares conceituais desta pesquisa, esta seção se debruça sobre as teorias, discussões contemporâneas e reflexões que circundam este conceito, mergulhando em suas ramificações para estabelecer uma base sólida e esclarecedora para as investigações posteriores.

Nadja Hermann, renomada pesquisadora sobre experiência estética, propõe uma visão abrangente que transcende o convencional. Para Hermann, a experiência estética não é meramente um evento sensorial, mas uma imersão profunda que envolve a totalidade do ser. É um encontro entre o sujeito e a obra, onde o espectador não apenas percebe esteticamente, mas também se transforma e se (re)constrói. Essa abordagem sugere que a experiência estética vai além do visual, do auditivo e do sensorial, penetrando nos domínios da emoção e do pensamento.

Flávio Desgranges, por sua vez, destaca a dimensão relacional da experiência, enfocando não apenas o que é percebido, mas como as relações interpessoais influenciam essa percepção. Em sua concepção, a experiência é moldada pelo contexto social e pelo diálogo constante entre os sujeitos envolvidos. Desgranges coloca a experiência como um fenômeno compartilhado, uma construção conjunta entre o indivíduo e o coletivo.

2.1 O CONCEITO: A LUPA PARA SE VER AS BRECHAS

O conceito de experiência estética tem sido objeto de discussão e reflexão por diversos estudiosos, entre eles destacam-se as contribuições de Nadja Hermann e Flávio Desgranges. O conceito de experiência estética e sua relação com a

experiência como um todo são temas que têm suscitado reflexões de destaque, principalmente no âmbito das pesquisas acadêmicas. Nesse contexto, estudiosos como Nadja Hermann e Flávio Desgranges contribuíram significativamente para a compreensão desses conceitos complexos e multifacetados.

Hermann afirma que:

A questão, portanto, é mostrar as possibilidades da experiência estética para nos tornar sensíveis e receptivos às diferenças e aquilo que consideramos estranho ou sequer reconhecemos, como um modo de abertura à alteridade e, sobretudo, como uma possibilidade educativa na construção de uma nova sensibilidade. (HERMANN, 2014, p. 123)

Sabendo que vivemos em um mundo cada vez mais plural e diverso, o que exige que desenvolvamos uma sensibilidade mais apurada em relação às diferenças e a tudo que é considerado estranho ou desconhecido para nós. Nesse sentido, a experiência estética pode ser uma excelente possibilidade para nos tornarmos mais receptivos e abertos à alteridade. A arte nos apresenta novas formas de olhar o mundo, de pensar e sentir, o que pode nos ajudar a ampliar nossa visão de mundo e a perceber as nuances e as particularidades que cercam as diferentes culturas, identidades e modos de vida. Além disso, a experiência estética pode ser uma possibilidade educativa na construção de sensibilidades. Por meio da arte, podemos aprender a valorizar outras formas de pensar, de sentir e de expressar e a construir pontes entre as diferentes subjetividades e realidades que compõem a sociedade moderna. Em suma, a experiência estética é uma forma fundamental de nos tornarmos mais sensíveis e abertos às diferenças, conectando-nos com novas realidades e modos de ver o mundo.

A compreensão do conceito de experiência estética se tornou central para a nossa apreciação, evidenciar a forma como os seres humanos interagem com o mundo que os cerca. A partir das reflexões de estudiosos notáveis, somos levados a explorar a riqueza e a profundidade dessa experiência que transcende os limites da arte tradicional e se expande para diversos aspectos de nossas vidas cotidianas. Conforme destacado por Hermann (2014), a experiência estética não se limita apenas à apreciação de obras de arte, mas se manifesta em situações corriqueiras, como a contemplação de um pôr do sol, a leitura de um romance ou a observação de uma cena da natureza.

[...]a experiência estética que acontece pela obra de arte, mas não exclusivamente, pois ela pode ocorrer também em situações cotidianas, assistindo a um jogo, vendo uma tapeçaria, diante de uma cena da natureza, ouvindo música, lendo uma poesia etc. (HERMANN, 2014 p. 124)

A citação de Nadja Hermann nos leva a refletir sobre o papel da experiência estética em nossa vida cotidiana. Muitas vezes, acreditamos que a arte é a única fonte de beleza e prazer estético, deixando de lado outras experiências que podem proporcionar sensações semelhantes. Assistir a um jogo, por exemplo, pode nos levar a experimentar uma montanha-russa emocional semelhante à de contemplar uma obra de arte. Da mesma forma, a contemplação da natureza pode ser uma experiência profundamente estética, capaz de nos proporcionar momentos de reflexão e deleite. É importante, portanto, que ampliemos nossa compreensão da experiência estética e não a restrinjamos apenas ao mundo da arte, tornando-a um elemento presente em nossa vida diária.

De acordo com Hermann (2008), a experiência estética se revela como uma forma peculiar de conhecimento que transcende a mera apreensão intelectual. A autora enfatiza que a experiência estética está intrinsecamente ligada à capacidade humana de apreender o mundo de forma sensível e reflexiva. Ela sugere que essa forma de ver se manifesta quando os indivíduos se permitem mergulhar em uma obra de arte, seja ela visual, musical, literária ou teatral, ou nas cotidianidades que o acaso nos permite ver, de maneira autônoma e criativa. Nesse processo, a experiência estética se torna um caminho para explorar e interpretar o mundo que nos cerca, utilizando a fruição artística como uma possibilidade para a compreensão profunda e pessoal. Em essência, a experiência estética é uma jornada subjetiva que transcende os limites da mera observação, convidando o indivíduo a participar ativamente da construção de significados.

Por outro lado, Hermann também é bastante cuidadosa ao dizer que,

Defenderei aqui que esse movimento depende de uma sensibilidade que envolve as emoções, as forças vitais e a liberação da imaginação de um modo não obtido por estruturas meramente cognitivas, mas que é dado pelo estético, particularmente pela experiência estética. (HERMANN, 2014 p. 122)

A citação destaca a importância da sensibilidade, das emoções, das forças vitais e da liberação da imaginação como elementos fundamentais em um movimento que transcende estruturas meramente cognitivas. Defende-se que esse movimento, enraizado no estético e, mais especificamente, na experiência estética, vai além da

compreensão intelectual convencional. Essa perspectiva sugere que a verdadeira transformação e compreensão profunda não são alcançadas apenas por processos cognitivos, mas sim por meio de uma conexão mais profunda com as emoções e a capacidade de liberar a imaginação. A experiência estética, ao oferecer uma abordagem sensorial e emotiva, revela-se como um catalisador para esse movimento enriquecedor. Assim, a compreensão plena e a transformação pessoal são percebidas como intrinsecamente ligadas a essa dimensão estética, destacando o papel vital das experiências que tocam não apenas a mente, mas também o âmago das emoções e da imaginação humana.

Porém a autora também enfatiza que a experiência estética é, em sua essência, uma forma de percepção que nos leva a descobrir a beleza e a significância intrínseca que estão presentes nas coisas que nos cercam. Nossa relação com o mundo é profundamente enriquecida quando somos capazes de acessar essa dimensão da experiência estética. Além disso, Desgranges (2004) complementa essa visão ao acrescentar que a experiência é uma união íntima entre a dimensão emocional e cognitiva, englobando tanto o sentimento quanto a compreensão do objeto de contemplação.

Flávio Desgranges (2004) salienta também que, a experiência está inextricavelmente associada à sensibilidade e à subjetividade inerentes a cada pessoa. Ele argumenta que a vivência estética é um fenômeno único e irrepetível, que pode despertar uma miríade de emoções e interpretações em diferentes indivíduos. A percepção da arte, seja no contexto teatral ou em outras expressões artísticas, é profundamente influenciada pelas experiências prévias, pelas emoções do momento e pelas perspectivas individuais. Isso significa que a mesma obra de arte pode evocar sentimentos diversos e gerar entendimentos singulares em cada espectador, uma vez que a experiência estética é moldada pela bagagem pessoal de cada um.

Nesse sentido, a experiência estética se manifesta como uma forma de conhecimento que transcende os limites do intelecto, nos permitindo explorar novos horizontes, expandir nossas perspectivas e resgatar nossa humanidade emocional. Ela nos convida a uma aventura, à exploração de novas possibilidades e à descoberta de novas maneiras de ver o mundo e as coisas que nos cercam. A dimensão estética da experiência é uma forma de buscar significado na vida, na arte e na cultura, proporcionando uma conexão mais profunda com o mundo ao nosso redor.

. Desgranges já anuncia algumas questões que contaminaram minhas ideias,

[...]como pensar a prática do teatro enquanto atividade educacional? Ou ainda, como compreender o valor pedagógico inerente à experiência proposta ao espectador teatral? (DESGRANGES 2011, p. 21)

Dentro do âmbito educacional, promover a experiência estética em um grupo de crianças e adolescentes, composto por alunos de 11 a 14 anos, representa um desafio instigante. Para atingir esse objetivo, é essencial adotar abordagens pedagógicas que estimulem o envolvimento profundo e significativo dos alunos nessa experiência enriquecedora. Uma das estratégias pedagógicas, conforme apontada por Hermann (2008), é a prática reflexiva, que viabiliza a construção de um pensamento crítico e autônomo. Essa prática possibilita que os alunos desenvolvam habilidades para analisar, interpretar e expressar suas reações diante da obra de arte, resultando em uma compreensão mais aprofundada e pessoal. Através da reflexão, os alunos são encorajados a explorar as camadas de significados presentes na obra, bem como a compreender o impacto da arte em suas vidas.

Ainda afirma,

Tornou-se bastante comum o teatro ser apontado como valioso aliado da educação, a frequência a espetáculos ser indicada, recomendada como relevante experiência pedagógica. (DESGRANGES 2011, p. 21)

Ademais, é crucial considerar a natureza singular da linguagem teatral, que envolve uma rica gama de elementos, incluindo gestos, ações, expressões faciais, diálogos, movimentos e efeitos sonoros. Esses componentes sensoriais do teatro desempenham um papel fundamental na experiência estética dos alunos, estimulando seus sentidos e percepções de maneira única. Portanto, os educadores podem criar oportunidades para que os alunos explorem a multiplicidade de elementos presentes em uma peça teatral, de modo a enriquecer a possibilidade de experiência estética.

Essa contribuição pode ser útil tanto para professores, quanto para pesquisadores interessados em compreender como podemos pensar e refletir sobre a cultura de forma significativa. Para isso, Hermann (2005, p. 16) sugere que “a experiência estética permite novos acessos para a educação pensar o sentido de sua ação, especialmente porque traz o frêmito que transborda o domínio conceitual e racionalizado”. Assim podemos auxiliar esta geração, promovendo para eles saberes

tão importantes como a sensibilidade, a intuição, a imaginação, a subjetividade, entre outras sensações que esse momento pode despertar neles.

Outra abordagem relevante para a promoção da experiência estética é a proposta por Flávio Desgranges (2004), que enfatiza a importância da sensibilidade na apreciação artística. Para ele, os educadores devem estar atentos às emoções e sentimentos que os alunos possam experimentar durante a apreciação do espetáculo teatral. A vivência estética, segundo Desgranges, é enriquecida quando os educadores criam um ambiente que valoriza a expressão das emoções e a interpretação pessoal da obra. Isso permite que os alunos construam um conhecimento autêntico e individual, que se baseia não apenas na compreensão intelectual, mas também na conexão emocional com a arte.

Em relação ao teatro, Flávio Desgranges (2008) destaca que a experiência é intensificada pela dimensão temporal e espacial da narrativa cênica. Para o autor, a vivência estética no teatro é desencadeada quando o espectador se envolve na narrativa e estabelece identificação com os personagens e enredos. Essa identificação leva os espectadores a refletirem sobre questões éticas, estéticas e sociais que permeiam a história. O teatro, por sua natureza efêmera e imersiva, oferece um terreno fértil para a exploração dessas questões e para a ampliação da compreensão do mundo e de si mesmo.

[...]crianças entrevistadas, aquelas habituadas a frequentar salas de teatro, de cinema, e a ouvir histórias demonstram maior facilidade de conceber um discurso narrativo, de criar histórias, e de organizar e apresentar os acontecimentos da própria vida. (DESGRANGES, 2011, p. 23)

A citação de Flávio Desgranges retrata a importância da exposição das crianças à arte e à literatura na construção de sua capacidade narrativa. Ao frequentar teatros, cinemas e ouvir histórias, os pequenos são estimulados a criar uma estrutura narrativa coesa e a organizar seus pensamentos de maneira mais clara, o que os ajuda a se expressar de forma mais eficiente. Além disso, a literatura e a arte também contribuem para o desenvolvimento da empatia e da sensibilidade, que são essenciais para a compreensão de diferentes pontos de vista e experiências e, conseqüentemente, para a construção de uma narrativa mais rica e complexa. Portanto, é fundamental que pais e educadores incentivem a exposição das crianças a diferentes formas de expressão artística, como forma de enriquecer e estimular o

seu desenvolvimento cognitivo e emocional. Neste sentido, Desgranges (2011), afirma

um dos aspectos marcantes do pensamento acerca do valor pedagógico da arte está no desafio de tentar elucidar em que medida a experiência artística pode, por si, ser compreendida enquanto ação educativa. (DESGRANGES 2011, p. 21)

Para promover a experiência estética em um grupo de crianças e adolescentes de 11 a 14 anos de idade, é fundamental considerar as particularidades e demandas desse público jovem. Conforme argumentado por Cristina Carvalho (2009), a promoção da experiência estética no contexto escolar deve levar em conta as competências e habilidades que os alunos já possuem em relação à arte e à cultura. Além disso, o processo de apreciação artística deve ser significativo e promover o diálogo, favorecendo a construção de novas interpretações e reflexões.

A promoção da experiência estética também está intrinsecamente ligada à valorização da cultura e das artes. Os educadores devem incentivar a exploração de diversas linguagens e expressões culturais, levando em consideração a diversidade dos alunos e a oportunidade de expandir seus horizontes no que diz respeito à vivência cultural. Portanto, a promoção da experiência estética no ambiente escolar vai além da apreciação de obras de arte, ela também implica a criação de um ambiente que estimule a percepção, a reflexão e a expressão, enriquecendo a jornada educacional dos alunos.

Em resumo, a promoção da experiência estética em um contexto escolar representa um desafio enriquecedor que exige abordagens pedagógicas cuidadosamente planejadas. Os conceitos de experiência estética de Hermann e Desgranges destacam a importância da sensibilidade, da reflexão crítica e da participação ativa na fruição artística. Ao adotar essas abordagens, os educadores podem criar oportunidades para que os alunos vivenciem a arte de forma profunda, pessoal e significativa, fortalecendo, dessa forma, seu percurso de aprendizagem e desenvolvimento.

2.2 O CONCEITO REFLETIDO NA PRÁTICA, OU NÃO...: AS BRECHAS QUE CONSEGUIMOS ENCONTRAR

Uma das propostas do projeto, eram as rodas de conversas após a apreciação do espetáculo teatral. Essas rodas de conversas foram gravadas via áudio, em seguida transcritas e serviram como material base para a concretude dos conceitos que norteiam esta pesquisa. Buscando tentar identificar uma relação daquilo que se viveu na prática com as linhas conceituais, pretendo neste momento identificar a partir das falas das crianças e dos adolescentes, transcritas, apontar aproximações e quem sabe distanciamentos, no que rege a teoria.

No intuito de aprofundar a compreensão das percepções e reflexões do público-alvo, foram realizadas duas instigantes rodas de conversa com as crianças e os adolescentes, em momentos distintos após a apreciação teatral. Essa abordagem proporcionou uma valiosa fonte de *insights* e perspectivas que enriqueceram significativamente o desenvolvimento do presente estudo. As rodas de conversa foram estrategicamente programadas para acontecerem imediatamente após as apresentações teatrais, capturando, assim, as impressões frescas e as emoções ainda latentes nas mentes dos participantes.

Os diálogos revelaram-se uma estratégia essencial para extrair as nuances das experiências vivenciadas durante a peça teatral, não apenas na esfera estética, mas também na forma como essas representações artísticas dialogavam com as vidas pessoais dos espectadores mais jovens. Ao iniciar as rodas de conversa, os participantes eram estimulados por perguntas cuidadosamente elaboradas (ANEXO G), desenhadas para provocar reflexões sobre os temas abordados na peça e suas conexões com as experiências individuais dos presentes.

Essa abordagem permitiu não apenas explorar as interpretações dos elementos cênicos, mas também traçar paralelos entre o mundo ficcional apresentado e os universos particulares dos participantes. O estímulo à expressão criativa era outro pilar fundamental desses encontros. Textos provocativos e questionadores eram fornecidos, incentivando os participantes a expressarem suas próprias interpretações e sentimentos despertados pela peça. Dessa forma, as rodas de conversa tornaram-se um espaço dinâmico de troca, onde as vozes das crianças e adolescentes eram ouvidas, respeitadas e valorizadas.

Cada fala durante essas sessões foi registrada por meio de áudio, garantindo a fidelidade e autenticidade das expressões dos participantes. Para preservar a identidade dos envolvidos, cada voz foi associada a uma cor, garantindo o anonimato e resguardando a privacidade dos participantes. Essa medida ética foi essencial para

criar um ambiente seguro e propício à abertura, contribuindo para a sinceridade das reflexões compartilhadas.

Esses diálogos, documentados em áudio e apoiados por anotações cuidadosas, constituíram uma parte fundamental do material de pesquisa deste estudo. A riqueza das narrativas, as emoções genuínas expressas e as reflexões potentes emergiram como elementos valiosos para a compreensão do impacto do teatro na vida e na percepção das crianças e adolescentes. Essas rodas de conversa não apenas enriqueceram a pesquisa, mas também reforçaram a ideia central de que o teatro, além de ser uma expressão artística, é um veículo poderoso para provocar diálogos significativos e reflexões profundas, especialmente quando direcionado ao público jovem.

Dividirei este subcapítulo em 2 momentos: momento 1: a escrita será balizada a partir da primeira roda de conversa com as crianças e os adolescentes; momento 2: a escrita será elaborada a partir da segunda roda de conversa com as crianças e os adolescentes. Ambos os momentos foram construídos a partir de reflexões pessoais, além das teorias base deste estudo, serviram como lente para olhar, analisar e refletir esses 2 momentos.

2.2.1 Momento 1

A nossa primeira roda de conversa aconteceu no dia 30/09/2023, logo após a apresentação do espetáculo. As crianças e os adolescentes foram convidados a se fazerem presentes, no Teatro Caixa Preta da UFSM, local onde foi apresentado cerca de 90% do espetáculo teatral. A roda de conversa aconteceu em seguida ao momento em que eles apreciaram a cena. Nela estavam presentes, 8 alunos com idades entre 10 e 14 anos.

A roda de conversa teve duração média de 1 hora, sendo conduzida pelo autor desta pesquisa com a presença da orientadora. A condução deste momento se deu a partir de perguntas previamente formuladas e roteirizadas. Perguntas essas, que suscitaram assuntos presentes na peça e nortearam caminhos aos quais gostaria que a conversa fosse direcionada. Sempre em um lugar de abrir margem para que tal tema fosse levantado, pensando em não forçar nenhuma resposta ou induzi-los a dizer algo que eu gostaria de ouvir.

No cruzamento das reflexões de Nadja Hermann e Flávio Desgranges, surge uma narrativa intensa, extraída de uma roda de conversa após a apresentação de uma peça que aborda relações tóxicas e dependência emocional. As perspectivas que Hermann e Desgranges apontam o conceito central desta pesquisa, enriquecem sobremaneira a análise da roda de conversa realizada com as crianças e os adolescentes.

Durante esse diálogo, pudemos observar como a experiência estética, conforme delineada por Hermann, manifestou-se não apenas na apreciação estética da peça, mas na transformação sutil e profunda dos participantes. As crianças e os adolescentes não apenas assistiram ao espetáculo; mergulharam em suas camadas, confrontaram suas próprias emoções e pensamentos, moldando ativamente a experiência.

A abordagem de Desgranges também encontrou ressonância nesse contexto. A roda de conversa, ao se tornar um espaço de compartilhamento, potencializou as dimensões sociais da experiência. Os participantes não apenas internalizaram a obra de forma isolada, mas construíram significados coletivos. As interações entre eles, mediadas pelo diálogo, ampliaram a riqueza da experiência, oferecendo diferentes perspectivas e interpretações.

Ao explorar as experiências estéticas na interseção das visões de Hermann e Desgranges, a roda de conversa se revela como um microcosmo dinâmico. Foi um terreno fértil para a expressão individual, mas também uma arena onde as experiências coletivas convergiram, entrelaçando-se em um mosaico singular. Nesse sentido, a roda de conversa transcendeu o simples exercício de revisitar o espetáculo; tornou-se um palco de construção coletiva de significados. Essa abordagem integrativa, permeada pelas nuances da estética e das relações interpessoais, enriqueceu não apenas a compreensão do espetáculo em si, mas a forma como as crianças e os adolescentes se engajaram e perceberam o mundo ao seu redor.

A experiência estética, sob o olhar de Hermann, transcende os limites sensoriais, mergulhando no âmago do ser. Quando um participante expressa: "No momento que ela falou, eu senti um frio na barriga de repente", testemunhamos a materialização dessa profundidade. Hermann argumenta que a experiência estética não é meramente observação, é uma fusão de emoções e pensamentos que ressoam além do momento presente.

O "frio na barriga" mencionado pelo participante não é simples nervosismo, é um eco da intensidade emocional evocada pela performance teatral. Essa reação visceral revela a penetração da obra além da superfície da observação passiva. Hermann, ao destacar a transformação que ocorre no indivíduo durante uma experiência estética, encontra eco nessa resposta, sugerindo que a obra não apenas é testemunhada, mas é internalizada e sentida.

A abordagem de Desgranges adiciona outra camada a essa análise. Ele destaca a dimensão relacional da experiência, considerando não apenas o impacto da obra no indivíduo, mas também como as interações sociais moldam essa percepção. O frio na barriga pode ser não apenas uma resposta individual, mas um fenômeno compartilhado, uma expressão que se espalha no contexto do grupo.

Desgranges argumenta que a experiência é enriquecida pelo diálogo e interação entre os participantes. Ao expressar emoções desencadeadas pela peça teatral, o participante não apenas compartilha sua resposta individual, mas contribui para a construção coletiva de significado. A roda de conversa se torna, assim, não apenas um espaço para reflexão individual, mas um terreno fértil para a partilha de emoções, ideias e interpretações.

Portanto, a frase "No momento que ela falou, eu senti um frio na barriga de repente" não é apenas uma narrativa isolada, mas uma janela para a riqueza da experiência estética. Ela encapsula a fusão de sensações e pensamentos, refletindo tanto a profundidade individual quanto a interconexão social. Na interseção das visões de Hermann e Desgranges, essa expressão singular torna-se um testemunho da complexidade da experiência estética, uma experiência que transcende os limites do palco e ressoa nas camadas mais profundas da percepção humana.

Outro momento que destaco e que considero um estreitamento dos conceitos já citados anteriormente, é quando confrontamos essas perspectivas com a narrativa de um participante ao dizer que: — "É tipo, quando tu vai na casa de um amigo e ele começa a apanhar da mãe na tua frente" — à complexidade e a riqueza dessa experiência são ampliadas. Hermann propõe que a experiência estética é uma jornada interna, uma fusão de emoções e pensamentos que se desdobram diante de uma obra de arte. Nesse contexto, a narrativa do participante ressoa como um eco da intensidade emocional provocada pela cena teatral. A analogia entre testemunhar a violência doméstica e a experiência teatral destaca a potência do impacto

emocional, evidenciando que a arte pode, de maneira visceral, evocar sensações complexas, assim como uma experiência pessoal marcante.

A analogia escolhida pelo participante, por sua vez, destaca a potência provocadora da obra teatral. Ao comparar a experiência a testemunhar um momento íntimo e muitas vezes doloroso, ele sublinha a capacidade única do teatro de abrir janelas para a empatia e a compreensão, desafiando as fronteiras entre a ficção e a realidade. Assim, a fala transcende o contexto imediato, tornando-se um ponto de convergência entre as visões de Hermann e Desgranges. Esta narrativa singular é um testemunho da capacidade do teatro de evocar respostas profundas, desafiando nossas percepções e proporcionando uma experiência estética que ressoa muito além das cortinas do palco.

Outra fala de um participante que revela nuances intrigantes que ecoam os princípios desses estudiosos é essa.:

“...em uma parte da peça a Carla que a bailarina ela diz pra amiga dela que ela queria pedir desculpas por às vezes não cumprir com a expectativa da amiga.

E isso, não é meio que relacionamento tóxico?

Talvez seja, talvez chegamos aí...

Óbvio que é, pelo amor Deus, a pessoa se desculpa por ela mesma, isso aí é o que então, ah que p*rr4.” (Roda de Conversa, 2023)

A narrativa do participante, centrada na personagem Carla da peça, ilustra uma imersão ao capturar a complexidade de uma relação tóxica. A interação entre personagens despertou não apenas observação, mas uma profunda reflexão sobre a natureza dessas dinâmicas. A expressão indignada do participante — "Óbvio que é, pelo amor de Deus a pessoa se desculpa por ela mesma, isso aí é o que então? ah que p*rr4" — exemplifica a conexão entre o pessoal com o que se viu. A plateia não apenas testemunha a peça, mas participa ativamente da construção de significados.

A narrativa revela um ponto crucial: a identificação com a temática da peça transcende a observação passiva. O participante, ao “confrontar” a personagem Carla, questiona e desafia conceitos de relacionamentos saudáveis e tóxicos. A expressão "ah que p*rr4" traduz a visceralidade da experiência, sugerindo uma resposta emocional intensa que ultrapassa o âmbito do entretenimento. A obra de arte, neste caso a peça teatral, serve como catalisadora para a reflexão coletiva sobre temas profundos e muitas vezes evitados. Outra fala que trago como destaque é a seguinte:

“Por muito tempo, eu fui uma pessoa muito diferente do que eu era, para fazer amizades novas, para poder me encaixar em certos grupos. Já fui muito tímida. Agora estou conseguindo mudar esse jeito. Então, eu acho que de uns tempos pra cá eu fui percebendo que eu não precisava exatamente mudar quem eu era, pra agradar outra pessoa. E se alguma pessoa, fizesse uma amizade comigo, ela faria, porque ela gosta do meu jeito. Então, isso é uma coisa que mudou bastante, esse tempo pra cá que eu fui percebendo. Eu fazia as coisas e eu pensava: por que eu tô fazendo isso daqui? É pra fazer novas amizades? Mas por que? Quando que eu vou poder ser quem eu sou? Sabe, assim, sem precisar ser alguma coisa pra alguém...” (Roda de Conversa, 2023)

O relato da participante sobre sua evolução de uma pessoa tímida que buscava se encaixar em grupos para alguém que agora se permite ser autêntica, ressoa com o conceito. A busca pela aceitação social é desconstruída, dando lugar a uma compreensão mais profunda de si mesmo. A mudança narrada pela participante, ao perceber que não precisa mudar quem é para fazer amizades, reflete uma interação social. A arte, nesse contexto, serve como disparador de memórias das transformações nas relações interpessoais que a participante teve.

A fala da participante, "Eu fazia as coisas e eu pensava: por que eu tô fazendo isso daqui? É pra fazer novas amizades? Mas por quê? Quando que eu vou poder ser quem eu sou?", encapsula a essência da experiência estética. A peça teatral atuou como um espelho, refletindo não apenas as dinâmicas tóxicas apresentadas em cena, mas também desafiando a participante a questionar suas próprias motivações e identidade.

Essa narrativa evidencia que a experiência estética não é passiva. É um processo que desafia, questiona e transforma. Ao romper com a necessidade de conformidade social, a participante não apenas absorveu a temática da peça, mas também a internalizou, lembrando das mudanças significativas na visão de si mesma, e nas relações que estabelece. Dessa forma, a arte, ao abordar temáticas complexas como relações tóxicas e dependência emocional, transcende a função meramente estética. Torna-se um agente de transformação social e pessoal, desafiando os espectadores a repensarem não apenas o que veem no palco, mas também o que veem dentro de si mesmos.

Outra vivência compartilhada por um dos participantes, permeada pelas lembranças de conflitos familiares, tece um elo profundo entre a experiência estética proposta na peça e sobre relações tóxicas e dependência emocional.

“Quando eu era menor assim, tipo uns 7 anos na época, o meu irmão e minha mãe costumavam brigar bastante. Às vezes eu digo, o meu irmão estava numa fase assim, meio difícil, assim...

E daí eles ficavam brigando, assim, discutindo e eu ficava no quarto sozinho, tipo dormindo, só escutando, sabe. A minha vontade mesmo é de poder, sei lá, tentar parar aquilo ali, mas eu conheço ele. E tinha até medo de tomar um tapa do meu irmão. Assim sabe...” (Roda de Conversa, 2023)

Hermann destaca a experiência estética como uma jornada intrapessoal, na qual o indivíduo se confronta com suas próprias emoções e memórias. O participante, ao rememorar os conflitos familiares de sua infância, revela uma imersão profunda nesse universo emocional. O teatro, nesse contexto, atua como um catalisador que não apenas evoca sentimentos, mas também proporciona uma oportunidade de reflexão sobre experiências passadas.

A fala do participante, ao expressar sua vontade de interromper as brigas entre seu irmão e a mãe, ressoa com esse aspecto social da experiência. A arte, ao abordar temáticas como relações tóxicas, convida os espectadores a se conectarem não apenas com as histórias representadas no palco, mas também com suas próprias narrativas pessoais. A narrativa do participante, ao mencionar o medo de intervir nas brigas familiares, destaca a complexidade das relações humanas. Esse medo, presente em suas memórias de infância, torna-se aqui um ponto de diálogo com a representação teatral. A peça não apenas oferece uma visão crítica das relações tóxicas, mas também convida o espectador a confrontar suas próprias hesitações e emoções não resolvidas.

Portanto, a experiência estética, ao dialogar com as memórias pessoais do participante, transcende o papel passivo da observação. Ela se transforma em um processo ativo de reflexão e diálogo, redefinindo não apenas a percepção do espectador em relação à arte, mas também a compreensão de si e de seu papel nas complexas teias das relações humanas. A arte, então, não é apenas um espetáculo, é um espelho que reflete e desafia, criando pontes entre o palco e a vida cotidiana.

Outro relato que segue uma narrativa parecida com a do participante anterior, repleta de memórias dolorosas sobre os conflitos parentais, surgiu durante a conversa:

“A minha mãe e o meu pai, quando eu era menor, sempre eles brigavam. Daí eu sempre chegava na minha mãe e dizia para, para, daí, até os meu três anos, a minha mãe cansou e ela foi embora. Daí agora meu pai e minha mãe são separados, mas eu lembro que era horrível, porque todos os dias eles brigavam.” (Roda de Conversa, 2023)

Ao recordar os momentos turbulentos de sua infância, a participante se encontra imersa em uma reflexão profunda sobre suas próprias experiências familiares. A peça, ao abordar temáticas tão próximas de sua vivência, torna-se um espelho no qual ela encontra reflexos de seu passado. A fala da participante, ao compartilhar a separação dos pais e a persistência dos conflitos, revela a natureza social intrínseca das relações familiares. A peça, ao explorar a toxicidade dessas relações, não apenas oferece uma narrativa ficcional, mas também catalisa a expressão e partilha de experiências pessoais.

A fala da participante sugere uma busca por compreensão e reconciliação. Sua recordação de ter solicitado à mãe que interrompesse as discussões, seguida pela decisão dela de se afastar, revela a profunda influência desses acontecimentos na moldagem de sua perspectiva sobre relacionamentos.

A declaração da participante ressoa com uma busca por compreensão e reconciliação. Sua memória de pedir à mãe para parar as brigas, seguida pela partida dela, demonstra o quanto esse momento ainda está presente em sua memória, fazendo com que ela o recordasse enquanto apreciava a cena. A peça, ao abordar as complexidades das relações, proporciona a ela uma oportunidade de reavaliar essas memórias à luz das representações artísticas.

As palavras de dois participantes, ao compartilharem suas lembranças evocadas pela cena das caixas na peça, se entrelaçam e criam relações do que se viu com o que se viveu.

“Uma cena que não me senti desconfortável, mas eu senti assim... Foi quando elas estavam com as caixas, elas iam mudando assim, né? Eu lembrei de uma vez que eu tinha uma amiga desde a infância e ela foi se mudar de cidade. E daí eu fui no dia da mudança dela, ajudar ela com as caixas, eu lembrei desse dia.” (Roda de Conversa, 2023)

“Pra mim também teve uma memória bem parecida. Eu tinha uma colega minha, que até a mãe dela trabalhava com o meu pai. E aí no segundo ano, dois dias antes, ela me avisou que ela estava mudando pra Porto Alegre. A gente era bem amigo. Lembrei um pouco, assim, sabe?” (Roda de Conversa, 2023)

Ao descrever o impacto da cena das caixas, o primeiro participante revela uma ressonância com uma experiência passada. Sua conexão com a mudança de uma amiga de infância, expressa através da simbologia das caixas, evidencia como a arte pode atuar nas memórias. O segundo participante, ao compartilhar a história da colega que se mudou, adiciona uma camada social à sua experiência. A relação entre

amigos, agora moldada pela distância física, é trazida à tona pela peça, proporcionando um espaço para o diálogo sobre a natureza transitória das relações.

Ambas as experiências ressaltam a capacidade da arte de transcender o espaço e o tempo, conectando passado e presente de maneiras poderosas. A cena das caixas não apenas representa uma narrativa ficcional, mas serve como um ponto de convergência entre a encenação teatral e as histórias pessoais dos participantes.

Como última reflexão trago a fala de uma participante, que mergulhou em pensamentos metafóricos durante a peça:

“Durante a peça a minha cabeça foi um pouco longe. E pensei em algo mais metafórico, sabe? Como se dentro da caixa delas tivesse lembranças delas, dos tempos que elas passaram junto e meio que elas mataram tudo aquilo, mas não sei” (Roda de Conversa, 2023)

Hermann, ao discutir a experiência estética como uma jornada individual, destaca a capacidade da arte de transcender o imediato e conduzir a mente do espectador a esferas mais profundas. A participante, ao mencionar que sua mente foi "um pouco longe," sugere uma imersão que vai além da superfície da encenação. A metáfora da caixa torna-se um portal para um reino mais abstrato de pensamento, onde as lembranças e as emoções se entrelaçam.

A participante, ao explorar a ideia de "lembranças dentro da caixa," adiciona uma camada simbólica à narrativa. A caixa, agora mais do que simples adereço cênico, transforma-se em receptáculos de memórias, convidando à reflexão sobre o impacto do passado nas relações presentes. A fala revela não apenas uma observação, mas uma participação ativa na construção de significado. Ao conectar a narrativa teatral com concepções metafóricas, a participante contribui para a co-criação do significado da peça. Essa interação entre a obra e o espectador reflete a ideia de Desgranges de que a experiência é um diálogo, um processo de troca entre o artista e o observador.

Dessa forma, a peça transcende o seu papel de mero entretenimento, tornando-se um veículo para reflexões profundas e interpretações pessoais. A mente do espectador, como a de um diretor, molda a narrativa, demonstrando que a verdadeira magia do teatro reside na colaboração entre a criação artística e a interpretação individual.

Neste capítulo, exploramos a riqueza e a complexidade das experiências estéticas dos participantes após a apresentação da peça teatral. A roda de conversa,

concebida como um espaço de reflexão e diálogo, revelou-se um terreno fértil para a manifestação das nuances sugeridas por Nadja Hermann e Flávio Desgranges. Ao mergulhar nas narrativas dos participantes, evidenciamos como a arte transcende os limites do palco, desencadeando reflexões profundas e conexões pessoais.

A interseção das perspectivas de Hermann e Desgranges iluminou a dinâmica única da roda de conversa. Enquanto Hermann destaca a jornada intrapessoal proporcionada pela experiência estética, a narrativa dos participantes expressa transformações sutis e profundas. A peça não apenas é assistida, é vivida e internalizada, moldando ativamente a perspectiva dos participantes. Desgranges, ao enfatizar a dimensão relacional da experiência, encontrou eco na construção coletiva de significados na roda de conversa. As interações sociais mediadas pelo diálogo ampliaram a riqueza da experiência, oferecendo diversas perspectivas e interpretações. Assim, a roda de conversa transcendeu a mera revisitação do espetáculo, tornando-se um palco de construção coletiva de significados.

Aprofundando-nos nas expressões dos participantes, testemunhamos como a arte pode despertar respostas profundas e complexas. A análise à luz das visões de Hermann e Desgranges revelou que a experiência estética não é apenas observação, mas uma fusão de emoções, pensamentos e interações sociais. O relato dos participantes sobre a cena das caixas, suas analogias pessoais e interpretações metafóricas evidenciam a natureza dinâmica e interativa da apreciação artística.

Em última análise, este capítulo destaca que a arte vai além do mero entretenimento; ela atua como um espelho que reflete e desafia. A peça teatral, ao abordar temas complexos como relações tóxicas e dependência emocional, emerge como um agente de transformação social e pessoal. A experiência estética, conforme delineada por Hermann e Desgranges, tece uma teia intrincada de conexões entre o palco e a vida cotidiana, desafiando os espectadores a repensarem não apenas o que veem no espetáculo, mas também o que veem dentro de si mesmos.

2.2.1.1 Um Intrigante Personagem na Roda de Conversa: Um Olhar sobre o Comportamento Peculiar de um Jovem Participante

Na dinâmica e diversificada roda de conversa com as crianças e os adolescentes de 10 a 14 anos, emergiu um protagonista improvável: um menino de

10 anos cujo comportamento se destacou pela singularidade e intensidade. Este trecho do memorial busca apresentar e contextualizar a presença desse jovem, cujas características destoantes chamaram a atenção de todos e ditaram o tom deste momento.

O menino, embora tenra idade, apresentou-se como um furacão de energia e palavras. Seu vocabulário, notavelmente avançado para sua faixa etária, surpreendeu a mim, a orientadora e os demais presentes. Suas ideias, por vezes, revelaram uma perspicácia que transcendeu os limites usuais das conversas de crianças de 10 anos. Sua ânsia por atenção foi notável, e suas histórias, frequentemente, tomavam proporções épicas, puxando o foco para si mesmo quase que o tempo todo.

A agitação constante do jovem gerou um dilema na dinâmica da roda de conversa. Por um lado, suas intervenções, apesar de disruptivas, trouxeram uma energia única ao grupo. Em muitos momentos, suas ideias, por mais *fora da curva* que fossem, contribuíram de maneira surpreendente para os temas em discussão. Por outro lado, sua tendência a interromper os colegas prejudicou a fluidez do diálogo, desviando o foco das discussões planejadas.

A presença desse participante singular impactou de maneira significativa o fluxo previamente planejado da roda de conversa. Suas intervenções, por vezes destoantes, desviavam a atenção do grupo e interrompiam o desenvolvimento natural das discussões. Contudo, é crucial notar que, em determinados momentos, suas falas e ideias ofereciam contribuições inesperadamente valiosas, adicionando nuances e perspectivas únicas.

A reflexão sobre este intrigante episódio na roda de conversa é inevitável. A experiência com esse jovem participante proporcionou não apenas desafios, mas também uma oportunidade valiosa de repensar as concepções e expectativas que muitas vezes moldam nossa interação com crianças e adolescentes. A agitação constante e a busca por protagonismo dessa criança, puderam ser interpretadas como uma expressão única de sua personalidade, uma voz ansiosa por ser ouvida em um ambiente que talvez não oferecesse espaço suficiente para sua singularidade.

Sua habilidade surpreendente de contribuir com ideias além de sua idade, desafia a noção convencional do que se espera de alguém em sua faixa etária, indicando uma riqueza interior digna de reconhecimento. Ao mesmo tempo em que suas intervenções disruptivas desafiaram a ordem planejada, elas trouxeram à tona a vitalidade e a autenticidade das experiências infantis. Sua presença questionou, e

ainda questiona, a adequação dos moldes pré-definidos em atividades direcionadas a esse público, sugerindo que talvez seja necessário mais espaço para a diversidade de vozes e expressões.

No cenário contemporâneo, observamos uma crescente tendência em que crianças e adolescentes, em virtude do amplo acesso à informação proporcionado pela tecnologia, desenvolvem posturas que muitas vezes transcendem as expectativas tradicionalmente associadas à sua idade. A era digital trouxe consigo uma abundância de informações, expondo jovens a um vasto universo de conhecimento e cultura de maneiras sem precedentes.

Diante desse cenário, é vital compreender que a formação da postura de crianças e adolescentes é multifacetada. Envolve não apenas a exposição à informação, mas também a interação com o ambiente familiar, os amigos e outros elementos que compõem seu universo. A reflexão sobre esses fatores torna-se essencial para uma compreensão mais abrangente e contextualizada desse fenômeno contemporâneo.

Portanto, a análise desse momento singular na roda de conversa instiga uma reflexão pertinente sobre a importância de acolher e compreender as singularidades de cada participante. Afinal, em meio à agitação aparente, podem residir perspectivas e vivências valiosas que enriquecem a experiência coletiva. Este episódio serve como um convite à flexibilidade e empatia, recordando-nos de que, muitas vezes, é nas margens da norma que encontramos as narrativas mais autênticas e reveladoras.

2.2.2 Momento 2

Nosso segundo momento de diálogo direto com as crianças e os adolescentes aconteceu no dia 10/11/2023, exatos quarenta e um dias após nosso primeiro momento. Tempo este já previamente estipulado na proposta metodológica do projeto de Memorial Reflexivo. Esse momento aconteceu nas dependências da Escola Municipal de Ensino Fundamental Vicente Farenzena, que está localizada no bairro Camobi, da cidade de Santa Maria, Rio Grande do Sul.

Nossa apresentação aconteceu em uma sala de aula cedida pela coordenadora pedagógica da escola. Uma sala pequena, destinada à pré-escola,

repleta por inúmeros atrativos visuais como por exemplo, cartazes coloridos colados nas paredes, prateleiras com brinquedos e materiais escolares. Durante nossa apresentação, no pátio da escola, estava acontecendo uma outra atividade com outros alunos, assim todo o barulho que era produzido acabava poluindo nosso momento.

Figura 17 Foto da apresentação na escola



Fonte: arquivo do autor

A roda de conversa contou com a participação de cinco dos oito alunos que estiveram presentes no primeiro momento. Destaco que todos os alunos presentes no primeiro momento foram comunicados e convidados a se fazerem presentes neste segundo momento, o que por algum motivo não possibilitou a ida de todos. Este momento tinha como metodologia, apresentar o trecho final da peça que não havia sido mostrado na primeira apresentação, seguida de uma roda de conversa para possíveis elucidações e percepção das crianças e dos adolescentes. Trago neste momento algumas das falas presentes na roda de conversa a fim, de mais uma vez, traçar aproximações e distanciamentos dos conceitos investigados.

Figura 18 Foto da apresentação na escola



Fonte: arquivo do autor

A segunda roda de conversa, que se desenrolou como epílogo após a impactante cena final da peça teatral, marcou o desfecho de um ciclo de quarenta e um dias, iniciado com a primeira apreciação da obra. Essa experiência, repleta de nuances e descobertas, visou não apenas encerrar um capítulo, mas também ampliar a compreensão dos participantes sobre os conceitos de experiência estética, segundo Hermann, e experiência, conforme Desgranges.

Ao iniciar a roda de conversa, a intenção era criar um espaço seguro para que as vivências e percepções pós-peça emergissem. As falas dos participantes, impulsionadas por indagações cuidadosas e provocativas, desdobraram-se em narrativas ricas em nuances emocionais e reflexões pessoais. A abordagem dos conceitos de experiência estética, segundo Hermann, e experiência, segundo Desgranges, lançou luz sobre a complexidade dos sentimentos despertados pela peça.

As falas dos participantes, repletas de insights e reflexões, evidenciaram não apenas a compreensão dos conceitos teóricos, mas também a internalização desses, na vivência prática. Quando um dos participantes, de imediato lança a seguinte reflexão:

“Eu acho que nesse meio tempo da peça, sei lá, sempre quando alguém tinha uma atitude parecida com o que as duas tinham, eu lembrava da peça. Acho que ficou um tempo para pensar, ficou na memória a peça.” (Roda de Conversa, 2023)

Sua percepção aguçada o levou a associar atitudes representadas na peça a situações reais, transformando o teatro em um espelho sensível de suas experiências. A presença persistente da peça em sua memória, como mencionado na fala, denota a ressonância duradoura da experiência. As atitudes representadas no palco tornaram-se um filtro através do qual ele passava suas interações cotidianas. Cada paralelo traçado entre a encenação e os eventos da vida real evidenciaram a profundidade da conexão estabelecida entre o espectador e a obra teatral.

Ao relacionarmos essa experiência com a visão de Desgranges sobre o conceito de experiência, podemos entender que o participante não apenas absorveu o espetáculo no momento da apresentação, mas carregou consigo as ressonâncias emocionais e intelectuais que se desdobraram ao longo do tempo. Sua lembrança contínua da peça atua como um fio condutor que tece as complexidades da experiência, reforçando a ideia de que o impacto da arte vai além do instante presente.

Dessa forma, a fala do participante revela a interseção entre a experiência estética, enraizada nas emoções provocadas pela peça, e a experiência como um processo contínuo de reflexão e conexão com o mundo ao seu redor. O teatro, ao se tornar uma referência constante em seu pensamento, deixa uma marca indelével, transformando não apenas a sua noção de arte, mas também a sua compreensão das relações humanas e emocionais.

A experiência estética, na perspectiva de Hermann, transcende o momento efêmero da apresentação artística, estendendo-se por um tempo mais amplo de maturação na mente e no coração do espectador. Assim como um bom vinho que amadurece com o tempo, a fruição estética de uma peça teatral se enriquece à medida que se assenta na consciência do observador.

Hermann argumenta que a verdadeira profundidade da experiência estética se desdobra em sua plenitude ao longo do tempo. Neste caso, o impacto inicial da peça é apenas o ponto de partida. É durante o processo de maturação que as camadas mais sutis e significativas se revelam. Este período permite que as emoções e reflexões geradas pela obra de arte se acomodem e se entrelaçam com a bagagem única de cada indivíduo.

O tempo desempenha o papel de catalisador na transformação da experiência estética em algo duradouro e significativo. À medida que o espectador digere e processa as nuances da performance ao longo do tempo, ele desenvolve uma compreensão mais rica e complexa da obra. Cada lembrança da peça se torna um fio condutor que liga o passado ao presente, permitindo ao espectador revisitar e reinterpretar a experiência de maneiras novas e reveladoras.

A teoria de Hermann sugere que o valor intrínseco da experiência estética não reside apenas no momento fugaz da apresentação teatral, aqui neste caso, na perspectiva da linguagem teatral, mas na qualidade e profundidade das reflexões que ela desencadeia ao longo do tempo. Esse período de maturação é essencial para que a obra transcenda seu contexto imediato, tornando-se uma parte integrante do repertório cultural e emocional do espectador. Da mesma forma como cultivamos uma planta cujas raízes se aprofundam com o tempo, a verdadeira apreciação segundo Nadja Hermann, se desvela e enriquece à medida que a experiência estética amadurece, tornando-se uma fonte contínua de inspiração e reflexão.

Com uma fala singular e profunda trago a reflexão de uma das participantes sobre a cena final:

“Tipo, agora eu pensei. Imagina se quando elas abrem a caixa. É um pouquinho meio que da minha imaginação. Se tivesse o corpo delas. Não, o corpo delas, e elas fossem o espírito delas. Ah, é um pouquinho da minha imaginação, né?” (Roda de Conversa, 2023)

Quando a experiência estética acontece, o mergulho nas ideias mais profundas é inevitável. A participante, ao pensar na abertura da caixa, exemplifica esse processo ao imaginar uma cena que vai além do imediatamente visível. A inserção dos corpos das personagens na caixa, enquanto seus espíritos ocupam a cena, demonstra uma conexão entre a representação física e a essência das personagens. Esse pensamento, que emerge da imaginação da participante, ressoa com a ideia de que

a verdadeira apreciação da peça se desdobra gradualmente, à medida que a experiência estética amadurece.

Por outro lado, Desgranges enfatiza a subjetividade na experiência. A imaginação da participante é um exemplo vívido dessa subjetividade, onde ela projeta sua interpretação única sobre a peça. A distinção entre os corpos na caixa e os espíritos na cena destaca a profundidade de sua reflexão, ressaltando que a experiência estética não é apenas o que é apresentado, mas o que é interpretado e sentido individualmente. Assim, a fala da participante proporciona uma lente valiosa para compreender a riqueza da experiência estética, integrando elementos de imaginação, interpretação pessoal e reflexão contínua.

Já na fala desse participante, a última que trago para refletir, ele se mostra à luz das perspectivas de experiência estética de Hermann e Desgranges, oferecendo *insights* interessantes sobre a natureza da apreciação artística.

“É tipo, esse é tipo o plot twist da peça. Podia ser qualquer coisa, elas iam estar brigando do mesmo jeito. Elas brigavam por tudo, então nem importava tanto o que ia ser, na verdade. Depois que a peça acaba, tu para pra perceber isso.” (Roda de Conversa, 2023)

A expressão do participante sobre o "*plot twist*" da peça como algo que poderia ser qualquer coisa, indicando que, no final, a natureza das brigas das personagens era mais significativa do que o próprio motivo da discordância, alinha-se com a noção de Hermann de que a compreensão mais profunda da obra se revela após a experiência. Ainda, Desgranges resalta a subjetividade na experiência. A percepção do participante de que, após o término da peça, ele "para pra perceber isso", sugere que a intensidade das relações tóxicas durante a apresentação se dissipa com o tempo.

Essa transição na percepção, destaca a dinâmica subjetiva da experiência, onde a intensidade do momento cede espaço para uma compreensão mais ponderada. Portanto, a análise do participante, ao destacar a natureza duradoura das dinâmicas interpessoais na peça, ressoa com a ideia de Hermann sobre a maturação da experiência ao longo do tempo, enquanto também reflete a subjetividade fluida enfatizada por Desgranges na apreciação artística.

Em última análise, essa segunda roda de conversa não apenas encerrou um ciclo, mas lançou as sementes de novos questionamentos e descobertas. A arte, como uma força dinâmica, continuará a desafiar e inspirar esses jovens espectadores

em sua jornada de crescimento e autodescoberta. A segunda roda de conversa marcou o culminar de um ciclo de quarenta e um dias de imersão na experiência estética proposta. Realizada na Escola Municipal de Ensino Fundamental Vicente Farençena, a apresentação da cena final da peça teatral ocorreu em meio a um ambiente vibrante e repleto de estímulos visuais, contrastando com o agitado pátio onde outra atividade se desdobrava, criando um desafio adicional para manter a concentração e a intimidade do momento. A participação ativa de cinco dos oito alunos presentes no primeiro momento demonstrou o envolvimento contínuo, apesar das ausências pontuais.

Durante a roda de conversa, a complexidade dos sentimentos despertados pela peça emergiu através das falas dos participantes, revelando não apenas a compreensão teórica, mas a internalização prática dos conceitos abordados. Uma reflexão marcante surgiu quando um dos participantes associou as atitudes representadas na peça a situações reais, transformando o teatro em um espelho sensível de suas experiências. Essa conexão profunda entre a encenação e a vida cotidiana evidenciou a ressonância duradoura da experiência estética.

A visão de Hermann sobre a maturação da experiência ao longo do tempo foi corroborada pelas reflexões dos participantes, destacando que a verdadeira profundidade da experiência estética se desdobra em sua plenitude durante o processo de reflexão contínua. Por outro lado, a perspectiva de Desgranges sobre a subjetividade na experiência ficou evidente nas interpretações únicas dos participantes, como exemplificado pela imaginação vívida de um dos integrantes sobre a cena final da peça. Ao final, a análise do *"plot twist"* como um elemento que poderia ser qualquer coisa, ressaltou a natureza subjetiva e em constante evolução da apreciação artística, conforme destacado por Desgranges.

Essa fase do projeto não apenas encerrou um capítulo, mas semeou as bases para uma compreensão mais profunda e duradoura dos conceitos explorados. Antes de terminar deixo aqui alguns agradecimentos. Prezada Escola Vicente Farençena, gostaria de expressar minha profunda gratidão pela acolhida calorosa e pela parceria valiosa ao longo deste projeto. A colaboração da escola, em especial da coordenadora pedagógica Vera Lúcia Alves da Silva, foi fundamental para o bom desenvolvimento desta empreitada.

Agradeço o constante apoio, receptividade e engajamento com minhas ideias. A escola não apenas abriu suas portas, mas também se tornou um ambiente propício

para a realização desta pesquisa. A colaboração e disposição de todos foram essenciais para a construção de uma experiência enriquecedora tanto para os participantes quanto para mim como pesquisador.

A atenção e suporte da coordenadora pedagógica Vera foram notáveis, desempenhando um papel crucial na integração deste projeto ao ambiente escolar. Sua dedicação e profissionalismo foram verdadeiramente inspiradores. Agradeço sinceramente por fazerem parte desta jornada, contribuindo não apenas para o desenvolvimento desta pesquisa, mas também para o enriquecimento do ambiente educacional como um todo.

E para finalizar esse capítulo, não poderia deixar de agradecer aqueles que foram os responsáveis mais aplicados para que hoje esta pesquisa estivesse se encerrando como está. As queridas crianças e adolescentes participantes, e é com imensa gratidão que expresso meu profundo agradecimento a cada um de vocês que generosamente contribuíram para a roda de conversa, peça-chave neste projeto de pesquisa. Sua participação ativa e envolvente foi fundamental para o desdobramento bem-sucedido desta investigação sobre a experiência estética no teatro.

Vocês trouxeram suas percepções, emoções e visões únicas, enriquecendo o entendimento sobre como a experiência estética se manifesta em um grupo tão especial como o de vocês, com idades entre 10 e 14 anos. Sua sinceridade e autenticidade proporcionaram *insights* valiosos, tornando possível abordar as nuances da apreciação teatral na infância e adolescência. Cada um de vocês desempenhou um papel vital, transformando a roda de conversa em um espaço vibrante de troca de ideias e sentimentos. Essa interação direta foi essencial para alcançar uma compreensão mais profunda sobre como a experiência estética influencia suas vidas.

Agradeço sinceramente por sua participação ativa, curiosidade e abertura durante esses momentos de diálogo. Sem a presença calorosa e genuína de vocês, este estudo não teria alcançado a riqueza e a autenticidade que agora representa. Cada palavra compartilhada por vocês foi uma peça valiosa no quebra-cabeça desta pesquisa, e por isso, expresso minha mais profunda gratidão. Espero que, assim como contribuíram para este estudo, possam colher frutos igualmente enriquecedores em suas vidas.

Figura 19 Foto da apresentação na escola (com os alunos)



Fonte: arquivo do autor

3 CONCLUSÃO: ABRI BRECHAS E ENCONTREI UM LUGAR PARA HABITAR

O capítulo de conclusão em um Memorial Reflexivo é a fase culminante do processo reflexivo, oferecendo uma perspectiva abrangente sobre o percurso investigativo e experiencial apresentado ao longo do trabalho. Este capítulo vai além de uma simples recapitulação, pois proporciona a mim a oportunidade de destacar as aprendizagens significativas, a evolução pessoal e profissional ao longo do projeto. Além disso, é o momento de articular as interconexões entre teoria e prática, destacando como as experiências vividas durante o desenvolvimento do trabalho contribuíram para o enriquecimento do conhecimento e aprimoramento das habilidades específicas da área de estudo. O capítulo de conclusão não apenas reforça a relevância e o propósito do Memorial Reflexivo, mas também serve como um convite à reflexão contínua e ao crescimento contínuo, tanto para o autor quanto para os leitores.

A jornada teatral com o grupo de crianças e adolescentes selecionados foi, sem dúvida, uma experiência rica e transformadora, repleta de nuances e descobertas que confirmam, de maneira inequívoca, a presença da experiência estética. A fundamentação teórica de Nadja Hermann e Flávio Desgranges ecoa não apenas nos corredores das teorias acadêmicas, mas se materializa nas vozes e olhares desses jovens espectadores, trazendo luz à verdadeira essência do teatro como uma arte viva e impactante.

Durante as rodas de conversa, onde se desdobraram reflexões pós-espetáculo, testemunhei a profundidade das conexões estabelecidas entre a obra que criei e os participantes. Os relatos permearam uma gama de emoções, desde o entusiasmo até a contemplação, evidenciando que a peça não foi apenas assistida, mas internalizada. As palavras compartilhadas revelaram um mergulho significativo nos temas explorados, tornando visível o impacto duradouro da experiência estética.

Minha percepção multifacetada, como diretor, ator e pesquisador, agiu como um espelho, refletindo a ressonância da arte nos espectadores. Ao observar suas expressões durante a apresentação, identifiquei nuances de emoções que ecoavam as intenções originais do espetáculo. A atmosfera envolvente das cenas, as reações espontâneas e o silêncio tenso nas pausas dramáticas foram testemunhas silenciosas da intensidade da conexão estabelecida entre palco e plateia.

A experiência estética, como delineada por Hermann, revelou-se como uma semente plantada que germinou e floresceu nas mentes e corações desses jovens. Os paralelos traçados entre a narrativa teatral e suas próprias vidas destacaram não apenas a compreensão dos conceitos teóricos, mas também a internalização desses na vivência prática. A peça não foi apenas um espetáculo passageiro; ela se tornou um espelho sensível de suas experiências, influenciando a forma como percebem e interagem com o mundo ao seu redor.

Essa confirmação da existência da experiência estética no grupo, não é apenas uma validação do esforço artístico, mas uma celebração da capacidade do teatro de transcender o palco e atingir o âmago da vivência humana. Neste processo, o teatro não é apenas entretenimento, mas um catalisador de reflexão, um agente provocador de emoções e um eco duradouro que ressoa além do momento presente. A arte, quando enraizada na experiência estética, torna-se um veículo poderoso para a construção de significado, revelando-se não apenas como uma manifestação artística, mas como uma experiência que ecoa na jornada única de cada indivíduo.

A questão central que permeou a pesquisa, "Quem e como é forjada a experiência artística do adolescente?", revelou-se como um intrigante enigma que, por sua própria natureza, desafia a busca de uma resposta única e definitiva. Ao mergulhar nas complexidades do universo adolescente e suas interações com a arte, ficou evidente que a formação da experiência artística é um fenômeno multifacetado, influenciado por uma miríade de fatores individuais, sociais e culturais.

A amplitude e a diversidade de experiências, perspectivas e vivências entre as crianças e os adolescentes sugerem, que não existe uma única narrativa que possa encapsular a totalidade desse processo. A arte, em suas diversas formas e manifestações, entrelaça-se com a identidade em formação, os contextos familiares, as influências sociais e as experiências educacionais, entre outros elementos. Tentar encapsular essa riqueza em uma única resposta seria limitar a própria complexidade inerente ao desenvolvimento artístico das crianças e dos adolescentes.

Contudo, essa falta de resposta não deve ser vista como uma lacuna na pesquisa, mas como uma abertura para novas indagações e descobertas. A questão central não pretende encerrar a investigação, mas, ao contrário, servir como um ponto de partida que ilumina as complexidades do tema. A ausência de uma resposta única pode, paradoxalmente, ser a força motriz para futuras pesquisas neste campo,

convidando outros estudiosos a explorar as nuances da formação da experiência artística da infância e da adolescência, sob diferentes perspectivas e contextos.

Ao reconhecer a diversidade e a singularidade das jornadas artísticas dos adolescentes, a pesquisa deixa espaço para abordagens mais específicas e contextualizadas, promovendo uma compreensão mais holística desse fenômeno. Dessa forma, a questão central não se encerra, mas se transforma em um convite para um diálogo contínuo, estimulando uma exploração mais aprofundada das intrincadas relações entre infância e adolescência e a experiência artística. Em última análise, é na complexidade e na ausência de respostas simplistas que reside o potencial para uma compreensão mais rica e abrangente desse “fascinante domínio”.

Os objetivos delineados para esta pesquisa não apenas foram alcançados, mas também lançaram luz sobre as emaranhadas relações entre a apreciação teatral, o desenvolvimento de experiência estética e o público específico de 11 a 14 anos. O objetivo geral de proporcionar a apreciação e discussão de um espetáculo teatral para esse grupo etário foi atingido de maneira abrangente e impactante. Ao analisar o conceito de experiência estética, a pesquisa não apenas identificou as estratégias pedagógicas empregadas para promover essa vivência, mas também lançou um olhar crítico sobre a eficácia dessas abordagens.

A direção e produção do espetáculo, um dos objetivos específicos, não só se concretizaram como se revelaram fundamentais para a consecução do propósito maior. A interação entre as diferentes escolhas estéticas durante o processo de produção foi não só um desafio, mas também um exercício de criação de um produto coeso e expressivo. A união desses elementos não só enriqueceu a estética do espetáculo, mas também fortaleceu a apresentação visual e narrativa, resultando em um produto teatral que atingiu os objetivos artísticos e comunicativos propostos inicialmente.

O cuidado na elaboração de cada cena, e na condução das performances contribuiu para a imersão do público-alvo na experiência teatral. A realização de dois momentos de contato do grupo escolar com o espetáculo, seguidos por rodas de conversa, não apenas proporcionou um ambiente propício para a expressão das impressões das crianças e dos adolescentes, mas também se mostrou uma estratégia valiosa para a construção de dados significativos. A escolha metodológica de dividir a apreciação do espetáculo em dois momentos, um realizado em um espaço formal teatral e o outro na escola dos participantes, revelou-se não apenas inovadora, mas

profundamente enriquecedora. Ao apresentar a peça de forma fragmentada no primeiro encontro, permitindo que as crianças e adolescentes não vissem seu desfecho imediatamente, criou-se um espaço temporal instigante. Esse intervalo de quarenta e um dias entre as duas apresentações serviu como um potente meio para a maturação das experiências, uma espécie de incubação que permitiu que os elementos da peça se sedimentassem nas mentes dos espectadores.

A não apresentação integral da peça no primeiro encontro gerou um ambiente de curiosidade e expectativa. Essa lacuna na narrativa instigou os participantes a buscarem respostas, a refletirem sobre o que viram e a compartilharem suas conjecturas durante as rodas de conversa subsequentes. Essa abordagem não apenas estimulou a atenção e a participação ativa, mas também destacou a importância do tempo na assimilação e na interpretação da obra. O período entre os dois momentos de apreciação não apenas permitiu que as percepções marcassem presença, mas também propiciou um ambiente para a ressonância emocional e intelectual.

A diferenciação dos espaços, entre o formal teatral e o cotidiano escolar, foi um elemento-chave dessa metodologia. Ao criar a experiência em um ambiente teatral, proporcionou-se uma imersão única, realçando a magia e a solenidade inerentes a esse espaço. Por outro lado, ao levar a peça para o ambiente escolar, a dinâmica mudou significativamente. A familiaridade do espaço escolar trouxe uma atmosfera mais íntima e descontraída, permitindo que os participantes se sentissem mais à vontade para expressar suas opiniões e reações.

Essa diferenciação comportamental é um reflexo da influência do ambiente na experiência estética. Enquanto o espaço formal teatral pode impor certas expectativas e comportamentos mais cerimoniosos, a escola, como ambiente diário, permite uma expressão mais genuína e informal. Essa variação no comportamento dos participantes destaca a importância do contexto na apreciação artística e ressalta a necessidade de considerar esses elementos ao planejar interações teatrais com públicos específicos.

Portanto, a forma como está metodologia foi elaborada, não apenas agregou camadas de complexidade e riqueza à pesquisa, mas também ofereceu *insights* valiosos sobre a relação entre tempo, espaço e experiência estética em contextos teatrais. A abordagem cuidadosa desses elementos contribuiu não apenas para a

concretização da pesquisa, mas também para uma compreensão mais profunda da apreciação teatral por parte das crianças e dos adolescentes envolvidos.

A construção de dados, outro dos objetivos específicos, revelou a riqueza e a diversidade das percepções dos adolescentes, fornecendo materiais valiosos para a avaliação do impacto da experiência estética. A avaliação desse impacto, último objetivo específico, culminou nesta escrita reflexiva que, ao friccionar as teorias de apoio, enriquece o arcabouço teórico da pesquisa. Os dados construídos não apenas validaram as teorias de Hermann e Desgranges, mas também apontaram para nuances e particularidades que podem informar futuras pesquisas nesse campo.

Dessa forma, cada objetivo, específico e geral, foi não apenas atingido, mas entrelaçado em uma narrativa coesa que revelou a complexidade da apreciação teatral pelas crianças e pelos adolescentes. Este estudo não apenas cumpriu seus propósitos, mas também abriu portas para uma compreensão mais profunda e contextualizada da interseção entre experiência estética e público jovem.

A busca por brechas na apreciação teatral, como proposta neste trabalho, revelou-se uma jornada fascinante e esclarecedora, proporcionando uma compreensão mais profunda sobre a experiência estética. Ao me debruçar sobre as teorias de Hermann e Desgranges, pude vislumbrar como a apreciação teatral pode se tornar um portal singular para a experiência estética, especialmente quando direcionada a um público em formação, como crianças e adolescentes de 11 a 14 anos.

Ao dirigir um espetáculo cênico que abordou as complexidades das relações tóxicas e da dependência emocional, busquei não apenas entreter, mas proporcionar um espaço reflexivo e transformador. A dramaturgia, inspirada em obras como "A Favorita" de João Emanuel Carneiro e "Segura que o filho é teu" de Jorge Raskolnikov, ofereceu um terreno fértil para explorar as nuances desses temas delicados. As escolhas estéticas, desde o cenário, figurino e maquiagem minimalista até a disposição simbólica das caixas e dos bancos como cenário, foram cuidadosamente planejadas para criar uma atmosfera visualmente poderosa, complementando e enriquecendo as performances das atrizes.

Os ensaios representaram uma fase crucial, não apenas na preparação técnica do espetáculo, mas na construção de um ambiente colaborativo e formativo. A intensidade das discussões sobre o conteúdo e a dinâmica de cada cena, aliada à

participação ativa do elenco na criação de significados, fortaleceu não apenas o resultado artístico, mas também a bagagem pessoal e profissional de cada envolvido.

Os momentos de diálogo direto com as crianças e adolescentes, especialmente nas rodas de conversa após as apresentações, destacaram a ressonância duradoura da experiência estética. As palavras dos participantes, permeadas de reflexões e *insights*, reverberaram não apenas na compreensão dos conceitos teóricos, mas, de maneira mais profunda, na internalização desses conceitos em suas vivências práticas.

Dessa forma, a apreciação teatral, quando moldada com sensibilidade e intencionalidade, mostrou-se uma possibilidade poderosa para instigar a experiência estética. A busca por brechas, nesse contexto, não se revela apenas como um exercício acadêmico, mas como um convite para desvendar os potenciais transformadores do teatro na vida e na formação de jovens espectadores.

Este trabalho não apenas explorou as teorias de Hermann e Desgranges, mas, mais significativamente, trouxe à luz a capacidade única do teatro em encontrar essas brechas na percepção, provocando questionamentos, estimulando reflexões e cultivando um terreno fértil para o crescimento emocional e intelectual. Ao encerrar este capítulo, posso afirmar que, ao encontrar brechas na apreciação teatral, encontro também portas abertas para a experiência estética, estabelecendo uma conexão duradoura entre o palco, o público jovem e a ampla tapeçaria da vida humana.

Ao finalizar este memorial reflexivo, é inevitável expressar a alegria e a satisfação que permeiam a condução deste trabalho desafiador, porém, assertivo em suas escolhas. Como diretor, ator e pesquisador, foi uma jornada que exigiu não apenas dedicação, mas também uma visão clara e criativa, e é com grande satisfação que vejo os frutos dessa empreitada.

É imperativo destacar a capacidade criadora e artística que esteve à frente de cada decisão, cada experimentação, e cada instante de construção desse projeto. Marcos Lima Beber (eu), com suas habilidades de traduzir ideias em experiências palpáveis, revelou-se não apenas um condutor, mas um arquiteto das emoções e reflexões que permearam cada cena, cada ensaio, cada interação.

Nesse percurso desafiador, contou-se com a orientação precisa e inspiradora de Camila Borges, uma artista e professora fenomenal, cuja expertise e sensibilidade foram essenciais para o excelente êxito deste trabalho. Sua orientação não apenas forneceu direção e clareza, mas também instigou questionamentos fundamentais que

enriqueceram sobremaneira a pesquisa. À banca composta por Cândice Moura Lorenzoni e Miriam Lessa Benigna, expressei meu profundo agradecimento pelas contribuições valiosas durante a defesa deste trabalho. Suas análises críticas e perspicazes proporcionaram uma visão abrangente e enriquecedora, elevando a qualidade e a profundidade desta pesquisa.

Figura 20 Foto do dia da banca consultiva



Fonte: arquivo do autor

Assim, encerro este memorial reflexivo com gratidão e orgulho pelo percurso trilhado, pela oportunidade de mergulhar nas complexidades das relações tóxicas e da dependência emocional por meio do teatro. Que este trabalho possa ecoar como um testemunho da beleza e potência do teatro como meio de reflexão, questionamento e transformação.

REFERÊNCIAS

CARVALHO, C. **Ensinar e aprender arte na escola**: sobre docência e estudando. Belo Horizonte: Autêntica, 2009.

DESGRANGES, F. **Teatro, estética e experiência**. In: Revista USP, n. 78, p. 132-141, 2008.

DESGRANGES, Flávio. **Pedagogia do teatro**. 2011.

DESGRANGES, Flávio. **A pedagogia do espectador**. 2020.

HERMANN, Nadja. **Ética e Estética: a relação quase esquecida**. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2005.

HERMANN, Nadja. **Autocriação e Horizonte Comum**: ensaios sobre educação ético-estética. Ijuí: Ed. Unijuí, 2010.

HERMANN, Nadja. **Ética & educação: outra sensibilidade**. Autêntica, 2014.

SIEBERT, B. **A experiência cênica do espetador infanto-juvenil**: reflexões acerca da formação de plateias. In: Anais do V Congresso Brasileiro de Teatro, 2014.

ANEXOS

ANEXO A– Texto Inspirador

SEGURA QUE O FILHO É TEU

Por Jorge Raskolnikov

Personagens: Carlos Magno, 35 anos; dono de uma concessionária de automóveis. Mariana Alves, 32 anos, promotora de eventos.

Quadro único.

(Sala de apartamento do casal. Indicação de sala vazia. Uma simples cadeira ao centro e um boneco sobre ela. O casal está em cena. Música que aos poucos vai diminuindo o volume. Carlos com uma pasta na mão, de costas para o filho – boneco - confere alguns documentos. Mariana, igualmente de costas para o filho, arruma alguns posters de eventos)

CARLOS: (Falando consigo mesmo) Ainda bem que encontrei esses documentos. Ah, foi preciso esvaziar o apartamento todo pra achar!

MARIANA: (Ela arruma os posters) E olha só o que eu encontrei: alguns posters do tempo em que eu trabalhava na Master eventos!

CARLOS: Sei, sei... (Arruma a pasta. Olha em volta) Que vazio! (Pausa) Tinha esquecido como esse apartamento era imenso!

MARIANA: É verdade!

CARLOS: Cheio de tralhas como vivia, esse apartamento ficava do tamanho de um ovo!

MARIANA: (Indignada) Tralhas!? Não, senhor! Nosso apartamento era muito bem decorado com móveis maravilhosos!

CARLOS: Um monte de troços inúteis com o qual você gastou todo nosso dinheiro!

MARIANA: Troços! Ah, é? Então por que você fez questão de ficar com um monte de coisas?!

CARLOS: Só pra não te dar o gosto de ter gastado nosso dinheiro sem nenhuma punição (Pausa) Fiz questão de ficar com a metade das coisas só pra te ver sofrer!

MARIANA: (Indo em direção a ele) Como é!?

CARLOS: Sei que você ficou desesperada quando eu fiz questão de dividir tudo meio a meio. Os nossos dez anos de casamento foram o suficiente para que eu percebesse o quanto você é materialista!

MARIANA: (Quase gritando) Eu não sou nada materialista! E que história de meio a meio foi essa? Eu nunca vi divisão mais injusta!

CARLOS: (Passeando pela sala) Nisso eu concordo. Nisso você está coberta de razão! (Quase gritando) Você ficou com todos os meus cds!

MARIANA: Que mentira! Só fiquei com os cds que eu comprei!

CARLOS: A coleção dos Beatles era minha!

MARIANA: Eu que comprei, não se lembra?

CARLOS: Lembro sim. Comprou depois de eu ter reclamado por ter danificado toda a coleção de vinis que eu tinha.

MARIANA: Ah, Carlos, eu não quero mais discutir com você! Já chega, tá bom? Esse nosso divórcio deve ter sido o mais conturbado da história da humanidade.

CARLOS: Tem razão. (Um tom mais tranqüilo) A gente disputou palmo a palmo o que tínhamos...

MARIANA: Pois é...

(Ela parece dialogar com o filho, arruma sua roupa. Carlos mexe novamente na pasta sem interesse)

MARIANA: Me desculpa qualquer coisa, Carlos... Sei que te disse coisas que não devia durante esse processo...

CARLOS: (Visivelmente comovido) Ah, esquece. Eu também não fui muito delicado com você...

MARIANA: Fizemos e dissemos coisas que não devíamos, um verdadeiro desrespeito às coisas boas que vivemos...

CARLOS: Verdade...

MARIANA: Pois é...

CARLOS: Desculpa qualquer coisa...

MARIANA: A mim também, tá...

CARLOS: (Um tanto encabulado) Eu nunca disse... mas sempre achei você uma boa mãe pro nosso filho.

MARIANA: Exagero seu! Sou nada! Você sim é que é um bom pai!

CARLOS: Não, eu não.

MARIANA: Pensa que eu nunca vi a maneira que você e o Paulo Victor se divertiam? Nunca vi pai e filho se darem tão bem!

(Carlos sorri para o filho, mexe com ele)

CARLOS: É, mas nada disso é comparável ao cuidado que você teve com ele, aliás, nada se compara ao amor de mãe! (Um tanto triunfante)

MARIANA: Um pai é algo imprescindível na vida de alguém!

CARLOS: E uma mãe então? Algo insubstituível!

MARIANA: Um bom pai também não é coisa que se arranje em qualquer esquina!

(Se aproximam um do outro)

CARLOS: É uma boa mãe? Algo quase impossível de encontrar nesses dias de hoje! (Música comovente. Ele caminha sonhador) Você acredita que eu li no jornal a história de uma mulher que abandonou o filho numa lata de lixo?

MARIANA: E eu li uma estatística que informa que o número de crianças que não conhecem o pai aumentou!

CARLOS: Mundo triste esse nosso!

MARIANA: Concordo!

CARLOS: As famílias estão se desfazendo, Mariana...

MARIANA: Pura verdade.

CARLOS: Apesar de estarmos nos separando nosso filho vai ficar bem!

MARIANA: Com certeza!

CARLOS: Sei disso!

MARIANA: Eu também sei!

CARLOS: Você é mesmo a melhor mãe do mundo! (Aponta para ela)

MARIANA: Você é que é o melhor pai que já existiu! (Ela repete o gesto dele)

CARLOS: Por isso é que nosso filho vai ficar muito bem com você!

(Pausa. Ela fez uma expressão de surpresa)

MARIANA: Engraçado! Achei que ele ia ficar com você!

CARLOS: Não. Ele vai é ficar com você. Acha que eu ia querer separar o moleque da mãe dele? Ainda mais uma mãe como você!

MARIANA: Eu estava certa de que você fosse ficar com ele!

CARLOS: Eu não! Como ia cuidar do moleque? Vou morar sozinho, lembra?

MARIANA: Podia deixar ele com sua mãe enquanto arranja uma babá!

CARLOS: Nem pensei nisso porque achava que ia ficar com ele!

MARIANA: Como poderia fazer isso? Vou para o apartamento das minhas primas. Não vou levar de mudança um filho...

CARLOS: (Indignado) Hã?

MARIANA: Ainda mais quando o pai dele pode muito bem cuidar dele!

CARLOS: Como vou cuidar de um moleque de três anos!?

MARIANA: Dois!

CARLOS: Como?

MARIANA: Ele tem dois anos! Meu Deus! Você nem sabe a idade do próprio filho!

CARLOS: Para você ver minha incompetência como pai!

MARIANA: Incompetência uma ova! Você está agindo assim para não ficar com o próprio filho!

CARLOS: Perfeito! E você? Por que não quer ficar com ele?

MARIANA: Foi como lhe falei, vou para o apartamento das minhas primas e não quero levar de mudança um filho.

CARLOS: Aquela sua prima desocupada podia muito bem cuidar dele enquanto arranja uma babá.

MARIANA: Ela não é nenhuma desocupada. Tem problemas de saúde e não pode trabalhar! E eu nem pensei em nada porque achava que queria ficar com ele!

CARLOS: Eu não! Sou um péssimo pai, lembra?

MARIANA: Fala baixo! Vai acabar traumatizando o menino!

CARLOS: (Ele dá uma olhada para o menino) Pois é... Você sendo uma mãe excelente é que deve ficar com ele!

MARIANA: Aí é que você se engana. Eu não sou nenhum modelo de perfeição.

CARLOS: Mas é muito melhor que eu. Não lembra? Nosso casamento acabou por causa da minha negligência, indiferença e incapacidade de melhorar meu caráter!

MARIANA: (Surpresa com a colocação dele) Quem disse isso?

CARLOS: Você! E muitas vezes!

MARIANA: Eu não! (Procurando se acalmar) Certo, tudo bem, você pode até ser assim, mas eu sou pior! Deixa eu te falar uma que fiz com o Paulinho que você nunca soube...

CARLOS: Sim, mas fala baixo, pode traumatizar o menino.

MARIANA: (Com falsa vergonha. Uma breve música de suspense é ouvida) Você me acredita que uma vez eu o esqueci no supermercado?

CARLOS: (Sem dar qualquer atenção a história dela) Isso é nada! Não te conto o que fiz... (Ele a puxa pelo braço em tom de confissão, mesma música de suspense anterior) Uma vez deixei ele brincar com uma daquelas minhas garrafinhas de uísque e fui atender ao telefone. Quando voltei a garrafinha estava vazia e o menino começou a soluçar feito um bêbado... Desesperado, meti o dedo na garganta dele... pouco depois o menino vomitou um líquido esquisito esverdeado, sujou tudo, o sofá, o tapete... e até o exemplar novo da caras!.... Nem senti cheiro de bebida, foi aí que eu percebi que ele tinha era trocado a garrafa cheia por uma vazia!

MARIANA: Ah, mas você precisava ver o menino no dia em que eu o esqueci no supermercado... Quase não voltou a falar!

CARLOS: (Com desprezo e indiferença) Isso é nada! Você tinha era que ouvir os gritos dele enquanto eu empurrava o dedo na garganta do coitado: "Não, papai...ahhhhhhh...Não... euuuuuuuuu..."

MARIANA: Ele não deve nem lembrar disso! Pior foi o negócio no supermercado, até hoje quando levo ele lá, o menino me olha com os olhos desse tamanho de tristeza (Faz um gesto tentando imitar os olhos do moleque) Acho que ele vai ser uma adulto que não vai freqüentar muito o supermercado!

CARLOS: Ainda acho que é melhor ser esquecido no supermercado do que ter dedos enfiados na sua garganta!

MARIANA: Nada disso! (Mudando de tom) Carlos você tem que ficar com ele.

CARLOS: Eu não! Fique você!

MARIANA: Fala baixo! Vai traumatizar o menino! (Os dois olham para ele)

CARLOS: (Afastando-se da ex-mulher) Não vou ficar com o menino!

MARIANA: Mas por que não quer ficar com o próprio filho!?

CARLOS: Por quê, por quê... Porque sou uma péssima influência para ele!

MARIANA: Você está é com conversa fiada!

CARLOS: Não é conversa fiada coisa nenhuma! Já pensou esse menino criado por um irresponsável como eu? Que tipo de sujeito seria? Um homem indiferente, negligente e incapaz de mudar seu caráter!

MARIANA: (Ela olha para frente e faz uma expressão de surpresa) Não sei porque você fica repetindo isso. (Procurando encontrar calma) Tenho certeza de que será melhor você ficar com ele. Imagina eu com esse menino, isso sim seria criar um egoísta!

CARLOS: (Muito surpreso) Por quê!?

MARIANA: Sou um péssimo exemplo, Carlos, sou... sou... exatamente como você disse, materialista demais!

CARLOS: Agora você vai ficar falando de defeitos que eu nunca pus em você! Jamais disse uma coisa dessas!

MARIANA: (Extremamente indignada) Disse sim e eu admito. Já pensou o que eu ensinaria para esse menino!? A melhor coisa que posso fazer por ele é deixá-lo com você!

CARLOS: Fala baixo! Vai traumatizar o coitado!

MARIANA: Sou uma mulher horrível, fútil.... (Música comovente) se fosse um só pouquinho mais louca, colocaria o menino numa lata de lixo e o abandonaria lá!

CARLOS: Você está exagerando, pegando pesado para que eu fique com ele.

MARIANA: Vai ser melhor assim, que filho ia querer viver com uma droga de mãe como eu?

CARLOS: Você diz isso como se eu fosse o pai do ano!

MARIANA: Pelo menos vivendo com o pai, tendo um homem como referência ele não teria tantas chances de se tornar gay!

CARLOS: Quem é que garante uma coisa dessas?

MARIANA: Já vi muitos psicólogos dizerem isso!

CARLOS: Besteira!

MARIANA: Pura verdade! E se eu ficasse com o menino, além dele não ter uma referência masculina ainda ia ficar confuso com as atitudes da minha prima, a Arlete...

CARLOS: Quem? A vagabunda? A desocupada?

MARIANA: Não, tô falando da Arlete...

CARLOS: Que é que tem ela?

MARIANA: Nunca percebeu que ela é lésbica?

CARLOS: (Surpreso) Não! Que história é essa?

MARIANA: A Arlete é lésbica e se eu ficar com o Paulinho como é que eu vou explicar para ele o que ela de fato é.

CARLOS: Deixa de drama, Mariana, isso não é motivo para que você não fique com ele!

MARIANA: Você vai querer ter um filho efeminado? Vai?

CARLOS: E ficando comigo isso vai impedir que ele se torne gay? Conheço um milhão de viados que cresceram com o pai! (Tira um suspeitíssimo lenço com as cores do arco-íris e assoa o nariz)

MARIANA: Mas não é só isso!

CARLOS: Que é que tem mais?

MARIANA: Eu sou materialista, péssima mãe, egoísta...

CARLOS: E eu sou indiferente, negligente e totalmente incapaz de mudar meu caráter...

MARIANA: (Quase gritando) Eu sou muito pior!

CARLOS: (No mesmo tom e encarando ela) Não é pior do que eu!

MARIANA: Aí é que você se engana meu bem! Tantos anos casado comigo e nunca percebeu de fato quem eu sou! Sou uma pessoa horrível, do tipo que vai direto para o inferno quando morrer!

CARLOS: Uma mosca morta como você? Duvido!

MARIANA: Mesmo? (Dá uma risada irônica e escandalosa) O bom é que você engoliu direitinho a história da esposa quase perfeita!

CARLOS: (Tentando ser superior) Eu sim aprontei muito, minha cara, coisas que você jamais descobriu ou vai descobrir!

MARIANA: (Acercando-se dele) Mesmo?

CARLOS: Sim. (Olhando para ela com ar divertido) Só para você ter uma idéia, você lembra daquela secretária que trabalhava para mim? A loira de um metro e setenta e cinco?

MARIANA: Lembro muito bem da Mônica.

CARLOS: Pois é, você acreditaria que aquele corpinho foi meu? (Sorri orgulhoso)

MARIANA: (Sorrindo também para não ficar por baixo) Acredito. (Pausa, olhando para o ex-marido com ar divertido) E você, meu querido, lembra do quartel que tinha em frente ao condomínio da Máster eventos? CARLOS: Sim, era o quartel do corpo de Bombeiros.

MARIANA: Bem lembrado! Sabia, meu bem, que aquele corpinho todinho já foi meu? (Risos)

CARLOS: (Saindo do personagem e voltando-se para o público) Essa piada foi sem graça, mas ainda assim eu tenho que ficar afetado por esta revelação... (Faz uma cara de desapontamento bastante exagerada) Quer dizer, sua bandida, que foi por isso que a gente sempre recebia calendários dos bombeiros muito tempo depois de você deixar de trabalhar em frente ao quartel?

MARIANA: Isso mesmo! (Sorrindo e sonhadora) Fãs! Que é que a gente pode fazer?

(Ele procura se recompor, respira fundo, tenta disfarçar a surpresa)

CARLOS: Eu sabia de tudo... (Com falsa honestidade) E nunca fiz nada a respeito porque estava mais preocupado com minhas aventuras. (Segura seu órgão sexual sob a calça e ajeita num gesto vulgar de machista)

MARIANA: (Com ar divertido) Então você sempre soube!?

CARLOS: (Ainda fingindo superioridade) Sim... (Pigarreia) Eu sempre soube...

MARIANA: Excelente! Então sabe muito bem por que não posso ficar com o nosso filho!

CARLOS: Que é que seus casos têm a ver com isso?

MARIANA: Acha que eu seria um perfeito exemplo de mãe desse jeito? Uma ninfomaníaca bissexual, materialista e fútil?

CARLOS: (Quase gritando) Bissexual!?

MARIANA: (Indo até ele e o encarando) Vai dizer que nunca soube!?

CARLOS: (Pronto a negar, com voz altiva) Mas é claro... (A mulher o encara) que sim... (Mostra-se abalado, totalmente surpreso e fingindo o contrário) Mas você sempre foi discreta...

MARIANA: (Um tanto incoseqüente) Discreta, eu? Minha nossa! Nunca ouviu os comentários que todo o condomínio fazia quando eu vinha pra cá com duas amantes minhas? Tudo mundo sabia e comentava, não vai dizer que não... (Olha para ele com ar de interrogação e surpresa)

CARLOS: (Falsamente) Claro que ouvia... Mas não dava bolas... Como eu disse, eu estava interessado nos meus casos! (Novamente arruma a genitália sob a calça, mas sem muito empenho dessa vez)

MARIANA: É, mas eu sempre soube de você e da Mônica. Aquela loira sem graça não me despertava o menor ciúme. E além do mais, como você, eu estava era preocupada com meu casos... (Agora ela ergue os seios num gesto de mulher sexy)

CARLOS: (Tentando agora assumir ar de superioridade) E você nem desconfia com quem mais eu tive um caso...

MARIANA: (Sem dar tempo a ele para se pavonear) Com a mulher do Arnaldo.

CARLOS: (Repetindo mecanicamente) Pois é, com a mulher do Ar... Como é que você sabia? (Extremamente surpreso)

MARIANA: (Rindo) Carlos, acha que vai me surpreender? Eu sempre soube de todos os seus passos, meu querido. Muito diferente de você que não sabia nada de mim!

(Ele vai para cima dela. Faz menção de que vai bater nela... A muito custo se detém)

MARIANA: Por isso, meu bem, é que lhe digo que não sou uma mulher ideal para criar um filho!

CARLOS: (Procurando se conter, se afastando dela) E eu não sou um bom pai! E nem um bom sujeito também!

MARIANA: (Indo ao encontro dele) Como não? Não é nenhum beberrão, não é descontrolado, agressivo... Só teve dois casos enquanto estivemos casados...

CARLOS: (Indignado) Muito mais que dois! Muito mais que dois!

MARIANA: Tudo bem, meu querido, mas nem se compara a minha vida pregressa!

CARLOS: Ah é? Pois eu vou lhe dizer que tem muita coisa suja da minha vida que você nunca soube!

MARIANA: Pois fique à vontade, meu bem, quero ver se você me surpreende!

CARLOS: Tudo bem, mas antes prometa que vai pagar um psicoterapeuta pro moleque!

MARIANA: Certo. Vá em frente! (Os dois se encaram. Inicia-se nesse momento uma música de tensão – sugere-se um rock pesado – onde o volume só diminuído quando Carlos fala)

CARLOS: Há um bom tempo que eu venho sonhando impostos! Se o leão sonhar com minhas fraudes vou direto para a cadeia! (O som aumenta, depois de alguns segundos diminui)

MARIANA: Que mais?

CARLOS: Ainda hoje fumo maconha sempre que tenho oportunidade! (O som aumenta, depois de alguns segundos diminui)

MARIANA: Que mais?

CARLOS: Sempre dou um jeito que as mulheres paguem a conta do restaurante. Faço isso desde a faculdade e, inclusive, fiz muito isso com você quando namorávamos! (O som aumenta, depois de alguns segundos diminui)

MARIANA: Continue!

CARLOS: Sou mentiroso e estou dando graças por estar me divorciando para poder voltar a vida desregrada de imaturo que sempre fui! (O som aumenta, depois de alguns segundos diminui)

MARIANA: Me surpreenda!

CARLOS: Adoro ver pornografia na Internet! (O som aumenta, depois de alguns segundos diminui)

MARIANA: (Com ar de desprezo) Hum hum...

CARLOS: Tive muitas experiência homossexuais! (O som aumenta, depois de alguns segundos diminui)

MARIANA: Quem nunca teve!

CARLOS: Já fui preso! (O som aumenta, depois de alguns segundos diminui)

MARIANA: (Boceja)

CARLOS: As suas calcinhas que desapareceram foi eu que dei fim depois de usá-las! (Fim da música) (Mariana abre a boca surpresa. Fica estática e Carlos sai com ar vitorioso. Uma música alegre talvez produza aqui uma situação interessante)

MARIANA: Seu degenerado!

CARLOS: Não sabe como isso é doloroso vindo de uma piranha como você!

MARIANA: Piranha!? Então você deve saber muito bem que nenhuma piranha pode ser uma boa mãe!

CARLOS: Assim como um sujeito que usa a calcinha da mulher não pode ser um pai decente!

(Os dois encaram um ao outro)

MARIANA: Você vai ficar com ele!

CARLOS: Nada disso! Quem vai ficar é você!

MARIANA: Sou a pior mãe do mundo, Carlos, não me obrigue a isso!

CARLOS: Detesto criança, por que ia querer ficar com o garoto?

MARIANA: Vamos ter que partir para extremo então!

CARLOS: Não vejo outra saída!

(Os dois se afastam, discretamente colocam as mãos direitas para trás)

MARIANA: Par!

CARLOS: Impar!

(Os dois estendem as mãos abertas)

MARIANA: Dez é par!

CARLOS: Não! Deu nove e nove é impar!

MARIANA: Você estava com a mão aberta também, seu trapaceiro!

CARLOS: Nada disso! Eu dobrei o polegar!

MARIANA: Dobrou depois, não valeu...

CARLOS: Acho melhor apelarmos para a justiça!

MARIANA: De acordo!

CARLOS: Vamos ver o que as autoridades dizem!

(O menino chora. Os dois correm em direção a ele. Música de alegria – a melhor sugestão aqui é “Imitation of life” da banda REM. A medida que toca a música os dois se desdobram em minos para com a criança. Carlos o coloca no braço sorrindo, acena para Mariana que os fotografa com o celular. Em seguida ela vem, se coloca ao lado dele e dá um jeito de se fotografar com o marido e o filho. Depois Carlos inicia brincadeiras com o garoto o jogando pra cima e o aparando. Num dado momento ele o derruba, mas logo o pega com falso cuidado, Mariana a tudo observa e incentiva. A música vai baixando o volume, ele coloca o garoto de volta ao lugar e se dirige para o proscênio juntamente com Mariana. Tudo parece estar resolvido)

MARIANA: (Voltando-se para o ex-marido) Mas você fica com ele enquanto a justiça decide!

CARLOS: Eu não! Vai que esse troço demora!

MARIANA: Fala baixo! Assim vai traumatizar o moleque!

Fim

ANEXO B - Texto dramaturgico da peça

A MINHA PESSOA.

Por Bruna Lima e Marcos Beber.

Entrada do público ao de "Pa' Bailar" do Bajofondo

Palco com 2 bancos e muitas caixas.

Carla e Mariana, amigas de longa data, moram juntas há 10 anos, porém em uma decisão conjunta resolvem cada uma ir morar em outro lugar.

- **Carla vai embora do país.**
- **Mariana está noiva prestes a se casar.**

Último dia morando juntas: Clima amigável, nostálgico e feliz, ambas terminando de arrumar suas coisas. Elas relembram fatos marcantes desde anos de amizade e parceria.

Fatos são lembrados.

Bloco 1:

Ambas sentadas uma de costas para outra no centro do palco (ao som da Mentiras - Johnny Hooker)

Mexem no celular

Carla observa o que Mariana está fazendo...

Carla busca algo em seu celular para mostrar para a amiga.

Carla chama Mariana para olhar uma coisa em seu celular, a amiga olha e logo volta a olhar o próprio celular.

Carla busca outra coisa que faça com que Mariana dê atenção a ela; até que...

Carla: - Amiga, você nem sabe o que apareceu pra mim hoje nas lembranças do Instagram...

Mariana: - O que amiga?

Carla: - As fotos daquela nossa viagem pra Natal, lembra, já faz 5 anos?

Mariana: - Ah sim, nossa como a gente era diferente meu deus...

Carla: - Essa sua franja não combinava com seu rosto.

Mariana: - E você acha que platinar seu cabelo foi uma boa ideia?

Riem

Mariana: - Falando em foto, você nem imagina o que eu encontrei na minha nuvem esses dias...

Carla: - O que amiga?

Mariana: - A primeira foto nossa que tiramos nesse apartamento, você lembra?

Carla: - E como eu poderia esquecer?! Lembro como se fosse hoje, era eu você um puff e um sonho...

Mariana: - E dizer que faz 10 anos que viemos morar aqui, parece que foi ontem.

Carla: - Essa semana, eu estava escutando música, e começou a tocar a nossa música.

Mariana: - Qual?

Carla: - A nossa música é amiga

Mariana: A nossa música da vida?

Carla: - Deixa eu por aqui para você ouvir.

Coloca a música para tocar (Sunshine – Cat Dealers)

Escutam um pouco...

Mariana: - (Irritada) Carla, essa não é a nossa música!

Carla: - Claro que é sim, lembra, A praia, o pôr do sol, as bebidas...

Mariana parece entrar na onda da amiga, mas logo retoma a si.

Mariana: - Tá, essa é a nossa música de festa, mas não é a nossa música de vida.

Me dá aqui, que eu vou colocar a nossa música de vida.

Pega o celular da amiga e coloca a música (Quando Bate Aquela Saudade - Rubel)

Ambas respiram fundo e voltam a ficar de costas uma para outra sentadas no chão, cantam a música juntas, se levantam (Partitura da música)

Na parte da música em que o cantor canta: “Quero te ver de branco, quero te ver no altar”

Mariana PARA

Carla segue cantando

Mariana pausa a música, entregando o celular para amiga diz:

Mariana: - Não, você não quer me ver de branco e nem no altar!

Carla: Sim amiga, memórias palpáveis são importantes, eu sempre dei muito valor para isso.

Mariana: - Falando nisso, acabei de lembrar que dentro de algumas dessas caixas estão todos os cartazes das suas apresentações de dança que eu guardei, e eu não quero mais ficar com eles.

Carla: - Sério que você guardou todos?

Mariana: - Claro, eu fui em todas as suas 749 apresentações. Tenho todos os cartazes guardados em algum lugar aqui. Lembra que eu amo memoriais palpáveis?

Procura...

Mariana: - Mas acho que você deve ficar com eles, eu coloquei em algum lugar aqui.

Procura...

Carla acompanha a amiga pelo olhar, nisso se pega olhando para o apartamento.

Mariana não acaba esbarrando com a amiga no meio do palco, uma de costas para a outra.

Carla: - Que vazio! (Pausa)

Mariana: - Sim!

Carla: - Tinha esquecido como esse apartamento era imenso! (Pausa)

Mariana: - É verdade!

Ainda de costas dão as mãos, e giram olhando o espaço.

Carla: - Mas também, cheio de tralhas como vivia, esse apartamento ficava do tamanho de um ovo!

Mariana: (Indignada) - Tralhas!? Não, senhora! Nosso apartamento era muito bem decorado por mim, com móveis sob medida!

Carla: - Um monte de troços inúteis com o qual você gastou tanto dinheiro!

Mariana: - Troços! Ah, é? Então por que você fez questão de ficar com um monte de coisas?!

Carla: - Calma amiga, olha pensa comigo: você vai se casar (Imagina o vestido o véu) o Israel é rico, milionário, você vai ganhar tudo novo do bom e do melhor.

Mariana: - E você Carla, não vai morar na Inglaterra, dançar nas melhores escolas de dança? O que vai fazer com esse monte de troços?

Carla: - Aí Mariana, não importa, e também eu fiz questão de ficar com a metade das coisas só pra te ver sofrer! Falando em no seu casamento, lembrei de uma coisa...

Mariana: - (GRITANDO) O que? O que foi Carla? Vai dizer que ele me traiu? ele tem outra?

Carla: - Deixa de louca Mariana, é um presente pra você usar no dia do seu casamento e se lembrar de mim, já que eu não vou mais estar no Brasil.

Mariana: - Ai, amiga, nem me lembre disso, que triste não ter você nesse dia tão importante.

Carla: - Mas eu vou estar aqui na sua cabeça (arruma a presilha no cabelo de Mariana)

Mariana: - Me desculpa qualquer coisa, tá Carla... Sei que te disse coisas que não devia durante esse tempo todo... (IMPROVISO)

Carla: (Visivelmente comovido) - Ah, esquece. Eu também não fui muito delicada com você, nem com o Israel, disse que ele era horrível, traidor e pouco confiável...

Mariana: - Shiiii, Carla! Isso é sobre a gente! Tá? Desculpa por ter sido exigente e ficar te cobrando, por ter sido um pouco chata.

Carla: - Desculpa por ser descuidada com as coisas da casa que você me exigia e por não atender às suas expectativas.

Mariana: - Desculpa por te cobrar o mínimo que uma adulta deve fazer em casa: a limpeza do ambiente e cuidar das plantas que você comprou.

Carla: - Desculpa pelas vezes que eu não fiz comida pra você, mesmo sabendo que você não sabe cozinhar, só porque você estava me irritando.

Mariana: - Me desculpa por ficar cobrando que você tapasse o creme dental e que não deixasse a toalha molhada em cima do sofá.

Carla: - E por falar nisso, me desculpa por ter jogado aquele seu sapato fora, aquele que me irritava, sabe? Que fazia TOC TOC TOC TOC.

Mariana: - Aaaaa, então foi você?? Eu fiquei procurando. Então, sabe as plantas que morreram??? Pois bem, eu que deixei morrer enquanto você estava viajando para dançar pelo Brasil.

Carla: - Eu te desculpo por ser sempre tão egoísta, egocêntrica e autoritária, por pensar só em si mesma.

Mariana: - E eu te perdoo por ser desorganizada, descuidada, sonsa e chata.

Carla: - Aí, e eu te desculpo por você ser tão surtada, prepotente, arrogante e um tanto quanto conservadora.

Mariana: - Eu te desculpo por ter sido uma pedra no meu caminho, sempre tão mesquinha, bobinha, sonhadora. Voltar para terra!

As duas se olham e gritam. Respirem fundo três vezes

Ambas: (Constatam) AÍ A GENTE PRECISAVA DISSO NÉ!

Se abraçam.

MARIANA: Ai, amiga, você vai embora.

CARLA: E você vai se casar.

MARIANA E CARLA: aaaaaaaa

MARIANA: Vamos lá, então?

CARLA: Vamos!

MÚSICA (Instant Data – Christophe Zurfluh) JOGO COM AS CAIXAS SENDO RETIRADAS DO PALCO.

Apenas uma grande Caixa fica em cena, ambas achando que ela é da outra.

Mariana: - Você quer ajuda com essa aqui amiga?

Carla: - Essa caixa é sua!

Mariana: - Não, Carla é caixa não é minha, obviamente que ela é sua, as minhas estão todas etiquetadas e marcadas.

Carla: - Bom, mas ela também não está nenhum pouco parecida com as minhas.

Mariana: - Óbvio que ela deve ser sua e você como vive no mundo da lua não lembra.

Carla: - Olha o tamanho disso, eu jamais teria uma caixa desse tamanho, ela é sua sim Mariana.

Mariana: - Tá, me ajuda a levar ela até ali a frente e a gente vê o que tem dentro dela.

Ambas pegam a caixa, uma em cada ponta. Vão até a boca de cena.

Largam a caixa no chão, ficam de joelhos, tiram a fita adesiva olhando uma para a outra, abem uma tampa, depois a outra. Olham para dentro da caixa, olham para dentro da caixa, olham uma para outra, olham para o público e saem de cena gritando!

FIM DO BLOCO 1

BLOCO 2:

As duas sentadas uma de costas para outra

Interrogatório (ao som de Salt Womb – Ori Lichtik):

Apresentação

Carla: - Eu me chamo Carla Veiga Santorini, tenho 28 anos, sou bailarina, coreógrafa, atriz e sou natural de Franca- São Paulo, moro aqui há 10 anos com a Mariana... naquele apartamento. viemos para cá estudar, não conhecíamos ninguém na cidade e no estado, então decidimos morar juntas.

Mariana: - Eu me chamo Mariana Venturini Magno, tenho 27 anos e sou advogada. E isso que está acontecendo aqui é uma grande piada! Eu só vou responder sem o meu advogado porque preciso sair daqui rápido, pois tenho uma festa de casamento para organizar AMANHÃ! E não me venha com essa encenação de policial mau, vamos logo! Pergunta o que você quer saber!

Mariana: - Sim, conheço a Carla desde que me conheço por gente, sempre fomos amigas.

As duas: INSEPARÁVEIS!

Carla: - Não, eu não sei o que aquilo estava fazendo no nosso apartamento, mas certamente eu não tenho nada a ver com isso.

Mariana: - Espera um pouco, vocês não estão achando que eu fiz aquilo né!

Carla: - Não, não houve nada de incomum naquela manhã, eu organizei as últimas caixas, separei meus documentos, eu vou embora do país amanhã!

Mariana: - Se eu acho que a Carla faria isso? Bom, ela seria capaz de qualquer coisa para atrapalhar a minha felicidade com o Israel, a Carla é sonsa, mas é muito esperta!

Carla: - Egoísta, invejosa e egocêntrica, são só alguns detalhes do caráter da minha amiga Mariana.

Mariana: - Ela falou isso de mim? Pois aquela dissimulada falou sobre as mentiras que ela é mestra em contar... Mentiras para adiar qualquer tipo de responsabilidade.

Carla: - Ela morreu de inveja porque eu fui chamada para estudar em uma das maiores escolas de dança da Europa, desde o início falou que era uma péssima ideia e foi capaz de marcar o casamento no dia da minha despedida, só para me provocar. Ela é má! Faz o diabo parecer um ursinho carinhoso!

Mariana: - CIUMENTA! Sempre inventou mentiras para acabar com meu relacionamento com o Israel, meu noivo, quando eu marquei a data do meu casamento ela inventou que tinha que ir para outro país. Só para não me ver feliz!

Carla: - Nós estávamos sentadas lembrando os tempos da faculdade.

Mariana: - Tivemos uma pequena discussão, jogo rápido...

Carla: - Levamos as últimas caixas para o caminhão até que restou uma única caixa.

Mariana: - Obviamente não era minha, todas as minhas caixas foram separadas por etiquetas e grau de importância.

Carla: Não era minha! Eu não ia levar uma caixa daquele tamanho para Inglaterra!

AS DUAS: - Nós nos abaixamos, a caixa estava muito pesada, e quando abrimos...

BLOCO 3:

Ambas retornam da posição final do bloco 1

Ainda assustadas com o que viram na Caixa, ambas retornam ao palco.

Mariana: - Carla, você pode me explicar agora o que significa isso?

Carla: - Quem vai ter que me explicar isso é você Mariana.

Mariana: - Eu? E por qual motivo você acha que eu tenho algo a ver com aquilo? Isso aí só pode ser coisa sua!

Carla: - Coisa minha? O que você está insinuando com isso Mariana? Você está dizendo que eu seria capaz de ma...

Mariana: - Cala boca Carla, não fala isso em voz alta vai que algum vizinho escuta.

Carla: - Pois que escutem, pois não tenho nada a ver com isso não, se tem alguém aqui nessa sala que tem relação com isso só pode ser você.

Mariana: - Carla, eu tô aqui tentando fazer com você não se incrimine, falando coisa que não deve e você me vem com essas acusações.

Carla: - Eu não estou te acusando de nada, mas se eu não tenho nada a ver com isso é só mora nos 2 aqui, obviamente você deve ser a responsável por isso...

Mariana: - Eu responsável por um (olha dentro da caixa e sai tapando o nariz choramingando)

Carla: - Calma, então se eu não tenho nem ideia do que seja isso é você também não, como isso veio parar aqui?

Mariana: - Essa é uma boa questão dona Carla, afinal de contas quem arrumou a maioria das coisas da mudança foi você!

Carla: - Eu arrumei as MINHAS coisas, apenas as minhas e nada mais.

Mariana: - Arrumou? Você só enfiou suas coisas de qualquer jeito dentro dessas caixas, quem ARRUMOU as coisas fui eu.

Carla: - Isso não importa agora, o que importa é que eu quero saber é como você vai fazer para levar essa caixa pra sua casa nova?

Mariana: - Você só pode tá brincando né Carla, levar isso comigo?

Carla: - É!

Mariana: Carla vem aqui! Você está vendo o que isso é né...

Carla: - Sim um es...

Mariana: - Xiiiiiii, fica quieta meu deus! Você quer mesmo que os vizinhos escutem, você sabe que a acústica desse apartamento é horrível, todo mundo escuta tudo que acontece de um apartamento pra outro.

Carla: - Mas Mariana isso não é meu, como que eu vou ficar com algo que não é meu?

Mariana: - Carla, isso é um pouco mais sério do que você pensa, nós estamos frente a frente a um CRIME!

Carla: - Crime?

Mariana: - Sim, um crime! E você sabe que eu sou advogada né, eu preciso que você confesse e me fale a verdade, eu posso te ajudar a sair da cadeia, mas preciso que você me confesse e me conte como isso aconteceu?

Carla: - Confessar o que sua louca? Você acha que eu fiz isso?

Mariana: - E quem mais séria? Eu jamais teria coragem de fazer algo assim...

Carla: - Será mesmo? Você acabou de me confessar que matou todas as minhas plantas de PROPÓSITO, imagina se não fosse capaz de...

Mariana: - Plantas Carla, PLANTAS, plantas não são pes...

Carla: - Elas eram as minhas filhas, você sabe que eu amava muito elas, cada uma tinha seu nomezinho, e um lugar especial no meu coração.

Mariana: - E você Carla, quantas vezes me deixou MORRER de fome só por birra sua, uma amiga que deixa outra amiga MORRER de fome é capaz de tudo!

Carla: - E morreu? Não morreu, tá aí bem viva, já está aqui...

Mariana: - Anda Carla, confesse, vai ser melhor! Eu sou advogada e posso te ajudar a sair da prisão.

Carla: - Mariana entenda, EU NÃO TENHO NADA PARA CONFESSAR, NADA!

Mariana: - A gente faz um acordo, você confessa o que fez e eu prometo que faço de tudo pra tirar você da cadeira o quanto antes!

Carla: - Eu não vou fazer acordo nenhum com você, ora acordo! Você está tentando se livrar disso que você mesma deve ter feito e me colocar como culpada, do mesmo jeito, que você sempre faz...

Mariana: - Anda Carla, fale logo, você fez isso só para eu ser presa e não me casar com o Israel. Eu conheço muito bem essa mente diabólica que você tem.

Carla: - Ou você fez isso só para eu não ir embora do país e ficar presa aqui nessa cidade, que eu odeio.

Mariana: - Eu jamais faria uma coisa dessas Carla...

Carla: - Muito menos eu, Mariana.

Ambas param e pensam!

Mariana: - Eu acho sim que foi você que fez isso só pra eu ser presa e não me ver feliz, você quer me incriminar! Mas eu sou mais esperta que você...

Carla: - Às vezes eu queria ter 5% da sua criatividade Mariana, 5%, porque acha que eu seria capaz de fazer algo desse tamanho para fazer com que você não se case é demais né!

Mariana: - Carla, deixa de ser sonsa, você já manchou 2 vestidos de noiva meu, “sem querer” ... 2 vestidos!

Carla: - E você que rasgou as minhas passagens aéreas alegando achar que eram papéis velhos, só para dificultar minha ida. Você sim Mariana é capaz de qualquer coisa para me prejudicar.

Mariana: - Eu não fiz por querer, eu quero é te ver bem longe de mim, já que você precisa ir pra Inglaterra pra ser feliz que vá logo...

Carla: - Então vamos embora...

Mariana: - E a caixa?

Carla: - Deixa ela aí... não foi nós, é simples!

Mariana: - Carla me responde uma coisa, quem eram as pessoas que estavam morando neste apartamento?

Carla: - Eu e você!

Mariana: - Então Carla, no momento em que a imobiliária vir fazer a vistoria do apartamento e encontrar essa caixa aqui com isso dentro, a quem eles vão ligar o crime?

Carla: - Mas amiga se não fui e nem foi você. A gente diz que não foi nós e pronto!

Mariana: - Óbvio que foi uma de nós...

Carla: - Foi?

Mariana: - Quer dizer, óbvio que foi você...

Carla: - Eu já disse que NÃO TENHO NADA A VER COM ISSO!

Mariana: - Bom! Se não fui eu e você nega que tenha sido você, não vai ter jeito, teremos que deixar na mão da polícia...

Carla: - Polícia? Como assim polícia amiga? Precisa disso?

Mariana: - Óbvio que precisa ou você acha que eu vou levar essa caixa comigo? Ou que você vai despachar ele com você no seu avião pra Inglaterra?

Carla: - Mas amiga precisa mesmo disso?

Mariana: - Você está com medo de alguma coisa Carla? Pois se você afirma tanto que não tem nada a ver com isso não deveria estar tão assustada assim!

Carla: - Eu não estou com medo e nem assustada, apenas achei que não precisaria chegar a tal ponto! Mas se é preciso chamar a polícia então chama...

BLOCO 4:

Cela:

Som de gotas caindo no chão...

Carla: - Sempre foi assim, desde a escola... Uma cuidando da outra, você sempre me defendeu.

Mariana: - Primeiro ensino fundamental, depois o ensino médio, a mudança para outro estado, a faculdade, o apartamento...Eu não estava pronta para te deixar ir...

Carla: - E eu não estava pronta para te ver feliz com outra pessoa...

Mariana: - Você é minha pessoa preferida do mundo!

Carla: - E apesar de tudo, você é minha melhor amiga.

Mariana: - Apesar de tudo o que? Por que você estraga tudo sempre sendo ácida?

Carla: - Quem estraga tudo é você, sempre sendo tão crítica...

Mariana: - Nessas horas a pena de morte é uma opção melhor do que passar o resto da vida presa numa cela com você.

Carla: - Já escutou a sua voz, Mariana? Parece que alguém tá riscando um garfo num azulejo...

Mariana: - Tua respiração está no top 3 das coisas mais detestáveis do universo, perdendo apenas para a tua presença e tua arrogância

Carla: - Você falando de arrogância, minha filha, eu vou dividir cela contigo e com teu ego...

Mariana: - SONSA!

Carla: - INSUPORTÁVEL!

Mariana: - MIMADA!

Carla: - EGOÍSTA!

A DISCUSSÃO É INTERROMPIDA COM O BARULHO DA CELA ABRINDO, AS DUAS SE OLHAM

BLOCO 5 (FINAL)

Mariana: - Como é que é? Quer dizer que eu perdi o meu casamento por causa de um esqueleto de PILATES?

Carla: - Vocês só podem estar brincando... Era para eu estar fazendo foto da asa de um avião decolando agora...

Mariana: - Não, eu não sabia que a Dona do apartamento era fisioterapeuta, limpamos todos os cômodos do apartamento, inclusive a dependência da empregada, algumas coisas antigas estavam lá. Devem ter se misturado com as nossas caixas da mudança.

Carla: - Isso é coisa sua, MARIANA!

Mariana: - Você acha que eu ia preferir estar numa cela de cadeia asquerosa ao invés de estar aproveitando meu dia de noiva em um spa?

Carla: - De você eu não duvido nada! Foi você que quis chamar a polícia para investigar UMA BESTEIRA.

Mariana: - E VOCÊ QUERIA OCULTAR UM CORPO? Está ouvindo, prende ela seu policial...

Carla e Mariana se estouram, uma olha para outra...

Carla: - Sabe, eu sei que você não acredita nessas coisas, mas eu acho que isso tudo foi um sinal para ficarmos juntas.

Mariana: - Aí amiga, eu estava pensando a mesma coisa, eu acho o Israel um porre! Imagina passar a minha vida ouvindo-o falar sobre vinho chileno e argentino...

Carla: - E eu ia fazer o que na Inglaterra sem você para me ajudar a escolher a roupa certa?

Mariana: - Amiga, dá tempo de voltar atrás, o caminhão ainda está em frente do prédio

Carla: - Ótimo! Eu vou ligar para imobiliária para avisar que o apartamento não está mais disponível

As duas se abraçam: - Te amo amiga!

Saem caminhando fazendo planos a respeito do apartamento, e divergindo das decisões uma da outra ao som de "Pa' Bailar" do Bajofondo, mesma música da entrada, reforçando o clipe sem fim que as duas vivem.

FIM

ANEXO C – Convite para os alunos e autorização para os pais



Eu _____,
responsável pelo aluno

_____, o autorizo a
participar da pesquisa e me comprometo a viabilizar a
presença do mesmo no dia e hora previamente marcada.

Ass: _____ de _____ de 2023

Para mantermos uma comunicação deixo aqui meu WhatsApp e E-mail
e solicito que informe o seu.

55 9 9141 7181 / marcos.beber@acad.ufsm.br

Telefone: () _____ E-mail _____.

ANEXO D – Cartaz de divulgação

O Curso de Artes Cênicas Direção Teatral Apresenta:
A MINHA PESSOA.



Direção e Criação : Marcos Beber
Atuação: Bruna Lima e Carla Almeida
Orientação: Camila Borges

Data: 30/09 e 01/10
Horários: 17h e 19h
Local: Teatro Caixa Preta
Lotação: 40 pessoas

CAL
 ANOS
 Centro de Artes e Letras
 UFSM

Artes Cênicas
 UFSM

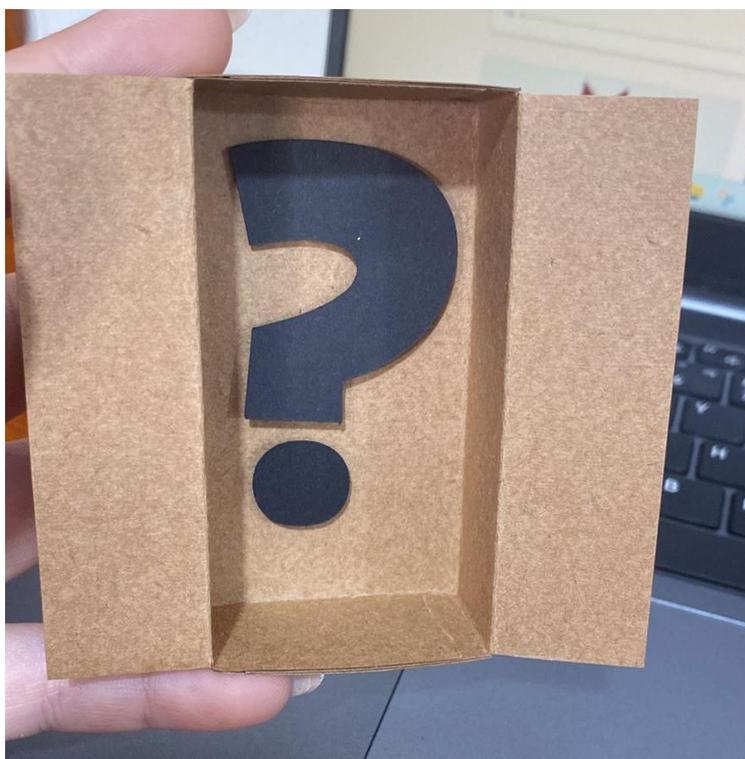
teatro
CAIXAPRETA
 ESPAÇO MOZART CARDOSO
 CAL • UFSM

UFSM

ANEXO E – Material de divulgação



ANEXO F – Filipeta



ANEXO G – Perguntas para a roda de conversa:

1. Na peça, temos a Mariana que é uma advogada que está prestes a se casar, e a Carla, uma bailarina, atriz e professora de dança. Elas são amigas desde criança, e a 10 anos moram juntas. Qual personagem ou situação da peça teatral você achou mais interessante ou relevante?
2. Ver uma relação como a que víamos aqui, nos traz um desejo de querer ajudar. Se você pudesse dar um conselho a alguém que está em uma relação parecida com a que vimos na peça, qual seria esse conselho? (Com Dinâmica – Papéis)
3. Em uma parte da peça a personagem Carla diz: “- Desculpa por ser descuidada com as coisas da casa que você me exigia e por não atender às suas expectativas.” Muitas vezes, podemos ficar preocupados em perder alguém se não atendermos às suas expectativas. Às vezes, podemos nos sentir pressionados a fazer coisas que não queremos em um relacionamento. Você já sentiu isso? Como lidou com isso?
4. Na maioria das vezes que somos colocados em situação de apreciação, temos o instinto de buscar uma comparação com aquilo que estamos vendo. Outra situação que pode acontecer é que gatilhos emocionais podem ser acionados com o que se vê, seja porque se viveu aquilo ou por já ter presenciado algo parecido. Houve alguma cena ou momento na peça em que você se identificou com alguma das personagens? Caso tenha havido, o que essa identificação te fez perceber sobre suas próprias emoções e relações?
5. Retomada dos conselhos: Depois das reflexões que tivemos aqui, vocês continuariam dando esse conselho para elas?
6. Se relacionar é algo inerente a vida, ou seja, mesmo você querendo ou não você de alguma forma vai ter que se relacionar com as pessoas. Quais são as características ou comportamentos em um relacionamento que fazem você se sentir feliz, seguro e respeitado? (Dever de casa – Impressão)
7. Nessa nossa história, vimos o quanto uma relação de anos pode se tornar desgastante e um tanto quanto problemática. Você já viu situações semelhantes às retratadas na peça?
8. Quais foram os sinais de que um dos personagens estava em uma relação tóxica? Você já viu situações semelhantes na vida real? Como você pode identificar esses sinais em seus próprios relacionamentos?

ANEXO H - Primeira Roda de Conversa

Olá, todos, boa tarde. Meu nome é Marcos, sou diretor do espetáculo. A gente queria fazer agora esse momento uma roda de conversa com vocês, para a gente conversar um pouquinho sobre o que vocês viram. Vai ser uma roda de conversa bem descontraída, então se vocês se sentiriam à vontade de falar, vocês podem falar. Se vocês não quiserem, não tem problema, tá bom? É só para a gente meio que ir já indo e vendo o que vocês conseguiram entender e como vocês têm essa percepção do que vocês viram aqui. Eu vou começar perguntando para vocês que a gente viu que na cena tinha... A nossa cena, então, ela era composta. Pela advogada, a Mariana, que estava do lado de cá, e pela Carla, que era uma bailarina, que estava do lado de cá. Elas são amigas desde criança, então elas vêm desde o ensino médio sendo amigas e acabam vindo morar junto numa cidade onde elas moram juntos num apartamento há dez anos. Qual personagem ou qual situação da peça vocês acharam mais interessante ou relevante? Primeiro nesse primeiro momento, num panorama geral. Alguma cena que impactou vocês ou alguma personagem que vocês se reconheceram nela ou já conhecem alguém que é parecido com ela? Alguém quer falar primeiro? Pode falar. Pode falar seu nome.

Eu sou o Rodolfo. Acho que foi naquela parte que elas discutem, e daí elas começam a gritar assim. Eu também me lembro de uma peça que a gente trabalhou assim e também era meio inesperado porque elas estavam falando mais baixo, daí elas começam a gritar assim e dá uma...

Vai numa crescente, né?

Uhum.

Mais alguém quer alguma coisa que eu falo, de algum momento?

No momento que ela falou, eu senti um frio na barriga, de repente.

É?

Ah, legal.

Na hora que elas gritaram, eu dei uma vontade de cair, daí susto.

É? Mais algum momento, alguma passagem?

Quando a gente assiste, sempre tem alguma coisa que nos chama mais a atenção, né? O que mais chamou a atenção pra vocês?

Pra mim foi a voz do narrador lá.

O final? Você gostou?

Eu acho que as músicas também impactaram bastante, também ajudaram muito, poh.

É?

Eu achei interessante.

Cria essa. A atmosfera.

Eu acho que também o fato de elas sempre estarem brigando, elas fazem as pazes e depois elas já começam a brigar de novo.

É quase que um... é um ciclo sem fim, né? É o esquema de pirâmides que um começa o outro. Eu acho que é isso. Um começa o outro térmica, um começa o outro termina.

É quase que um jogo, né? Onde as pessoas vão girando em torno desse mesmo ciclo que é a briga né. Alguém quer destacar alguma personagem?

É tipo uma luta. Só que quando a pessoa não está armada.

Sim.

É isso aí.

Quando acha que ela terminou, ela continua. Só que se o outro estiver armado, aí vai acabar no primeiro momento.

Às vezes a gente vê essas relações de brigas, acaba deixando a gente meio desconfortável, né, em alguns momentos, assim, e acaba às vezes até despertando alguns gatilhos emocionais de coisas que a gente vê na vida.

É, tipo quando tu vai na casa de um amigo e ele começa a apanhar da mãe na tua frente.

É, então a gente se colocar nessa situação de apreciação de uma briga às vezes é um pouco desconfortável, né, um pouco que te deixa meio que desestabilizado. Eu vou pegar uma folha pra vocês agora, eu quero que vocês já vão pensando, se vocês pudessem dar uma dica pra essas duas meninas que vocês viram aqui, pra essas amigas, pra elas pararem de brigar. Qual dica vocês dariam pra elas? Qual dica assim, ah, é, é, pensar na compaixão, pensar no outro, é, talvez, qual dica que vocês pensam em dar pra elas, pra elas não parar, não necessariamente parar de brigar, mas pra que essa relação dela seja um pouco mais leve, talvez.

Acho que pedi pra separar a cela. Sinceramente, eu pediria bastante, com meus ouvidos, principalmente.

Pensem em como se conheceram.

Oi?

Pensem como se conheceram?

Voltar, né?

Dos momentos bons de quando se conheceram?

Tá, eu vou pegar o papel e daí vocês anotam.

Pensem sobre essa pergunta.

Acho que nem uma solitária, vai ajudar. Vai chegar, quebrar a parede e vai voltar a discussão.

Ou vão brigando pela parede.

Pelo vãozinho da porta.

Que bom.

Uma na solitária. Só o narizinho empinado. Acho que eu quero saber se... O que tem dentro aquela caixa. Não sei se é um mundo com duas escadas, não sei se é uma faca, não sei se é uma arma, não sei se é um corpo...

Vocês podem escrever sobre essa pergunta.

Não sei se é droga.

Que a gente quer saber de vocês. Uma dica, uma ou mais dicas. Como vocês... Se vocês fossem ali. Amigos, amigas, vejam se estão funcionando os canetas, que aqui eu tenho lápis também. Se vocês fossem amigos, amigas dessas personagens, o que vocês diriam para elas?

Uma dica assim, amiga, talvez se vocês não brigassem tanto, lembrar como ele falou, lembrar de como fosse se conhecer, como era legal a relação. Alguma dica que vocês poderiam dar para eles, para elas saírem dessa relação que muitas vezes é conturbada, e essa relação que muitas vezes acaba sendo caótica, que está sempre nesse ciclo, como foi falado, nesse ciclo de briga.

Eu acho que esse não está funcionando.

Não?

Eu achei que seria um momento bem mais alegre e interativo, não...

Mas vai só. Nesse primeiro momento vocês vão...

Tá triste isso aqui. Olha, tem o stalker ali ó, tirando foto da gente. Acho que em geral não tem dica nenhuma.

Não?

Não. A única coisa que eu pensei foi separar as celas.

Quer escrever essa dica pra gente?

É, talvez a dica então seja ela, se realmente cada um ir pro seu lado.

Ah, mas cês não dá, um jeito de juntar as duas.

Não, mas daí essa é a tua dica, se elas vão acatar a sua dica ou não, já é.

Pronto separar a cela.

Isso.

Agora, de resto, eu só penso no que? Atirar uma na cabeça da outra ao mesmo tempo? Pra acabar com todos esse sofrimento?

Que mórbido.

É, eu sou muito bom em fazer um humor mórbido. Não queria ser, mas...

Mas faz.

É isso aí mesmo, não sei de quem. Acho que tem um parêntesco com o Adolf Hitler.

Risos

A gente dá um jeito de resolver, né? Me informaram de mais.

Quem já terminou?

Eu.

Já?

(Conversas aleatórias)

Acho que o fato de você ter escrito e entregado o papel e a pessoa já saber como é a letra, já te dá a identificação. Não preciso escrever nome.

Achei que ia ter gente da minha idade.

Tu é o representante do quinto ano.

É o representante do... Ah, não sei.

Viu que responsabilidade?

Qual que é a tua idade?

10.

É, eu vou guardar a dica de vocês pra no final, depois que a gente tiver mais algumas perguntas que eu tô fazendo pra vocês.

Talvez eu seja o representante do bando de idiomas.

Eu vou guardar pra gente no final. Eu leio de novo pra vocês, pra vocês verem se essas dicas fazem sentido ainda ou não. Com aquilo que a gente foi conversando mais um pouquinho tá é uma parte da peça a carla que a bailarina ela diz pra amiga dela que ela queria pedir desculpas por às vezes não cumprir com a expectativa da amiga.

É isso não é meio que relacionamento tóxico?

Talvez seja talvez chegamos aí...

Óbvio que é, pelo amor deus a pessoa se desculpa por ela mesma, isso aí é o que então, ah que porra.

Então é em algum momento da vida de vocês, vocês já se sentiram assim por estar meio que se desculpando por algo que você está fazendo que a outra pessoa às vezes nem às vezes nem sabe que outra pessoa queria mas ela te cobra em algum momento vocês já se pegaram nessa forma ou já viram alguma situação parecida com essa e como isso reverbera pra vocês...

Acho que uma coisa que isso me lembra aconteceu comigo é eu vivo dando atenção pros gatos lá de casa. Aí, quando eles estão sentados no sofá, e ao certo, eles vão embora.

Então você dá, e eles não te dão de volta...

Eu não sei se eu sou gordo demais e afundo o sofá pra eles e começam a aparecer que estão num desfiladeiro, rolando que nem merda, como uma pedra. Eu não sei, mas é uma mania deles. Aí, o meu irmão fica no quarto lá, a única coisa que ele faz é dar comida e eu faço, dou água, carinho. Eles ficam o dia inteiro no quarto dele. A cada cinco minutos ele vai e volta, vai e volta, vai e volta. Aquele guri, academia e bicicletas, se tornou uma desculpa pra ele poder ficar no computador. E é mais velho, hein, o exemplo.

Vocês em algum momento já se sentiram tendo que fazer coisas pelas pessoas e vocês não estavam muito afim?

Sim

Sim

Já se pegaram nesse lugar de, por que que eu tô fazendo isso, tipo, pra que que eu tô aqui, por que que eu sou amigo dessa pessoa, por que aqui?

Acho que uma coisa que isso me lembra foi quando eu tava numa praça com meu amigo e ele deu a ideia do suí de barriga naquele escorregador inflável, aí no meio do caminho eu pensei, pra que, pra que, eu vou quebrar minhas costas e pra que, pro humor desse ser, essa coisa irracional chamada Matias, eu comecei a pensar assim, quando eu bati a cara no escovador na parte de borracha eu pensei.

Mas tu fez então, o que ele pediu?

Eu pensei, pra que? Eu virei um C naquele momento. Eu não me quebrei, não me errevi, não fiz nada. O meu deu uma cambalhota estática no ar. É uma experiência traumática. Foi engraçado, foi, mas eu fiquei... Mano, depois disso eu voltei pra casa, fui dormir, eu fiquei... tanto pra que?

Alguém mais quer compartilhar?

Eu virei um C a preço de nada, não ganhei nem um pirulinho, uma balinha.

Pra fazer a vontade do outro.

Pode falar.

Eu acho que, sei lá, eu toco gaita e uns anos atrás eu comecei a tocar e assim... Eu sentia que eu fazia mais pra alegrar as pessoas do que pra me alegrar, sabe? E daí esse ano eu voltei a tocar de novo por mim mesmo, sabe?

Talvez naquela época não era o momento.

E meio que assim, parece que agora assim, eu tô tocando assim, mas eu tô colocando um pedaço de mim, assim, sabe, tipo...

Dedicação.

Isso.

Foi que nem quando eu comecei a andar de patinete. No início, eu não tava andando porque eu tava andando porque eu falava pra andar mas eu não gostava. Aí agora eu comecei a andar e gostei. Eu fui atropelado por uma bicicleta, sim, mas é o preço de se pagar, né? Eu abri meu joelho aqui. Tipo uma cratera. Fui socorrido por adolescentes.

Pode falar.

Uma vez eu e minha amiga, a gente fez ali umas comidas pra gente comer, né? Daí a gente falou assim, ó. Eu limpava a sujeira e guardava as coisas e ela lavava a louça. Eu fiz tudo a minha parte. Daí chegou a hora, né? Daí soprou uns dois talheres e ela falou lava pra mim. Eu fui lá, eu lavei. Daí ela tinha deixado os outros talheres. Ela falou, olha aí, tá tudo sujo, tu não lavou. Sendo que ela era a palavra. E daí eu comecei a lavar pra ela não brigar comigo, daí eu fiquei pensando, por que eu tô fazendo isso? Agora, isso também me lembra de outra coisa. Meu dindo, quando eu tô em casa, ele sempre pede pra mim a minha irmão lavar louça. Aí ele fala, vai na frente que eu termino, eu lavo, seco e guardo. Eu lavo, seco e guardo, todo dia, Toda hora isso. Ele fala, já vou. Aí fora que sempre que a gente vai na casa da minha avó, é meio chato lá, não tem muita coisa pra fazer. Aí ele fica falando, mas eu vou mais que tu. O problema é que quando ele vai, ele inventa uma desculpa. Ah, os gatos não tem comida. Ah, eu preciso não sei o que, não sei o que tarefa. Ah, prometi tal coisa. Aí complica porque sempre tem um motivo, assim, às vezes me dá vontade de entrar em contato com todo mundo que ele conhece, eu vou fazer tudo que ele falaria de desculpa E eu vou falar para os amigos dele que ele não vai fazer outra coisa, dar vontade de eu explodir a escola e rasgar os papéis dele só para não ter a desculpa que precisa fazer a atividade.

Só para ver

É só uma raiva assim.

Mais alguém aqui já...

Camila, Yasmin Camila falou Yasmin Alguma coisa?

Eu acho que por muito tempo

A Maria

Por muito tempo eu fui uma pessoa muito diferente do que eu queria do que eu era para fazer amizades novas para poder me encaixar em certos grupos Já foi muito tímida. Agora estou conseguindo mudar esse jeito.

Está até falando aí, já é um avanço...

É verdade, tem um ponto. Então eu acho que de uns tempos pra cá eu fui percebendo que eu não precisava exatamente mudar quem eu era pra agradar outra pessoa E se alguma pessoa fosse uma amizade comigo, ela faria, porque ela gosta do meu jeito Então isso é uma coisa que mudou bastante esse tempo pra cá que eu fui percebendo Eu fazia as coisas e eu pensava, por que eu tô fazendo isso daqui? É pra fazer novas amizades, mas porque, quando que eu vou poder ser quem eu sou? Sabe, assim, sem precisar ser alguma coisa pra alguém...

(PARTE INAUDÍVEL)

Mas alguém quer compartilhar alguma experiência?

Peraí, cadê o gaiteiro?

Foi no banheiro... que se pegou pensando por que eu estou fazendo algo que eu não queria E as vezes não é nem que a gente não queria muito, não é nada muito sério Mas as vezes são as coisas pequenas do dia a dia que a gente olha e diz Ah, talvez eu não queria ter ido nesse lugar com essa pessoa, talvez eu... Alguém mais. Quer compartilhar?

Quem ainda não falou, Yasmin... Natalie, desculpa, Natalie, né?

Que ótima professora, né? Não sabe nem falar dos alunos.

Ah, mas é que é novidade pra mim, já foi a primeira vez que eu encontrei vocês.

Imagina só se tivesse dois Vanderlei aí na sala.

Ai, ferrava né?

Outra situação que às vezes acaba que a gente, tendo esses momentos de apreciação de situações como essas, claro que aqui a gente está dentro de um teatro, as coisas são muito mais maximizadas, né? A gente coloca aqui um peso que talvez o cotidiano não dê para essas situações, ainda que isso seja coisas cotidianas que a

gente vê durante o nosso dia a dia, né? Brigas, discussões, situações onde as pessoas acabam, de certa forma, se ofendendo e depois já fazendo as pazes. Dentro da peça, existem cenas onde elas trocam., elas têm momentos de carinho. Elas não estão o tempo todo se se ofendendo ou se xinga.

É um momento de carinho, meio "BRUTO" é exatamente um momento de carinho que parece que a qualquer momento ela vai socar a cara dela, falar bom dia.

É meio bruto.

Acho que eu exagerei né.

Não é isso aí, é você.

E então, vocês já presenciaram algum tipo de situação onde vocês tiveram que tiveram vontade de intervir assim? E digo meio que de certa forma e não necessariamente intervir no sentido. Mas vocês sentiram vontade de dizer gente, pra quê isso ou algo desse tipo assim? E pode ser mais com os colegas ou às vezes a própria relação que a gente tem. Às vezes a gente se pega brigando com alguém, dá um passinho pra trás e pensa pra quê? Por que a gente está brigando uma coisa tão banal?

Isso me lembra, sim, de um negócio que aconteceu, que tinha uns cara do ensino médio, da minha escola, da escola do meu amigo, da minha antiga escola, que eles estavam querendo, que eles estavam brigando ali numa discussão, trocando soco. Assim era soco na cara, chute no saco, um trato que não acabava mais. Era capaz de alguém morrer, quase morreu ne. Aí eu fico aí o que eu fui intervir ali? Tentou separar, chamar o professor. Só que aí, quando eu vi o cara sacando uma faca...

Aí não dava,

Eu pensei morrer pra quê? Não vai adiantar de nada virei as costas e fui embora. Já passou. Vai que gerava o ranço de mim.

Quando eu era menor assim, tipo uns 7 anos na época, o meu irmão e minha mãe costumavam brigar bastante. Às vezes eu digo, o meu irmão estava numa fase assim, meio difícil, assim...

Fase de sair de casa, fase de perder o BV, puberdade, a pré adolescência.

E daí eles ficavam brigando assim discutindo e eu ficava no quarto sozinho, tipo dormindo, só escutando, sabe. A minha vontade mesmo é de poder, sei lá, tentar parar ali, mas depois eu conheço, e tinha até medo de tomar um tapa no meu irmão.

Assim sabe...

É mais a vontade de perder a bola ainda com um chute.

E assim aí não dava né.

Mas ainda que eles brigassem, ainda existia amor entre eles.

Claro, sim claro.

E que é que nem a relação que a gente viu aqui. Elas são amigas há muito tempo, elas se gostam bastante, mas às vezes a gente se pega numa situações onde a gente vai pra um lugar aonde não dá mais pra gente ficar junto e a gente não aceita porque a gente depende tanto do outro. E daí seja de uma, por exemplo, da tua mãe, sei lá. É uma relação ainda muito mais afimco do que só uma amizade, né? Mas às vezes, por exemplo, num relacionamento. Mas entre namorados tem uma, tem outras dependências que envolve, né? Pode falar

A minha mãe e o meu pai, quando eu era menor, sempre eles brigavam. Daí eu sempre chegava na minha mãe e dizia para para, daí, até os meu três anos, a minha mãe cansou e ela foi embora. Daí agora meu pai e minha mãe são separados, mas eu lembro que era horrível, porque todos os dias eles brigavam.

É, e as vezes é isso as pessoas têm que realmente se separar e entender que nem sempre tudo vai ser pra sempre e que às vezes as brigas são um alerta pra que as pessoas olhem, disse. A gente não tem mais compatibilidade em certas coisas.

A peça também fala sobre essa. Ai merda, o que eu ia falar... Relação tóxica, me lembra... Ai esqueci...

Daqui a poquinho tu lembra...

Quer falar, Luiza? Compartilhe com a gente.

Não, deixa.

Não tem problema... É, Eu quero agora. Nesse momento vou ler algumas das dicas que vocês deram para vocês. Vamos fazer uma votação? Vamos ver qual que vocês acham que são, dicas boas ou dicas ruins. A partir das dicas que vocês deram, eu vou sortear, Não vou saber quem foi.

Lembrar dos momentos bons e refletir se a briga é realmente necessária. Vocês acham essa uma dica boa ou uma dica que talvez não surta efeito, mas a relação delas.

Eu acho boa sim.

Assim, acontece que a briga acabou começando, por que elas lembrarão dos momentos né, elas estão lembrando e daí começaram naquele momento ali.

Às vezes até as lembranças causam a briga. Então, às vezes lembrar não é.

Às vezes a capaz de que uma lembre que roubou, o pão com ovo da outra...

Depende também das lembranças

Se foram boas ou ruins, então vai depender do que elas construíram. Durante esse tempo, ne.

Elas começaram a brigar principalmente por uma falou mal do cabelo da outra.

Alguém mais quer falar alguma coisa sobre essa dica? Tá vamos lá. Quem acha que essa dica é boa, levanta a mão.

Eu não sei se eu entro no momento.

Você pode ser oposição, não tem problema. Se você não acha que...

Sete acham que é uma dica boa. Um acha que a dica não é tão boa assim,

Não é nem de não ser tão boa. Só que eu fiquei confuso. Começou de um jeito vai terminar do mesmo jeito ou vai terminar quase voltando pra casa e parando na mesma posição. Você vai começar a reverter a peça e voltar até a música do início. Ao contrário.

Ainda não sabemos como vai ser o final dessa peça.

Aprenderem a respeitar o jeito uma da outra. Solidariedade. Vocês acham que respeitar o jeito do outro é uma...

Elas tentaram, mas isso gerou briga. Tudo entre aquelas desgraçadas gera briga, da um oi fala, não, não sei o que você é arrogante, não, mas você é mimada...

Mas alguém acha que essa dica não é tão boa? Além do...

Eu to doido pra quando elas sacaram uma arma, porque daí sim eu vou gostar

Alguém gosta da dica? Quer defender a dica.

Ou uma com um canivete outra com um facão...

Alguém quer defender essa dica? Pode defender, a defender a dica Por que você acha que ela quer evoluir e aprender a respeitar o jeito uma da outra?

Assim é porque como vc disse, ela se soubesse mesmo respeitar não geraria briga, então ela tem que aprender a respeitar.

Por que todas as vezes que elas estavam conseguindo avançar nisso, encontraram motivo.

Ok, vamos ver mais uma.

E eu quero entender.

Pode perguntar.

Aqueles banquinhos lá era o mesmo. Eram os mesmos de quando ela estava na entrevista com a política. Por que eu fiquei curioso.

Elas manipulavam os lugares

É os lugares se transformam, o teatro que tem esse poder.

Não, mas elas foram burras no final, né? Que elas transformaram o apartamento na cadeia.

É porque elas chamaram a polícia, né? Então a polícia acabou... O pulo temporal da história não é pro passado, ele é pro futuro. Então a cena acontece, a cena da caixa, elas descobrem a caixa e elas caem dentro da investigação ali, que elas estão interrogadas. E depois elas voltam pra mostrar como que foi essa cena, e a caixa deu e elas descobriram o que tinha ali. A próxima dica é...

Eu achei legal o coque.

Obrigada.

Terem mais empatia, pensarem mais em como cada uma se sente e refletirem sobre os sonhos da amiga. Então é empatia, né?

Acho que elas brigaram também por causa dos sonhos ali.

É muito legal. Isso é muito legal pensar, porque às vezes elas estão brigando mais por causa da outra do que por causa da outra. As suas próprias causas, né? Acho que as vezes a gente acaba meio que esquecendo das nossas coisas e acaba gerando atritos por causa dos ideais dos outros, né? Alguém discorde da dica? Não? Alguém quer falar alguma coisa sobre, acrescentar? Quem aqui gosta da dica? Unanimidade, então, essa.

É que aí elas podem usar a briga pra acabar a briga, né?

Uhum.

Vamos ver mais uma e daí a gente vai pra próxima. Separar elas, separar a cela.

É isso que eu tinha em mente, né?

Então, a dica é que elas cada uma vai pro seu lado mesmo.

Porque aí tu pensa, elas vão separar? Elas não entram nem nos pensarem em parar, mas elas podem ir lá separada, pensar sobre a merda que elas fizeram.

Sentir saudade.

E quando elas se juntarem, elas vão pensar, ah não era tão ruim. Vem cá, me dá um abraço.

Não vamos perder tempo.

Alguém aqui acha que essa dica é boa? Acha que a solução sempre é fim?

Eu não disse que era fim.

Não, mas vai pra isso, né? Separar elas, talvez elas se encontrem nesse lugar sozinhas, né? E daí não voltem mais. Porque o que vai acontecer depois da separação é mesmo.

Eu penso que nem os vídeos do Darman. Um trai o outro, aí quando se encontra, tá todo mundo amigo.

Alguém não gosta da dica?

Não, não é que eu não goste, eu vou falar.

Pode falar.

No caso assim, tipo, eu acho que é um jeito, só que tipo...

Vai gerar mágoa.

É, e também meio que assim, se elas se separarem, uma é tão dependente da outra, vai gerar assim...

Ah, eu tô pensando. O marido? Seria tão ruim que ele pode contratar para esconder a faca.

Mas termina a tua ideia, Dodo.

Como elas são tão dependentes uma da outra mesmo, elas brigando assim, talvez seria uma solução elas darem um tempo, mas não terminar totalmente, talvez.

É isso que eu queria dizer. Elas não vão ficar presas para sempre, a não ser que as duas tenham cometido homicídio, entendeu.

Uhum.

Seria bom elas se separarem, não totalmente, mas realmente por um tempo, até para refletirem, fazerem uma terapia, que eu acho que elas tão precisando.

Eu concordo que a cada cinco segundos de resolver, elas arranjam outros três problemas para brigar.

Fala, Luisa.

Eu não acho que a solução seja separar elas, porque primeiro que a amizade começou há muito tempo desde crianças, né, aí só vai terminar assim, do nada?

Minhas amizades começaram desde criança, sabia?

As minhas também

Nossa, caramba!

Mas é esse momento que é importante de pensar, né? Vai terminar do nada? Talvez tenha que realmente usar algum recurso de se afastar.

É, como o Rodolfo disse, dar um tempo, talvez?

Isso, dar um tempo pra reelaborar a relação.

Até porque, essa dependência, que elas sentem uma pela outra, é um pouco tóxico, porque tanto por isso que elas começaram a brigar, porque uma ia casar, o outro ia pra fora do país.

Sim, faz casamento online.

Só um pouquinho, só um pouquinho. Deixa ela terminar a ideia, continua.

Então, não se separarem totalmente, mas realmente refletirem sobre que cada uma sente se ajeitarem sozinhas, pra elas não terem tanta dependência uma na outra e quando elas se encontrarem, elas puderem...

Ser saudável, voltar a ser saudável.

Ser saudável.

Será que existe casamento online?

Eu acho que essa questão, eu acho que se a gente for analisar friamente como elas estruturam essa partida, elas vão para um extremo, né? Uma vai para fora do país e a outra vai casar, vai ter sua família. Então querendo ou não, a amiga pode fazer parte, mas ela não vai mais ser tão parte quanto a outra e a outra vai estar lá do outro lado do país, né? Então não tem como mais ter um elo. Então elas vão para um extremo muito grande de separação, que talvez seja aquela dica ali, né? Separar elas de vez e assim cada um segue a sua vida.

É só ter chamada de vídeo.

É, elas podem voltar por ligação e por alguns recursos.

Eu tenho uma pergunta.

Pode fazer.

A gente vai atuar em algum momento?

Hoje não. Mas nós podemos pensar.

Você gosta de atuar?

Eu sou muito boa em fazer pessoas bêbadas.

Bêbadas, aé? Então depois a gente quer ver esse teu virtuosismo.

É só me dar uma garrafa Coca-Cola, de vidro, que Oh...

Eu queria perguntar para vocês se em algum momento vocês se sentiram desconfortáveis com as cenas que vocês viam?

Acho que todo mundo na hora da briga.

Deixa, cada um responde. Na hora da briga, o que mais? Vamos ver todo mundo, algum momento que vocês se sentiram desconfortáveis. A gente quer ver todo mundo, vamos ver.

Teve algum momento que despertou um gatilho, me senti incomodada, não...

É que foi uma coisa mais pessoal.

Não, mas não precisa expor, só...

Não, não, tudo bem. Não é tão pessoal assim. É só que um amigo meu vai se mudar para São Paulo daqui a pouco. E eu pensei muito nisso porque é algo que realmente, tipo, a gente tinha esse sonho e tal, de morar junto até aí e tal. Então é uma coisa que eu cheguei a quase chorar nesses momentos porque eu vi muita gente, não exatamente nelas, mas a situação delas foi um pouco... não me sinto desconfortável, mas pegou um pouco no emocional.

Que bom, tá, entendi. Não que isso tenha te incomodado, mas isso despertou um gatilho.

Mas pegou, mas pegou, é nesse sentido que a gente queria provocar, né?

Não necessariamente precisa ser algo ruim, sabe? Às vezes a gente pode olhar pra uma cena que pode estar acontecendo uma coisa muito caótica, mas aquilo que despertar algo interessante ou algo que não seja necessariamente só para as coisas ruins, mas também a gente também é humano e a gente é cheio de gatilhos o tempo inteiro olhando as coisas do cotidiano e na vida mesmo. Então, às vezes vai despertar coisas ruins, a gente vai olhar uma flor e vai achar bonita, vai olhar um cacto, vai olhar um barco que tem espinho, que machuca. Então, essa apreciação das coisas cotidianas e de obras...

Esse que é o problema, tudo que é bom, o lado ruim é o pior de todos. Bolacha, recheada, óreo, é gostoso, mas se tu come demais, vai começar a engordar, vai ficar cheio de problema, vai ter colesterol alto.

Uma cena que não me senti desconfortável, mas eu senti assim. Foi quando elas estavam com as caixas, elas iam mudando assim, né? Eu lembrei de uma vez que eu tinha uma amiga delas da infância e ela foi se mudar de cidade. E daí eu fui no dia da mudança dela, ajudar ela com as caixas, eu lembrei desse dia.

Então, te trouxe uma memória afetiva, ainda que não tão ruim, mas te trouxe algo. Pra mim também teve uma memória bem parecida. Eu tinha uma colega minha, que até a mãe dela trabalhava com o meu pai. E aí no segundo ano, dois dias antes, ela me avisou que ela estava mudando pra Porto Alegre. A gente era bem amigo. Lembrei um pouco, assim, sabe?

Que é? Antônio? Antônio. Quer falar alguma coisa? Não? Mais alguém? Quer falar de algum momento?

Eu me senti desconfortável na hora que elas estavam se mudando. Que elas estavam pegando as coisas. Além dele estar me dando uma agonia que elas estavam muito lentas.

Uma, tinha mais caixa que a outra

Um gatilho, assim, que é que tinha menos estava demorando, e a outra que tinha mais que estava não tava demorando.

Foi mais uma sensação da cena.

E também porque não parava de piscar. Estava começando a doer o olho.

Naquela parte que a Mariana estava gritando com a Clara e que a Carla falou do casamento. Mas na verdade a Carla ia dar um presente, porque uma sempre sente o mal da outra do que o bem

Elas estão sempre esperando o ruim

É o pior

Estão acostumadas com o ruim, que é tudo ruim

Isso é muito legal, essa percepção porque elas estão sempre nessa coisa de procurar uma briga parece que elas estão sempre procurando uma briga para movimentar a relação delas porque já está tão cansativo que elas estão nessa busca o tempo inteiro de achar qualquer coisa para...

Qualquer coisa pra alfinetar

Então, isso é muito legal

Elas estão sempre procurando um pelinho na bunda para arrancar

A gente sabe que na vida é inerente que a gente tem que se relacionar com as pessoas...

É necessário

É, inerente significa necessário é algo que é tão necessário que a gente não tem controle, então a relação ela tá aí, seja com a família, seja com os amigos, seja colocado dentro do ambiente escolar, onde a gente é colocado em turmas, então a gente acaba se relacionando o tempo inteiro. Eu queria deixar pra vocês agora, porque a gente vai marcar um novo encontro com vocês, pra mostrar o final da peça.

Tem um final.

Tem um final, ele existe, mas ele vai ser mostrado pra vocês daqui um tempo.

Daqui dois dias?

Não, daqui um tempo.

Talvez um pouco mais, talvez um pouco menos.

Já tem mais ou menos uma data entre, vamos supor, dia 20 de outubro até dia 30, pra gente ver.

É, vai ser em novembro.

A gente já tem a data, mas a gente quer dar esse tempo.

E vai ser na escola, então a gente vai com a peça até vocês

E a gente vai pegar vocês pra apresentar o final.

Vamos supor, mas vai ser em cada escola, tipo todo mundo vai juntar e vai uma escola de uma pessoa diferente.

Não, a gente vai lá no Vicente Ferencena, vai juntar vocês.

Mas tipo, é ele que lá do Vicente ele vai estar ou não vai estar?

Não, todo mundo do Vicente, todo mundo do Vicente. Não?

Ele é do Vicente?

Eu sou.

É? É, todos são do Vicente.

Ah, tá.

Sim. Todos são do Vicente.

Ele é da manhã.

Ah, tá, é verdade.

Isso, é da manhã, é da manhã.

Todos são do Vicente.

Então, a gente vai lá na escola, vai juntar vocês.. A gente vai juntar vocês e aí vamos apresentar lá na escola.

Vai ser num dia de semana?

Vai, vai ser daí num dia de semana, num dia...

Pode ficar tranquilo, a gente vai buscar um por uma na escola.

É, e daí eu quero...

Mas vai ser tipo no meio da aula?

É, não vai ser no recreio, a gente não vai pegar o recreio de vocês.

As profs já sabem.

As profs já estão sabendo. É, e daí como dever de casa pra vocês... Como dever de casa pra vocês, eu quero que vocês. A partir de hoje, comecem, de certa forma, a prestar mais atenção nas relações que vocês vão vendo, seja na própria ou seja na de terceiros, então, comecem a prestar mais atenção como as pessoas se relacionam, como que elas têm essa... se tem uma comunicação direta, se é uma

comunicação truculenta, onde uma fala uma coisa, a outra entende outra, e como que vocês identificam...

Acho que foi o momento que ela falou Apesar de...

Teve uma comunicação truculenta, né, porque ela tava...

Toda carinhosa,

Toda carinhosa né, dizendo que ela era a pessoa preferida dela e a outra usa um termo que pode ser transformado em algo que é tipo assim, apesar de você ser assim, eu te amo. E é ruim? Não, tipo, você tem que me amar porque eu sou assim, né, porque apesar disso eu vou te amar. Então, essa é um exemplo de comunicação truculenta, onde talvez ela não queria falar aquilo. E eu quero que também vocês identifiquem quais relações você se sentem seguros em estar e quais vocês se sentem desconfortáveis e eu não estou dizendo pra vocês não serem mais amigos dos amigos de vocês, tá?

Risos

É só pra vocês identificarem se vocês estão em uma relação tóxica.

Vou chegar nos meus amigos e vou dar um soco, vai se fude, eu te odeio

A agressão não pode. A agressão não pode. Não pode... Pensar sobre como você se relaciona com as pessoas e quando você se sente confortável em estar com aquelas pessoas. Tipo, tem momentos que é desconfortável, tem momentos que é confortável. Bota numa balança. É mais confortável estar com ela, por isso que eu tô com ela ainda. Porque cada um é diferente. E também se notar, né? Em que momento eu deixo essa pessoa desconfortável? Em que momento eu coloco ela em cheque ou em gatilhos que ela se sente desconfortável e não consegue estar ali? Então é pra vocês pensarem mais, é um momento de reflexão de vocês e prestando mais atenção durante esse período que a gente vai deixar vocês com essa peça. Reverberando na cabeça de vocês, então esse tempo ele é parte do processo também de vocês receberem essas informações, não receberem o final porque? Porque assim vocês não fecham aqui, vocês ficam com uma pulguinha atrás da orelha pensando no que pode ter acontecido.

Ficou com o capatinho furico?

É, pressionando pra ver o que vocês vão fazer. E então seria isso. Você vai levar? **Eu levo.**

Tá, então

O que vocês imaginam que tem dentro da caixa?

É, o que que é?

Um corpo.

É, uma pessoa...

Um corpo morto.

Um corpo morto.

Mas não deve ser isso.

Assim...

Eu acho que é.

Eu acho que é.

Pelos comentários delas é muito óbvio...

É que ela falou, só que ela falou muito baixinho.

Um corpo, um corpo morto, o que é mais?

Ela falou que é uma pessoa.

É por causa que com o tempo... Primeiro ela falou... Eu não matei. Daí ela falou quieto.

Depois ela falou corpo. E daí ela também falou quieto. Aí juntaram as duas coisas.

Pode ser um animal também.

Pode ser o que Luísa?

Um animal

Para mim tem as seguintes opções, um corpo, uma arma ou uma foto do Pablo Vittar sem calcinha. Isso aí realmente eu sentiria, eu acho que qualquer um sentiria muito medo.

Mas você acha que precisaria chamar a polícia para isso?

Sinceramente, eu acho que uma foto dessas é uma aberração.

Eu também acho que se fosse um cachorro ou um animal elas precisam chamar...

É porque elas chegam a ser presas.

Já sei que é o Israel, tá lá o dedinho dele...

Num momento ela fala a você matou minhas plantas, aí ela fala. Mas planta, não é pessoa E daí? A outra...

Por isso eu não acho que não seja uma arma.

Seja algo mais humano. É algo voltado para o humano, não para o objeto.

Para o tamanho da caixa seria uma pessoa adulta, nem uma criança na nossa idade seria uma criança de sete, cinco anos ou até um pouco menos.

Eu sei lá, criança vestido de baile, vestido de bailarina queimado por dois anos no mesmo lugar. A diferença é que tipo de bailarina era a filha do delegado da polícia.

Mas alguém tem alguma hipótese sobre o que tem dentro da caixa? Queria compartilhar com a gente.

Fala, Maria, que tá vindo nessa cabecinha. A Maria tá longe.

Essa cabecinha perturbada de Groa

Não, não.é só que, durante a peça a minha cabeça foi um pouco longe. E pensei em algo mais metafórico, sabe? Como se dentro da caixa delas tivesse lembranças delas, dos tempos que elas passaram junto e meio que ela mataram tudo aqui, mas não sei Boa metáfora, mas algo mais subjetivo e não literal.

Para mim, a coisa que mais faz sentido sabe o que quer que. Tipo assim, no meio dessa relação bem complicada. Sei lá, uma tirou uma foto da outra que ninguém, que ninguém gostou, simplesmente porque aí começou aquele ódio infinito, sem fim. Porque eu não seria um preso por causa disso?

E por causa que é uma coisa metafórica como ela falou, como se elas tivessem matado.

Vocês acham que isso tudo aconteceu mesmo assim? Vocês acham que elas realmente foram interrogadas? Vocês acham que elas foram presas? Existe alguma possibilidade de elas terem simulado tudo aquilo pra...

Eu cometeria suicídio. Eu pegaria a facinha...

Mas é que não tem faca em cena, né? A gente não trás esses elementos .

Na hora do almoço da cadeia.

Mas não, não, não, não dá cadeia, não tem faca na cadeia, não tem faca.

Eu estou assim. Sei lá. Tipo, parece que vai vir um plot twist.

Vai vir um plástico twist. E na verdade a Carol era o Luciano Huck...

Sei lá, tudo isso, talvez...

A Mariana era ferr...

Uma Lembrança, alguma coisa tipo assim, não sei. É porque...

Pode ser tudo e pode ser nada.

Pode ser, não tem como saber.

É por que todo mundo espera que seja.

O óbvio.

É que tem uma pessoa morta. E elas vão presa, mas na verdade é uma outra coisa totalmente diferente.

E vocês acham que se for algum crime, quem vocês acham que cometeu o crime das duas?

Eu acho que não foi nenhuma das duas

Eu acho que foi a advogada, acho ela meio pirada, não tem cara e não parece uma advogada

Ela tem cara de quem quando o furico começa a doer, começa a rir. Isso é tão engraçado...

Alguém acha que pode ter sido a Carla?

Quem acha que foi a Carla?

A Carla é bailarina.

A Carla foi esquecida

Eu acho que como eu não conhecia. Eu acho que pode ter sido até o esposo da Mariana. Como ele é médico, a pessoa pode ter morrido, ele queria meio que estragar a amizade delas...

É uma possibilidade boa.

Hum bem interessante.

Pra afastar as duas né

Porque ela podia cancelar o casamento, terminar com ele pra ficar com a amiga de que com ele, ele queria meio que estragar em relação.

Pera aí, pera aí, fala Lu.

É? Como é um médico pode ter mais facilidade e acesso a um corpo.

Perfeito

Aí alguém acha que pode não ter sido nenhuma, que não tem nada ali dentro?

Nada, não. Tem que ter alguma coisa coisa.

Tem alguma coisa ali.

Se uma tem a chave o marido dela também pode ter...

Eu pensei nisso porque eu pensei que o marido como é marido dela, ele deve ter a chave do apartamento, então era muito fácil ele entrar.

Ele tem acesso à casa delas ne.

Ele era um Médico

E estava cheio de caixa, então quando veio aquela caixa surgiu.

É ele é medico, tem acesso...

A claro ninguém ia notar um caixotão fedendo a cadáver no meio da sala

Não mas devia ter colocado recente

Tu sabe quanto tempo demora pra um corpo começar a feder? Sabe o que um corpo começa a feder antes de morrer ne... é só ele não tomar banho...

Mas alguém tem alguma contribuição que queira falar sobre o que viu, se gostou ou se não gostou? Não é sobre gostar vocês podem ter simplesmente não gostava de nada do que vocês viram.

Aquela hora que ela estava tirando as caixas e tinha aquelas luzes piscando, piscando. Nossa, essa de falar do eu não ia ficar olhando, dava um negócio no meu olho. Era algo que eu não conseguia olhar para aquilo, me deu uma sensação ruim.

Fora que é inútil as luzes ficarem piscando, a gente já tem essa.

Alguém quer falar sobre a trilha sonora?

É sobre a trilha...

Sobre o que?

A escolha das músicas

As músicas foram bem temáticas

A primeira música, todo o começo estrutural da primeira cena, nossa, uma musiquinha, elas mexendo no celular, elas olhando uma pra outra assim, sem querer se encostar, nossa, foi muito bom.

Olha pra mim eu senti um pouco de medo

É muito a gente né, é muito a nossa vida né, e muito a nossa rotina estar com as amigas, olhar o celular olhar as lembranças, o próprio, as próprias redes sociais nos fazem lembrar,

É que as músicas ajudaram muito

A música é legal.

Eu senti um pouco de medo naquela cena, que parecia que não existia nada, só existia as duas mexendo no celular, e não dava nem pra ver o corpo, era só o rosto o braço e a cara, e aqueles cabelo.

Fala Dodo,

Eu acho que meio que assim, a música, no início, elas estão alegres. Daí, como vai avançando, vai se tornando mais triste, uma vibe mais, sei lá, melancólica.

Uma vibe dark.

É, assim, triste. Até porque é triste elas estarem brigando.

Eu acho que até elas acham triste isso.

E o jogo de luzes também. É muito um negócio assim. Quando elas estavam começando a discutir, começaram as luzes vermelhas. Esse jogo, quando era uma cena...

Quando elas estavam conversando, não sei se era com a polícia, até com um advogado. Um aqui, outro lá.

O interrogatório.

Daí, tipo, a luz veio e vibrou nela.

Foi um jogo de luzes bom ali.

Uma disse, eu acho que era a advogada que falou, eu estou sem o meu advogado.

Elas estavam no interrogatório.

Mas ela é advogada.

Ela não pode se defender.

Ela não pode se defender.

Ela não pode se defender.

Elas estavam num... Elas estavam num julgamento. Num julgamento, num interrogatório.

Eu não sei se ficou... Deu pra vocês entenderem que elas estavam... Elas não estavam juntas, né?

É

É elas estavam separadas.

Mas era muito fácil elas ficarem juntas. É só levantar do banco e pular...

Quando... Eu ainda não tinha... Com quem ele tinha falado primeiro. Porque uma hora... Ela respondia, o quê? Ela falou isso de mim. Depois ela falou, meu Deus. Mas provavelmente... Uma foi interrogada antes.

Sim, porque eu ainda não entendi... Qual que foi a primeira e qual que foi a outra. Elas estavam sendo interrogadas... Simultaneamente. Tinha um cara passando as informações.

Sim. Acho que... Acho que é isso.

E o Pix? Nada ainda?

Então, eu vou, lá por novembro, então eu entro em contato com vocês para a gente falar.

Falar de novembro, um amigo do meu pai inventou um molde que ele resolveu comprar um boi. E agora, e agora, e agora, e eles resolveram que vão assar, novembro?

Não, mas não te preocupa. Vai ser durante a aula.

Vai estar em aula e a gente vai te chamar. Vai estar em aula e a gente te chama.

Vai ser de manhã? Vai ser de manhã? Vai ser de tarde?

A gente vai ver se dá para fazer, por exemplo, se só alguns são da manhã e a gente tentar trazer.

Todo mundo daqui é da tarde?

Três é de manhã. E tarde? Cinco de tarde. Cinco de tarde.

A gente vai fazer essa logística com a prof também, pra ver se a gente consegue remanejar, ou fazer de manhã, ou fazer de tarde, ou fazer nos dois horários.

É porque é legal fazer com vocês, pra vocês estarem juntos de novo, né, pra saber se fim junto, pra vocês também, essas conversas voltarem.

Aí o final é mais curto, né, então a gente só vai lá pra mostrar o final pra vocês. O final é mais curtinho, é só aquela cena final ali.

Vai mostrar o raio da caixa!

Mostrar o que que tem lá dentro, tá?

Espero que esteja. Pra mim a única coisa que faz esse sentido, pra elas ficarem tão assustadas indo parar, até na polícia, é uma foto do Pablo Vittar sem calcinha. Ligue os pontos!

Então tá, gente, a gente agradece vocês imensamente. Tá, mais alguém quer falar alguma coisa? Não? Acho que não, né? Então tá, meus amores, um beijo. Obrigada, eu vou levar agora.

ANEXO I – Segunda Roda de Conversa

Então, gente, esse foi o fim da peça. Eu queria, nesse primeiro momento, perguntar para vocês como foi esse tempo desde o dia da apresentação até agora. Se vocês, de certa forma, conseguiram encontrar conexões que vocês vivem no dia a dia com coisas que vocês viram aqui dentro, seja nas relações que vocês tenham ou não. Tudo muito livre, como foi naquela primeira vez. Hoje vai ser uma conversa mais descontraída e não tão militarizada com perguntas. Eu acho que eu quero deixar esse momento mais para vocês falarem sobre o que vocês viram, sobre como isso reflete naquilo que vocês viram lá. Se vocês acham que o fim é bom, se é ruim, se é básico, se é mais ou menos, vocês podem falar o que vocês quiserem, o que vocês acharam sobre tudo. E, claro, se vocês quiserem, o espaço está aberto para vocês falarem ou não, se vocês sentirem a vontade. Mas eu queria que vocês falassem a impressão de. Você sobre como foi ter um tempo para saber o final, se isso gerou uma expectativa ou não, se vocês lembravam ou não do que vocês viram lá, se vocês conseguiram criar as conexões novamente. Quem quer começar?

O que vocês acharam desse final?

Eu acho que nesse meio tempo da peça, sei lá, sempre quando alguém tinha uma atitude parecida com o que as duas tinham, eu lembrava da peça. Acho que ficou um tempo para pensar, ficou na memória da peça.

Alguém mais?

E vocês acharam que esse final, imaginavam que era esse final? Acharam que era um esquisito?

Um corpo morto, na verdade. Não exatamente um esqueleto. Tipo um corpo em decomposição.

Vocês já viram aqueles esqueletos de estudo, né? Sim. É um desses.

O que vocês acham que... Por que vocês acham que elas transformaram... Eu acho que quando a gente vê um esqueleto de plástico, a gente consegue associar que ele é um esqueleto de plástico, né? Eu acho que dá pra ter uma noção. Vocês acham que... Por que elas transformaram isso em algo? Se vocês sentem que elas tinham... Alguma pretensão com essa... Com essa transformação, assim... Pode falar.

É porque, tipo, com a tensão, no momento eles podem acabar não ter visto, ou elas queriam brigar mesmo. Achar sempre um motivo para brigar.

Colocar a culpa uma na outra.

Fazer a relação delas... É... Girar. Se alguém mais quer falar, eu vou tentar dar uma explicadinha pra vocês, pra vocês também, se vocês não conseguirem enxergar muito o que eu queria. Eu acho que vocês conseguiram entender mais ou menos o que que era quando ela fala que era motivo pra brigar. Eu acho que quando a gente inicia a peça, quando tem duas pessoas que vão embora e elas continuam no lugar ali, procurando motivos pra continuar juntas, a gente consegue perceber que elas estão buscando um motivo pra não sair dali. Porque se eu quero ir embora, eu pego, mas depois eu vou embora, eu não deixo acontecer situações pra que eu permaneça nesse lugar. Então, a peça, ela traz essa... é algo tão banal, um esqueleto de plástico, que não é sobre o esqueleto, é sobre elas. Então, é sobre como elas criam e cultivam essa relação, que é uma relação tóxica, que elas têm uma dependência emocional uma pela outra. Então, elas cultivam essa relação a partir da toxidade que uma tem da outra. A Mariana um pouco mais ácida, talvez, um pouco mais dura, um pouco mais gritona, e a Carla nessa coisa mais sutil, que vai pelas beiradas, ela é um pouco mais... ela não é tão dura quanto a Mariana, né? Então a peça ela retrata essa relação das duas muito nesse lugar de dependência mesmo, sabe? Elas dependem tanto uma da outra que elas forjam uma situação completamente descomunal para continuar juntas, né? Para continuar ali, para continuar ali nessa relação. O que vocês acham do final delas permanecer em juntas? Como vocês veem isso refletido numa relação cotidiana, assim?

Eu acho que quando elas ficaram um tempo juntas, elas ainda não estavam meio dependentes pra se separar uma da outra Daí eu acho que por isso que, até ali no finalzinho elas já começaram a brigar

Aham

Eu não sei como te explicar, sabe?

Pode falar as tuas palavras assim, o que tu...

Uma relação de amor, e ódio?

É

Elas precisam uma da outra, né?

Mas ao mesmo tempo, elas não valorizam

Elas se machucam, né?

Mas tem uma parte que elas começaram a brigar, brigar, brigar Pelo menos depois elas... elas falaram que elas tinham que... que elas precisavam falar isso Tipo, elas estão brigando, depois elas tão... Voltando, sabe, a brigar, depois elas brigam Tipo,

elas não têm independência pra morar com outra pessoa E tanto tempo que elas já ficaram juntas, elas não conseguem se separar

Estão dependentes, estão dependentes uma da outra.

E vocês consideram essa relação, vindo de fora, como uma relação saudável para elas?

Não. (TODOS)

Alguém quer dizer o porquê? Por que essa relação não é saudável para elas? Porque assim, independente de quem vocês forem próximos, parentes ou não, não pode ter dependência emocional a ponto de não ficar bem, longe da pessoa. Também, até emocional, porque daí elas vão falar o erro de cada uma, e elas vão se sentir... elas vão percebendo assim, elas podem entrar em depressão.

Elas se machucam tanto...

É, que elas podem entrar em depressão, com ansiedade.

Além de não ser saudável, a gente pode tentar romantizar essa situação e dizer que elas se amam.

É

Existe esse viés que a gente diz assim. Ah, elas se amam tanto. Que elas querem ficar juntas pra sempre, mas brigar é normal, porque tem pessoas que carregam esse discurso, que todo mundo briga, que em toda relação existe conflito, mas vocês acham que existe um limite? Vocês acham que elas extrapolam esse limite? É, bastante.

É, bastante.

É, bastante.

É qualquer coisa ali que elas brigam assim, sabe, foi brigar, brigar tudo.

Ah, é a cor da parede. Aham, briga por causa da cor da parede.

Talvez ali realmente, essa relação, o amor sucumbiu-se pelo prazer de briga, talvez. Uma das coisas que eu também gostaria de deixar mais evidente, é que a relação que elas têm, que é desde criança, com essa dependência emocional e essa toxicidade, muitas vezes ela se torna perversa, porque elas têm tanta intimidade que elas sabem como ferir uma a outra Então, ela sabe o ponto fraco uma da outra por conta dessa relação de anos, de conhecer uma outra. Vocês acham que numa relação é legal a gente ter armas para desestabilizar o outro, para que a gente consiga dominá-lo? Porque ali acontece muito disso, né?

Depende, depende também um pouco da situação, né? Tipo, se tu meio que afetou, como tu falou mesmo, afetou a outra, se tu quiser se revoltar, não se revolta. Se tu não quiser, fica quieta e fica no teu canto.

Mas usar da fraqueza da minha amiga, por exemplo, para desestabilizar ela ou para, em uma briga, ganhar dela.

É uma vantagem.

É uma vantagem.

É uma falta de consideração.

É, mas também se ela estiver te atacando com os seus pontos fracos, sua amiga você também pode atacar.

Só que daí acaba virando isso.

Vira o jogo.

E vira essa relação que a gente viu aqui, né?

De uma causa, eu tô brigando.

Sim, sim. Porque vira o ciclo, né? Que a gente fala lá do início, o ciclo sem fim que elas não conseguem parar. É... vocês acham que pra uma relação ser legal, por exemplo, eu acho que às vezes elas brigam porque a relação delas já tá tão chata há tantos anos, que elas precisam movimentar essa relação, sabe? Então, às vezes, é olhar assim... Ai, como tá feio hoje, sabe? Pra agitar, sabe? Pra não entrar... É, porque às vezes a gente já...

Porque não tem papo, não tem papo pra falar.

Elas ficam se alfinetando.

É, pra tentar até ter uma comunicação entre as pessoas.

Então, é... vocês acham que esse... esse... não método, mas essa forma de ter uma amizade onde a gente passa o tempo inteiro nessa briguinha, nessas rugas e nessas intrigas. Isso é saudável pra. Pra gente e pra relação que a gente tá cultivando ou isso, de certa forma, desgasta muito mais do que...

Desgasta,

Desgasta.

Desgasta.

Chega uma hora que fica assim, até chato, assim, sabe, tipo, começa a ficar, tipo, até mais repetitivo que já tava, assim, sabe, tipo. Tem, tipo, pontos da amizade mesmo, assim, sei lá, tem alguns amigos, assim, que, tipo, sei lá, conversam. É, mas, assim,

sei lá, se tá, se chega nesse ponto de precisar ficar alfinetando outro pra, tipo, manter, assim, a amizade, eu acho que tá melhor se separa.

É, melhor do que, acho que melhor seria, melhor separar, mas com manter contato, assim.

É, mas, seila dá um tempo.

Mas, é, melhor do que ficar se alfinetando, acaba ficando tão repetitivo.

É, eu queria agora uma resposta assim, então, ao menos uma de cada um. Você gostou ou não gostou do final da peça? Porque a gente hoje tá aqui. Mas voltado pra esse final, né? Sobre as coisas que aconteceram lá, a gente já conversou lá mas eu queria saber de vocês, pode ser, se quiser falar, pode falar mais mas se não, eu queria só uma resposta bem simples, assim porque vocês podem dizer que acham o final bobo ou que acham o final muito... Ah, constrói, constrói, constrói pra ser algo tão simples, pra ser algo tão banalzinho ou se vocês gostaram e porquê, se vocês quiserem falar

Eu gostei

Gostou? Uhum Quer falar mais?

Ah, porquê, tipo assim, a briga que elas tiveram, tudo isso esse final eu acho que é, tipo assim, comum, entendeu? Mas é legal, eu acho que é bom

Eu, gosto também como foi muita briga, muita... muita discussão pra chegar nesse final, daí eu sempre pensava que, ah, e elas estavam... eu imaginando que elas ficam lá as coisas briguentas só que daí, tipo, depois... como se fosse uma imaginação delas. eu pensava que esse seria o final

Algo mais subjetivo

É. Mas foi bom, foi bem legal

E com isso. Tu acha que tu acha que a peça se resolve com por exemplo? Sei lá fotos delas ali dentro, como se fosse um um um final da história delas. E elas vão querendo se isso seria subjetivo, né? Não, seria algo concreto, algo físico

Eu pensava que tipo elas elas gostam, Tipo elas nunca brigavam. Daí, elas estavam meio que imaginando como se fosse elas brigar. Pensava que esse seria o final

É como se aquilo ali fosse um um sonho ou um flash

Eu pensava que esse seria o final

Tá como se isso aqui nada tivesse acontecido era só

Imaginação.

A imaginação delas,

Sim,

Gostou? Que bom, obrigado.

Eu gostei assim. Tipo eu não tava esperando assim, tipo a gente sabia, todo mundo sabia que ia ser um corpo, mas tipo que ia ser um esqueleto assim tipo, sei lá dava pra esperar, mas nem tanto assim aí, meio que assim no final é eu gostei em geral, assim sabe tipo elas ficarem juntas assim mesmo, que talvez elas continuassem brigando

Pelo que vocês veem da história, vocês acham que elas brigam no dia-a-dia, ou isso é coisas pontuais,

Dia-a-dia (TODOS)

Então assim que elas tão sempre nesse, furdunço de briga. Assim é

Assim é possível de um dia, uns dois dias no ano elas tirem pra não briga. Mas (RISOS)

Mas vocês acham que é algo rotineiro, da relação delas? Achar motivo pra tá sempre brigando

É o que dá a entender...

Ah, então ah esses desentendimentos toda hora pra não tirar o seu corpo de plástico!

Eu fiquei meio sem reação, mas eu gostei da peça foi muito legal

Tá bom, Eh. A minha justificativa pra pra tua resposta é que a importância não tá no que tinha ali dentro, sabe? Poderia ter nada ali dentro, elas iam brigar igual,

Era a briga delas

Entendeu? Então eu eh. Quando a gente montou a peça, eu e a profe né. Que ela é minha orientadora. A gente ficou. Acho que umas duas semanas pensando no que que ia ter dentro da caixa, porque até então a gente montou a peça e a gente não sabia o que ia ter dentro da caixa a gente sabia que ia ter algo, e daí a gente foi nos dois extremos ter um cadáver ou não ter nada. E eu acho que eh pra pra peça ser minimamente eh racional e um tanto cotidiana algo precisava ser material é a, é a minha estética. Pode falar,

Eu pensava que ia ser. Ah, eu não sei explicar mas elas teriam sido presas por um crime tipo que não é crime na vida real. Sabe? Uhum hum Eu eu não sei explicar

Sim, eh E e aí a gente chegou nesses conflitos que vocês trazem eh, a gente falou eu não queria um corpo porque eu não queria trazer esse tom. Quem sabe um pouco

Pesado

Pesado porque eu queria trabalhar com adolescentes na faixa etária de vocês. Eu não acho que a A ainda a eh trabalhar com relação tóxica, trabalhar com independência emocional e mais com a questão do luto da morte onde ah, onde pode despertar uns outros gatilhos que não eram do meu interesse. Eu queria mesmo falar sobre relações tóxicas e tudo mais. E é por isso que eu acho que eu trago algo tão banal pra pra essa, porque não importa o que tivesse dentro da caixa, não importa. Se não tivesse uma caixa, elas iam forjar áreas pra poder brigar,

Tipo, agora eu pensei. Imagina se quando elas abrem a caixa. É um pouquinho meio que da minha imaginação. Se tivesse o corpo delas.

Um espelho?

Não o corpo delas, e elas fossem o espírito delas. Ah, é um pouquinho da minha imaginação, né?

A gente foi em vários lugares, a gente foi em espelho pra quem sabe virar pro público e o público se ver dentro da caixa

Ah isso ia ser legal

A gente pensou em corpo mesmo, a gente pensou em boneco e daí como uma escolha estética eu decido em ser algo bobo, banal Pra trazer luz à briga, à relação delas, tanto que a relação delas que pra mim é o maior foco É porque que elas estão sempre nesse fluxo de briga e incessante de estar sempre ali se movimentando pra brigar E eu entendo o que tu fala, muitas vezes eu me pego também assim, olhando, principalmente quando a gente apresenta pra adultos Porque a faixa etária de vocês ainda consegue acompanhar um pouco mais, porque compra essa ideia do lúdico, dessa história que se cria Mas pra adulto ela já é um pouco mais boba talvez, com a ideia da gente adulto. Que vocês que têm uma cabeça um pouco mais formada, com ideias e tudo mais, porque hoje em dia a gente teve situações de crianças de 10 anos tendo falas muito potentes no lugar de que adultos não teriam, então a gente sabe que essa coisa de idade também não condiz, mas eu sei que ela é, às vezes ela me parece um pouco frágil e eu me pego pensando nisso. Será que é muito frágil? Será que eu não tinha que colocar algo mais potente? Mas aí eu volto pra minha justificativa de que, pra mim, o que é mais caro é saber porque que elas brigam do que o motivo delas brigarem. É mais a troca delas do que a relação do que vai ter ali dentro com elas. Pode falar.

É tipo, esse é tipo o pot twist da peça. Podia ser qualquer coisa, elas iam estar brigando do mesmo jeito. Elas brigavam por tudo, então nem importava tanto o que ia ser, na verdade. Depois que a peça acaba, tu para de perceber isso.

E é legal a gente ter esse momento de conversa, porque também vocês me passam perspectiva sobre o que vocês viram e eu também consigo, de certa forma, com o que vocês me passam aprimorar o meu trabalho, para que talvez, quando eu for apresentar de novo, a gente consiga fazer com que isso fique mais evidenciado, talvez com outra perspectiva ou com outra solução cênica ou com outra solução estética para o que tem dentro da caixa, para que seja cada vez mais compreensível que aqui o que a gente quer falar é sobre por que duas amigas estão em uma relação e decidem ficar em uma relação, eu acho que é isso que é o mais louco, porque elas decidem ficar na relação, elas não decidem remarcar a viagem ou remarcar o casamento.

Eu acho que elas não vão fazer isso, ah vou ter que remarcar minha viagem, meu casamento, eu achava que elas iam falar isso, mas elas deixaram sabe.

É porque parece que é tipo assim ah eu vou casar só que isso não te incomoda mais e agora eu falei que eu ia casar e agora vou ter que sustentar isso meu Deus eu falei que eu ia para Inglaterra eu não quero ir para Inglaterra para ficar aqui entendeu então elas criaram coisas para tentar mexer com a outra, pra outra, ai não vai ficar aqui. e aí elas porque quando elas abrem a caixa elas têm um contato visual que para mim é muito claro que elas ali elas decidem um trato meio silencioso sabe tipo assim é a nossa chance vamos fazer disso aqui algo para a gente continuar porque elas elas se amam isso é nítido só que aqui eu acho que o amor virou um pouco de doença talvez está num lugar um tanto quanto perverso doentio sádico que elas gostam de estar nessa relação tóxica e completamente desconfortável pra elas... Eh não sei se vocês tem mais alguma pergunta? Alguém quer falar mais alguma coisa? Eu quero agradecer a presença de vocês dos outros colegas que foram lá no UFSM Pra mim é muito importante o trabalho com vocês eh vocês que são os colaboradores do meu do meu TCC da minha escrita eh Muitas coisas que vocês falaram eh respondem às minhas perguntas e as minhas indagações do meu projeto de TCC Que bom que a peça conseguiu chegar aonde a gente queria desde o início, que era provocar uma reflexão em você sobre o que vocês estavam vendo em cena eh! Vou explicar um pouquinho do meu projeto pra você pra vocês entenderem o meu projeto, então ele é eh provocar experiência estética em alunos adolescentes. A experiência estética é

um conceito do teatro onde eh a onde é quandoa gente se coloca em apreciação de algo e assim algo é tudo ou é nada que ele te que ele consegue te atravessar, que ele consegue te trazer uma reflexão e um pensamento crítico sobre aquilo. E a gente não tá falando só do belo ou só de coisas bonitas ou só de coisas boas. Às vezes a gente olha pra uma cena na rua, que é cotidiana, e que não é uma cena teatral, mas que aquilo nos atravessa e nos incomoda. Ou a gente olha pra uma rosa e a gente acha aquilo tão lindo que aquilo sabe! A gente olha pro céu e assim a gente então eh essas experiências, e aqui é uma experiência teatral. Então aqui é trazer um um, um recorte de uma temática, que converse com vocês, que estão nessa faixa etária de criar relações, criar amizades, criar eh ciclos de amigos e de confiança. E vocês Se depararem com uma com uma relação tão desgastada e a que ponto essa relação chegou E pra que talvez sim ou não, isso faça com que vocês reflitam sobre a relação de vocês. A minha pretensão desde o início nunca foi, eh definida de ah, eu quero provocar algo deles. Eu e a prof a gente sempre deixou muito claro que talvez a gente poderia chegar aqui e apresentar pra vocês e vocês falaram que nós não entendemos nada e não sei o que que era e estaria tudo bem, porque é parte do processo e é parte da pesquisa. Mas com o que a gente teve eu a profe que a gente tá, Tá muito feliz assim, com com a resposta de vocês, eh com o que vocês trouxeram de contrapartida. Foi muito importante. Eu quero agradecer muito a vocês pela disponibilidade, por terem ido até a universidade aquele dia e por terem estado aqui. Hoje eu eu falei com os pais de vocês ontem eu mandei mensagem, não sei se vocês ficaram sabendo pra avisar também pra eles que vocês vão estar nesse momento, ainda que dentro da escola, no horário letivo. Eu acho que é importante ter esse contato com eles pra que eles saibam que vocês estão fazendo. E é isso. Muito obrigado por tudo!